

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Daniele Becker Teixeira

O MOVIMENTO “VEM PRA RUA” DE JUNHO DE 2013 NO
JORNAL ZERO HORA

Passo Fundo
2015

Daniele Becker Teixeira

O MOVIMENTO “VEM PRA RUA” DE JUNHO DE 2013 NO
JORNAL ZERO HORA

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Me. Nadja Maria Hartmann.

Passo Fundo

2015

Daniele Becker Teixeira

O movimento “Vem Pra Rua” de junho de 2013 no jornal Zero Hora

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo, da Faculdade de Artes e Comunicação, da Universidade de Passo Fundo, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob a orientação da Me. Nadja Maria Hartmann.

Aprovada em ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Nadja Maria Hartmann – UPF

Prof. _____ – _____

Prof. _____ – _____

Com a conclusão desta pesquisa e análise, os agradecimentos são para aqueles que estiveram sempre envolvidos e alguma forma. O tempo dedicado para desenvolvimento do trabalho de conclusão, fez com que alguns diálogos fossem reduzidos, com isso dedico este trabalho à minha família, Felipe Morais, colegas de serviço, e aos amigos que ganhei ao longo da faculdade: Bruna Focking, Cris Oliveira, Álison Costella e Vanusa Lopes.

Com muitas conversas, troca de ideias, ajudas e socorros, chego ao final desta etapa.

Este trabalho também é dedicado à afilhada que ganhei durante a faculdade, mas que não está mais conosco.

Agradeço também à minha orientadora, prof. Me. Nadja Maria Hartmann, pela atenção concedida e importante orientação durante a realização do trabalho.

A cada um que ajudou ou torceu pelo resultado positivo desta pesquisa, muito obrigada!

RESUMO

Esta pesquisa tem como foco o posicionamento do jornal Zero Hora na forma de noticiar as manifestações ocorridas em junho de 2013, conhecidas como movimento “Vem Pra Rua”. O estudo busca analisar a posição do jornal quanto ao conteúdo noticiado sobre as manifestações, e o posicionamento do jornal logo que a mobilização aconteceu, e como seguiu. O estudo se justifica pelo envolvimento de milhares de pessoas no país em busca de mudanças, e a mídia, com seu papel de informar a população, ficou por ser pautada pelas redes sociais, local onde foi organizado e divulgado os protestos. Para tanto, uma Análise de Conteúdo é feita a partir da hipótese da teoria do agendamento, ou agenda-*setting* de cinco edições consecutivas publicadas do jornal Zero Hora impresso, em formato digital. A análise é embasada pela revisão bibliográfica. Como resultado, foi identificado que a mídia tradicional, o jornal Zero Hora, foi pautado pelas redes sociais, dando continuidade às reportagens focando primeiramente no vandalismo.

Palavras-chave: Agenda-*setting*. Jornalismo impresso. Movimentos sociais. Vem pra rua.

ABSTRACT

The focus of this research is the position assumed by the newspaper Zero Hora while publishing about the manifestations occurred in June 2013, known as “Vem Pra Rua” motion. The study tries to analyze the position assumed by the newspaper about the published contents on the motion, specifically when the motion occurred and how it was developed. This study is justified by the involvement of thousands of people around the country, seeking for changes, and the media, with its informative function, being lined by social media, in which the protests were organized and shared. To reach that, a Content Analysis is developed on five sequential editions of Zero Hora print version, in its digital format, considering the hypothesis of agenda-setting theory. The analysis is based on the bibliographic review. As result, it has been identified that traditional media, the newspaper Zero Hora, was lined by the social media, developing the reports giving priority to vandalism.

Keywords: Agenda-setting. Print journalism. Social motion. Vem Pra Rua.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Números gerais encontrados na análise/Páginas.....	43
Tabela 2 – Números gerais encontrados na análise/Conteúdo	44
Tabela 3 – Números gerais encontrados na análise/Editorias	47

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa edição do dia 13 de junho de 2013 do jornal Zero Hora.....	29
Figura 2 – Capa edição do dia 14 de junho de 2013 do jornal Zero Hora.....	30
Figura 3 – Capa edição do dia 15 de junho de 2013 do jornal Zero Hora.....	32
Figura 4 – Capa edição do dia 16 de junho de 2013 do jornal Zero Hora.....	37
Figura 5 – Capa edição do dia 17 de junho de 2013 do jornal Zero Hora.....	40

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 JORNALISMO IMPRESSO	10
2.1 A Notícia como um Acontecimento	10
2.2 Jornalismo e Cidadania.....	13
3 MOVIMENTOS SOCIAIS	16
3.1 Movimentos Sociais e a Mídia	19
4 “VEM PRA RUA”	21
4.1 O Agendamento e o “Vem Pra Rua”	23
5 ANÁLISE	26
5.1 Procedimentos Metodológicos	27
5.2 Descrição do Corpus da Pesquisa.....	28
5.3 Resultados.....	42
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
REFERÊNCIAS	50
ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

As manifestações de junho de 2013, o movimento denominado “Vem pra Rua”, impactaram na sociedade e na abordagem dos veículos de comunicação em relação a maneira de noticiar fatos que mobilizam grande parte da população.

O estudo tem como problema de pesquisa uma análise sobre: qual o posicionamento do jornal Zero Hora na cobertura do movimento “Vem Pra Rua?”. O objeto é o movimento “Vem Pra Rua” de junho de 2013 no Zero Hora impresso. O objetivo geral é de analisar as edições impressas do ZH, onde foi abordado o movimento Vem Pra Rua, em junho de 2013, verificando o posicionamento do veículo ao noticiar os manifestos. Os objetivos específicos são de encontrar referência do jornal para as redes sociais; analisar a mudança na abordagem de posicionamento do veículo ao movimento; identificar os espaços destinados para cobertura do movimento.

Para desenvolvimento deste projeto, é utilizado o método e revisão bibliográfica a partir de leituras de obras de autores como Bahia (1990), Noblat (2003) e Bucci (2008), que compartilham de conhecimentos voltados ao meio de comunicação de jornalismo impresso, Gohn (2013) e Peruzzo (1999), que possuem estudos voltados aos movimentos sociais e Antunes (2013), Marinho (2013) e Vainer (2013) que escrevem sobre o movimento “Vem Pra Rua”.

O capítulo sobre Jornalismo impresso aborda o desenvolvimento de notícias, critérios, formatos, e seu papel para com a sociedade, tendo como principais referências Bahia (1990), Noblat (2003) e Bucci (2008). No capítulo sobre Movimentos Sociais, constam informações sobre os movimentos sociais no país e a abordagem da mídia sobre estes, onde são encontrados alguns autores como Gohn (2013) e Peruzzo (1999). O movimento Vem Pra Rua têm referências principalmente de Antunes (2013), Marinho (2013) e Vainer (2013).

A análise é baseada no método da análise de conteúdo de Laurence Bardin (2000), assim como a hipótese do agendamento, ou agenda-*setting*, explicada por Wolf (2009), com a abordagem nos conceitos de acumulação, tematização e focalização, para que seja identificada a posição do veículo de comunicação impresso, Zero Hora, em relação às manifestações ocorridas em junho de 2013 no país. As edições analisadas serão as do dia 13, 14, 15, 16 e 17 de junho de 2013. A análise não se atem às fotos das notícias, apenas ao espaço destinado à ela.

2 JORNALISMO IMPRESSO

A imprensa tem como função fazer com que a ação acompanhe os acontecimentos, e o jornalismo permite que a comunidade possa participar da vida social. Pode ser considerada uma arte, uma técnica e uma ciência que busca influenciar padrões de comportamento, induzindo atitudes, registrando formas de produção e gerando hábitos de consumo (BAHIA, 1990, pp. 9-21).

Com mudanças constantes, em 1930 as transformações na sociedade e nas empresas fizeram com que os meios de comunicação se reorganizassem, passando a setorizar as notícias. Para atrair o leitor cada vez mais diversificado, Bahia (1990, pp. 75-215) acrescenta que a arte do jornalismo está na sensibilidade de selecionar as notícias que são de relevância para o público. Isso também reflete nos níveis mais altos de repórter e redatores, comentaristas e analistas.

Bahia (1990, p.75), ainda descreve que, em evolução, a metodologia do jornal de hoje é um aprimoramento das épocas anteriores, comandada por uma central de computação. Possui linguagem específica, com estilo próprio, onde foi adotado o *lead*.

Nos dias atuais, mesmo com a profusão de outros meios de comunicação e a internet, o jornal impresso ainda faz parte do dia-a-dia dos brasileiros. Dados divulgados pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) em seu portal www.anj.org.br/, em campanha denominada “Nunca se leu tanto jornal” realizada no ano de 2015 revelam que, 92% dos usuários de smartphones leem notícias pelo celular, 58% dos brasileiros confiam mais nos jornais do que em outras mídias e, principalmente, que 79% dos brasileiros que leem notícias dos jornais o fazem no jornal impresso (www.anj.org.br/, 20 ago 2015).

2.1 A Notícia como um Acontecimento

Para atrair este leitor, como foi identificado no capítulo anterior, o jornal deve selecionar as notícias a serem publicadas, o fato levado ao conhecimento público pelo jornalismo. A notícia é a base do jornalismo, objeto e fim, um acontecimento, uma matéria, um dado, verdade, mentira, certeza, dúvida, informação e comunicação. Bahia, (1990, pp. 35-42) ainda diz que toda notícia é uma informação, mas nem toda informação é uma notícia, pois deve reunir interesse,

importância, atualidade e veracidade, podendo acrescentar explicação, interpretação, investigação e opinião. A notícia deve conter informação, quem informar, e informar quem a recebe.

A notícia pode ser considerada todo fato relevante que desperte interesse público, é tudo o que o jornalista escolhe para oferecer ao público. Também é importante não repetir a mesma notícia. Para lembrar, é indispensável que seja acrescentado algo novo, ou tentar antecipar o que está por vir, porque "o medo de errar impede muitos acertos" (NOBLAT, 2003, pp. 31-114).

Sobre as manchetes, Noblat (2003, p. 116) destaca que as de capa e de página interna devem ter conteúdo factual, ser direta e objetiva, não deixando de surpreender os leitores com informações novas. Devem ser criativas, provocadoras, e reflexivas.

O jornalista tem que saber dizer o máximo que sabe, porque a verdade publicada, ou até mesmo a verdade dita pela opinião pública não é toda verdade, é uma versão da verdade, e sem veracidade não há notícia. Bahia (1990, p. 12), segue este pensamento dizendo que "a verdade é inatingível" (p. 12). Para ter credibilidade, a imprensa deve ser exata e responsável. O repórter pode encontrar a verdade, mas também pode descobrir que tem muitas faces. As notícias, para Erbolato são "a matéria-prima do jornalismo, pois somente depois de conhecidas ou divulgadas é que os assuntos aos quais se referem podem ser comentados, interpretados e pesquisados, servindo também de motivo para gráficos e charges"¹ (ERBOLATO, 1991, p. 49).

Na construção da notícia está o repórter, com a função de obter respostas, e perseguir a verdade, mesmo que não exista verdade absoluta, nem uma única verdade. Podem ser publicadas opiniões divergentes sobre um mesmo fato, mas versões divergentes não, pois nem todos os fatos publicados foram testemunhados, ou publicados o que contam deles (NOBLAT, 2003, p. 51).

Sobre a objetividade na produção de notícia, Bahia (1990, p. 13) complementa que é para a maioria dos jornalistas um ideal, mas impossível de alcançar. Para outros, é dispensável numa informação correta. O que não impede que os profissionais tentem atingir, encontrando um equilíbrio e honestidade da informação.

Algumas notícias podem evoluir de categoria, passando a ser reportagem, uma grande notícia quando o conteúdo privilegia a versão. Para adotar esta nova categoria, deve se situar no detalhamento, questionamento de causa, efeito, interpretação e impacto, com nova dimensão narrativa e ética. "A reportagem está na essência do jornalismo - tal como a notícia em si mesma - porque no jornalismo são as versões que contam" (BAHIA, 1990, pp. 49-50),

¹Desenho humorístico que aborda algum acontecimento atual por meio da crítica.

O relato produzido por aqueles que estão nos *media* é a notícia vinda da necessidade destes de informar aos outros, a partir daquilo que foi observado como acontecimento real e padronizado. O registro de um fato feito por indivíduos diferentes pode gerar relatos distintos, isto provém da cultura de cada um. A notícia compartilhada com o público causa impacto, um efeito multiplicado social, pois quando a notícia é criada para públicos este efeito é maior do que se a notícia é criada para a própria pessoa (MOLOTCH e LESTER, 1993, pp. 34-37).

Neste mesmo seguimento, Rodrigues (1993, p. 31) acrescenta que, quando os *media* relatam um acontecimento, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como novo acontecimento que vem integrar o mundo, e que:

[...] este novo acontecimento não é mera locução; realiza um actoilocutório. Os actosilocutorios não estão apenas sujeitos aos valores de verdade ou falsidade, de adequação ou de não adequação ao estado de coisas relatado; estão também subordinados aos valores inerentes à credibilidade e à sinceridade do locutor, à clareza ou obscuridade da exposição, à justeza dos juízos formulados, à coerência dos argumentos aduzidos, à capacidade para levar o(s) outro(s) à satisfação de um pedido, à resposta e uma pergunta, à aceitação da convicção, do reconhecimento ou do apreço, do conselho dado, do aviso, da saudação (RODRIGUES, 1993, p. 31).

Os acontecimentos passam por critérios voltados para o modo de aparição. Os critérios internos condizem a proximidade espacial ou temporal. Já os externos são classificados em três categorias por Charaudeau (2012, pp. 137-138): quando o acontecimento surge, como um acidente, considerado uma catástrofe natural; quando é programado, como uma organização da vida social; e quando é suscitado, provocado ou preparado, normalmente pelo setor do poder político na tentativa de esconder um fato revelando outro, passando a ideia de manipulação.

Dentre os acontecimentos de cada dia, para os *media*, um número finito de coisas realmente acontecem, destas, as mais especiais, interessantes e importantes são selecionadas. Para isso são verificados os valores de uma estória (MOLOTCH e LESTER, 1993, p. 40).

Para virar notícia ou não, Wolf (apud PENA, 2005, p. 73) usa a noticiabilidade como capacidade para classificação, denominado valor-notícia. Os critérios são avaliados da seguinte forma: na categoria substantiva quanto à importância dos envolvidos, como a quantidade de pessoas envolvidas, interesse nacional; na categoria relativa ao produto, quanto à brevidade, atualidade, novidade; a categoria relativa ao público, quanto a plena identificação de

personagens, interesse público e protetividade; e relativa à concorrência, a categoria se classifica quanto à exclusividade ou furo, possibilidade de gerar expectativas e modelos referenciais.

Para classificar as notícias, Marques de Melo (2003, pp. 25-29) as categoriza como jornalismo informativo, que tem a função de, além de informar, orientar, educar, formar, e jornalismo opinativo, com o poder de influência sobre a opinião pública. O autor ainda cita Bond, que traz mais duas categorias, o jornalismo interpretativo, que cumpre o papel de informar e orientar enquanto esclarece fatos que podem passar despercebidos, e o jornalismo diversional, com informações que entretém o público.

Os gêneros jornalísticos são determinados quanto à forma da produção, e um dos fatos que interferem nesta produção, é a cultura (GOMES apud MARQUES DE MELO, 1992, p. 16).

Marques de Melo (2003, p. 65) classifica estes gêneros em jornalismo informativo, onde os formatos correspondentes são: nota, notícia, reportagem e entrevista. O jornalismo opinativo é constituído por: editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta.

No Brasil, os gêneros também foram classificados por Beltrão. No gênero informativo, os formatos que o compõe são: notícia, reportagem, história de interesse humano, e informação pela imagem. No gênero interpretativo está o formato de reportagem em profundidade. Já no opinativo entram os formatos de: editorial, artigo, crônica, opinião ilustrada e opinião do leitor (MARQUES DE MELO, 2003, p. 59).

Alguns acontecimentos merecem uma atenção diferenciada pela parte da mídia. Para a cobertura jornalística ser realizada, Molotch e Lester (1993, p. 45) explicam que o acontecimento deve romper com a rotina da sociedade, com uma atividade que ameaça o mundo social, estimulando assim a cobertura dos meios de comunicação social de massa.

2.2 Jornalismo e Cidadania

É pelos meios de comunicação que a cultura é transmitida. Com isso, é inegável o poder que os *media* exercem sobre um número elevado de indivíduos que alcança (SILVA, 2006). A cultura também é uma forma de democratização, entendida por Teixeira Lopes (apud SILVA, 2006) com a abertura do campo de possibilidades culturais da população, dependente do conhecimento anterior adquirido.

Para explicar a função do jornalismo para a população, Bucci cita que:

Atualmente, contudo, falar em jornalismo é falar em vigilância do poder e, ao mesmo tempo, em prestação de informações relevantes para o público (não do governo). Mais ainda, falar em imprensa livre é falar numa prática de comunicação social historicamente forjada pela modernidade que organiza o espaço público, o Estado e o mercado, segundo o primado dos direitos do cidadão (BUCCI, 2008, p. 18).

A relação entre os *mass media*² e a cidadania para Arato e Cohen (apud CORREIA, 2002, p. 1), “passam por uma figura ressuscitada na teoria política, a sociedade civil, a qual surge como um terreno típico das sociedades ocidentais ameaçado pelos mecanismos da lógica administrativa e económica” (p. 1).

Bucci (2008, pp. 46-47) defende que o objetivo de um profissional jornalista é de conceder ao cidadão o que lhe é de direito, a informação. Conforme os espaços de democratização se expandem, esses profissionais têm a liberdade de oferecer ao público os métodos que envolvem as informações publicadas, conteúdo que vai além da notícia de relevância, por isso deve ser construído com democracia.

Ribeiro (2005, p. 22) cita Campilongo para explicar que a mídia age como influenciadora na construção da realidade de uma sociedade. Os meios de comunicação têm como função levar os problemas dos representados até os representantes e cobrar posição. Ribeiro (2005, p. 23) ainda utiliza Manin para demonstrar a importância da mídia ao afirmar que “o papel da mídia torna-se ainda mais importante no sistema representativo, pois a partir do momento em que o representante assume o poder, ele não tem obrigação de realizar vontade dos eleitores” (p. 23).

A sociedade civil para Correia (2002, p. 2) é um conceito defendido para que se ofereça como uma esfera de interação social localizada, composta pela esfera íntima, das associações, movimentos sociais e pelas formas de comunicação pública.

Para Champagne (1998, pp. 43-44), a opinião pública está associada aos regimes de democracia parlamentar que, quando avaliada pelos institutos de sondagem, tornou-se uma instituição social, e também pode ser considerada uma ideologia profissional. Diante das conclusões do autor, este ainda cita que:

² Conjunto dos meios de comunicação de massa.

[...] a opinião pública não passa do produto do encontro entre um fantasma político tradicional – levar o ‘povo’ a falar nos regimes em que, supostamente, ele é a fonte da legitimidade do poder – e uma tecnologia social moderna: a sondagem, o questionário fechado e apuramento quase instantâneo através dos computadores (CHAMPAGNE, 1998, p. 43).

O jornalista é um influente líder de opinião. Ao alcance do público, a opinião torna-se a opinião do leitor, o que é importante componente do que se entende por opinião pública (CHAMPAGNE, 1998, p. 71).

Habermas (apud LOSEKANN, 2009, pp. 39-42) diz que a opinião pública se baseia na racionalização, sendo assim, fundamental. Quando as opiniões individuais são desenvolvidas, consolidadas e compartilhadas, pode passar a ser uma ideia comum, uma opinião pública. Mas para que esta opinião seja comum, é necessário que seja construída com influência política.

Um exemplo das ideias compartilhadas são as manifestações, onde o grupo se reúne para expor seu ponto de vista e defender seus ideais. Os movimentos sociais são um importante instrumento para que a opinião pública seja manifestada e escutada pelos representantes o governo. Este ato movimenta a sociedade já foi organizado desde o a década de 90, como Movimento dos “Caras Pintadas”, e o pelo *Impeachment* do então presidente Fernando Collor de Mello.

3 MOVIMENTOS SOCIAIS

Expressões como movimentos sociais, movimentos coletivos, movimentos sociais urbanos, movimentos sociais populares, são usadas indistintamente, o que reflete em grande diversidade e heterogeneidade na sociedade. Peruzzo (1999, pp. 44-46) agrupa esses movimentos nas seguintes formas:

- Ligados aos bens de consumo coletivo: são associações e comissões que se organizam para reivindicar melhorias locais no transporte público, saúde, segurança.
- Envolvidos na questão da terra: um exemplo é o Movimento dos Sem-Terra.
- Relacionados com as condições gerais de vida: estes lutam pela preservação do meio ambiente, contra o alto custo de vida, e melhores condições para morar.
- Motivados por desigualdades culturais: envolvidos pela etnia e sexo, a cultura negra e feminista.
- Dedicados à questão trabalhista: como os sindicatos.
- Votados à defesa dos direitos humanos: movimentos que lutam pelo direito das pessoas e contra a impunidade.
- Vinculados a problemas específicos: voltados para determinados segmentos da população.

Do mesmo modo, Gohn (2013, pp. 45-89) diz que existem os movimentos de gênero, étnico-raciais, movimento de jovens ou de idosos. Os movimentos sociais são norteados por problemas sociais e ambientais, subdividindo-os por temáticas: os movimentos sociais nucleados pela questão da moradia, os movimentos contra a violência urbana, e os movimentos sociais em áreas sociais de prestação de serviços públicos como educação e saúde.

Rangel (2010, pp. 41-42) salienta que algumas ONGs e movimentos sociais têm focos temáticos, como a luta pelos Direitos das Mulheres, luta pela Consciência Negra, a luta pela diversidade sociocultural representado pelos direitos indígenas.

Os movimentos sociais populares contribuem para o fortalecimento do povo, inicialmente quando a participação política passou a fazer parte do cotidiano das pessoas, afirma Peruzzo (1999, p.62), complementando também que:

Os movimentos populares são forças que se manifestam de modo bastante fragmentário e difuso. Todavia, a prática mostra que em determinados momentos, quando os objetivos se tornam comuns, eles se revelam de maneira mais orgânica. Podem ser vistos como exemplos marcantes, pela organicidade, as lutas pelas 'eleições diretas já' e pelo *impeachment* do presidente Fernando Collor de Melo, que uniram nas praças públicas o que estava disperso e aparentemente amorfo (PERUZZO, 1999, p. 47).

Movimentos reivindicatórios e libertários, de lutas em prol da vida, da justiça social e da pessoa humana, já aconteceram no Brasil. Pode-se usar como exemplo o Quilombo dos Palmares ocorrido de 1690 à 1695, de 1831 à 1840, o Movimento da Cabanagem, e a Greve de 1917. Com o passar dos anos, outros movimentos sociais populares, podem estar levando a sociedade a identificar novos valores (PERUZZO, 1999, pp. 25-26).

As restrições à liberdade de expressão para com os meios massivos fizeram com que fossem criados instrumentos alternativos dos setores populares, uma comunicação voltada aos movimentos coletivos, diferentes da estrutura dominante da chamada grande-imprensa. No Brasil, a imprensa alternativa é considerada como os periódicos que se tornam uma opção para leitura crítica, em relação à grande imprensa (PERUZZO, 1999, pp. 114-120).

Peruzzo (1999, pp. 125-131) incrementa que a comunicação popular é um meio de expressão de denúncias e reivindicações de setores organizados da população oprimida. Sobre a força que a mídia exerce sobre o povo, cita que "há de se reconhecer o grande poder da mídia e sua manipulação, prioritariamente, a serviço dos interesses das classes dominantes, mas nem por isso ela deixa de dar sua contribuição ao conjunto da sociedade" (p. 131).

Para Gohn (2013, p. 25), nos movimentos, os sujeitos protagonistas das ações se ampliam, com as redes, tem a possibilidade de expandir as fronteiras. Algumas podem ser percebidas como novas tecnologias, expansão dos meios de comunicação.

Sendo um meio de organização democrática da sociedade civil, Alvarez, Dagnino e Escobar (apud RANGEL, 2010, pp. 40-41), frisam que as manifestações dos movimentos sociais, englobando a América Latina, possuem em sua cultura e política relevância social.

A comunicação popular, trabalhando e articulando elementos culturais, contribui para romper a dicotomia “emissor *versus* receptor.” A comunicação popular tem como conteúdo o interesse público. Contribui para a democratização da sociedade e a conquista da cidadania (PERUZZO, 1999, p. 157).

Os movimentos sociais brasileiros constroem algo novo, contribuindo para desenvolvimento de novos valores, com influência para mudanças na sociedade. Assim acabam modificando a comunicação popular, e necessitam de expressão local, com conteúdo específico, onde os grandes meios não os satisfazem (PERUZZO, 1999, pp. 148-152).

Gohn (2013, p. 27) acrescenta que os movimentos sociais ou associativos não morreram, assim como Peruzzo (1999, p. 41), ao descrever que os movimentos deram origem a outros, e a novos.

No Brasil, alguns movimentos se tornaram mais marcantes, principalmente por suas consequências, como afirma Napolitano:

[...] a heterogeneidade ideológica dos golpistas e os vários interesses, nem sempre convergentes, que motivaram a queda do regime de 1964 e do governo Goulart foram desafios para a construção de um discurso homogêneo e, conseqüentemente, de uma memória oficial sobre o golpe e o regime militar (NAPOLITANO, 2014, p.314).

Os militares de 1964 se posicionavam contra o reformismo democratizante da esquerda trabalhista, anticomunistas. Os militares golpistas eram tidos como revolucionários, defendiam a ordem para modernizar o capitalismo no país sem alterar a estrutura social (NAPOLITANO, 2014, p. 314).

Os movimentos operários e urbanos dos anos 80 já traduziam politicamente as contradições da modernização acelerada dos trinta anos anteriores. Um exemplo é a mobilização intitulada Movimento pelas Diretas Já, em 1983 e 1984. Em 1982 ocorreu a primeira eleição direta para governador, senadores, deputados estaduais e federais, prefeitos e vereadores no país. No ano seguinte foi proposto que as eleições de 1985 também fossem diretas, engajando-se no movimento políticos, empresários e organizações civis. Multidões se reuniram para manifestar, mas o recorde foi na mobilização de São Paulo, onde 1,5 milhão de pessoas estiveram reunidas.

O movimento foi derrotado, e as eleições ainda foram efetuadas de forma indireta (LOPES, 2010, pp. 5-24).

Em 1992, a mobilização popular foi para o impeachment do presidente Fernando Collor. Com partidos políticos à frente, o movimento contou ainda com o apoio da sociedade civil, e principalmente dos jovens. Estes buscavam autonomia, conhecidos e tendo por características “caras-pintadas” (WARREN, 2007, p. 13). No final da década de 90 o destaque foi para a ruralização da luta social, com o fortalecimento do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, o MST (VAINER, 2013, p. 65).

3.1 Movimentos Sociais e a Mídia

As mídias possuem um papel importante para com a sociedade, assim, quando um movimento social acontece, não é diferente. Sobre a comunicação dos movimentos sociais, Peruzzo (1999, pp. 148-152) compreende que os meios que cedem espaço para esses acontecimentos atingem uma parcela de leitores, ouvintes e espectadores. Também é comum que os veículos de comunicação não tenham conteúdo adequando para seu público.

Amaral (2013, pp. 13) demonstra que as manifestações de junho de 2013 acabaram por manifestar um interesse até então desconhecido dos jovens pela política. Assim como para outros autores já vistos, como Bucci (2008) e Noblat (2003), o qual cita que a sociedade forma sua opinião a partir dos discursos vistos nos grandes meios de comunicação.

As rebeliões, explicadas por Antunes (2013, p. 47), são elementos, histórias recentes e importantes do país. Mas um problema visto por Peruzzo (1999, pp. 130-131) é de que os grandes veículos são importantes em seu conteúdo informativo e de divertimento, mas na questão dos movimentos sociais, não conseguem suprir as necessidades da comunicação para a comunidade.

Para Figueiredo (2013, p. 3), a esfera pública tem com importante fonte os meios de comunicação de massa, porém, sempre ativos, “ao mesmo tempo em que produzem um bem público, a informação, precisam por outro lado transformá-la em um bem econômico” (p. 3). Habermas, citado por Figueiredo (2013, p. 4) diz que na comunicação existe o poder de controlar o acesso de temas e autores à esfera pública, sendo assim uma espécie de poder da mídia. Nos

movimentos sociais, é justamente isso que procuram possibilidades de encontrar organizações e esferas públicas que esgotem e radicalizem direitos e estruturas comunicacionais.

Agregando a cobertura jornalística nos movimentos sociais, esta possui um papel estratégico. “A mídia e sua cobertura tornam-se elementos estratégicos nessa configuração; ela contribui para a direção do movimento, pois o movimento social precisa de visibilidade” (POUPEAU apud GOHN, 2011, p. 339).

Os movimentos sociais, como forma de manifestação popular foi a forma encontrada para que os brasileiros, em junho de 2013, reivindicasse seus direitos e opiniões, como por exemplo o aumento da tarifa de transporte público, investimentos para a Copa das Confederações e Copa do Mundo. Primeiramente contra o aumento das passagens de ônibus, manifestações foram organizadas por todo o país contra este aumento. Com o crescimento do número de participantes e das causas reivindicadas, as manifestações ganharam o nome de “Vem Pra Rua”.

4 “VEM PRA RUA”

O movimento “Vem Pra Rua”, objeto de estudo deste trabalho, faz parte dos momentos raros de mudanças e rupturas que marcam a história, a rapidez e as multidões que mobilizam. A diversidade de temas e problemas expostos pelos manifestantes, também contribuem para este marco. Esses acontecimentos fomentam mudanças sociais e políticas, até então inalcançáveis. Com o início das manifestações no ano de 2013, os governantes, a imprensa, cronistas políticos e cientistas sociais foram pegos de surpresa com este ato que mudou o cotidiano das cidades (VAINER, 2013, p. 62).

Com princípio em 6 de junho, em uma pequena passeata em São Paulo, aproximadamente 2 mil pessoas reuniram-se para manifestar-se contra o aumento das tarifas no transporte público, convocadas pelos jovens do Movimento do Passe Livre (MPL). A partir deste ato, aconteceram manifestações diárias, mas foi no ato de 17 de junho que o impacto foi maior, onde se reuniram mais de 70 mil participantes em São Paulo, dezenas de milhares no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, em diversas capitais do país. No dia 20 de junho, quase 400 cidades, 22 capitais, saíram em manifestações e passeatas. "O país da ‘cordialidade’ mostrava, uma vez mais, que sabe também se rebelar" (ANTUNES, 2013, p. 37).

O movimento marcado primeiramente pelo aumento das tarifas de transporte coletivo foi organizado pelos integrantes, em grande parte, por meio das mídias digitais. Em “pesquisa realizada pelo Ibope em 19 de junho de 2013 revela que 86% dos participantes foram mobilizados por redes sociais, sendo 72% pelo *Facebook* e 32% pela internet em geral” (MARINHO, 2013, p. 3).

Ocasionalmente, o período marcado para as manifestações foi junho de 2013, contexto em que o Brasil se prepara para receber a Copa das Confederações (ANTUNES 2013, p. 38).

Nesta linha, Vainer (2013, p. 65) complementa que há conexões entre os protestos, o contexto propiciado dos investimentos urbanos para a Copa do Mundo de 2014, e os Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro. Houve a tentativa conjunta entre a mídia e governos de impedir os jovens, considerados vândalos e irresponsáveis, de ofuscar a imagem do país em um momento que o mundo se volta para os eventos esportivos.

O país que se preparava para receber os olhares do mundo por conta da Copa das Confederações, acabou por ter lugar em jornais mundiais, onde teve destaque pelos movimentos populares que tomaram conta das principais capitais (MARINHO, 2013, p. 4).

Além do aumento das passagens e os gastos com o evento esportivo, Pinto e Michaltchuk (2014, p. 2) ressaltam que a população passava por mais acontecimentos políticos a que se permite manifesto. No governo, membros envolvidos em escândalos, a saúde pública em descaso, a educação sem uma estrutura sólida e ainda os altos impostos.

Cartazes e faixas foram exibidos nas manifestações. Algumas dessas frases, carregadas de sentimentos pela falta de representação política no país, são lembradas por Marinho (2013, p. 2): “Bem-vindo a copa das manifestações”, “Temos o poder”, “O povo não deve temer seu governo”, “Mais pão e menos circo”, “Enfia esses 20 centavos no SUS”, “Brasil campeão dos saltos orçamentais”, “Dilma, nós não acordamos fortes, somos fortes”, “Basta”, “Eu acredito em vinagre”, “Queremos cura para a fome”, “Com quantas escolas valem um Maracanã?”.

No movimento organizado em São Paulo, a Polícia Militar também passou a ser questionada a partir do episódio envolvendo uma jornalista atingida no olho por uma bala de borracha, vinda da polícia. Esta mesma autoridade que fazia a segurança do local. Um dos fatos que fez com que a mídia ficasse receosa em cobrir as manifestações e, quando a faziam, era sem identificação (PINTO e MICHALCHUK, 2014, p. 11).

O ato dos militares perante os manifestantes também é citado por Marinho:

Uma vez ocupadas as ruas, os manifestantes eram coibidos com brutalidade por forças policiais. As cenas eram registradas e veiculadas na rede por cidadãos anônimos que filmavam com celulares os conflitos entre manifestantes e policiais, causando indignação e atraindo maior número de insatisfeitos com as estruturas de poder. Milhares de pessoas se mobilizaram e tomaram as ruas do país em um levante simultâneo de insatisfação e demandas diversas, ilustradas na palavra de ordem comum em todos os protestos que se seguiram pelo país: “*Não são só 20 centavos*” (MARINHO, 2013, p. 5).

Os *media* também foram pauta da insatisfação da população, como recorda Marinho (2013, p. 6), “era possível encontrar cartazes com pedidos de mais democracia na mídia ou afirmações de que a Rede Globo não faria mais o povo de bobo” (p. 6). Carros de emissoras foram incendiados por grupos de radicais.

Para Antunes (2013, p. 41) o movimento se introduziu com jovens que dependiam do transporte coletivo para estudar e trabalhar, posteriormente completada por trabalhadores que também utilizam o serviço. O autor ainda afirma que “são movimentos muito heterogêneos, polissêmicos e até mesmo policlassistas” (p. 41).

O envolvimento dos veículos de comunicação no movimento também chamou a atenção por suas formas de cobertura. O jornal Zero Hora registrou os atos das manifestações em suas publicações, algumas com envolvimento direto do veículo, em decorrência dos manifestos ocorridos na capital gaúcha, Porto Alegre, sede do jornal.

4.1 O Agendamento e o “Vem Pra Rua”

Como fortalecimento da internet e cada vez mais das redes sociais, a comunicação, através dela pode, pautar a mídia tradicional. O compartilhamento de informações é possível pelas redes, tirando dos meios de comunicação tradicionais a influência única construída na sociedade.

É nas redes sociais da internet que a sociedade tem encontrado um espaço onde é possível ter autonomia, sem que o controle esteja nas mãos do governo ou empresas. Formando redes, os indivíduos compartilham dores e esperança neste espaço público da internet. Ainda, segundo Castells (2013, pp. 9-10), nos movimentos sociais esta rede também liga os indivíduos:

De início, eram uns poucos, aos quais se juntaram centenas, depois formaram-se redes de milhares, depois ganharam o apoio de milhões, com suas vozes e sua busca interna de esperança, confusas como eram, ultrapassando as ideologias e a publicidade para se conectar com as preocupações reais de pessoas reais na experiência humana real que fora reivindicada (CASTELLS, 2013, pp. 9-10).

Castells (2013, p. 16) comenta sobre a sociedade atual, conceituada por ele de sociedade em rede, por seu poder multidimensional. Em cada domínio da atividade humana são organizadas redes programadas, de acordo com os interesses e valores de atores habilitados. “As redes de poder o exercem, sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes

multimídia de comunicação de massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder” (p. 16).

É longe do controle do poder que os movimentos sociais se constroem com uma comunicação autônoma, exercendo uma espécie de contrapoder. Levando em conta que os meios de comunicação de massa são controlados por governos e empresas de mídia, é nas redes da internet e plataformas de comunicação sem fio que é construída a autonomia de comunicação na sociedade em rede. Nas redes sociais digitais é possível coordenar ações de forma desimpedida (CASTELLS, 2013, pp. 18-19).

Com a interatividade, Lemos (2010, p. 79) descreve que os novos *media* produzem uma “comunicação individualizada, personalizada e bidirecional, em tempo real” (p. 79). Estes aspectos causam mudanças estruturais na produção de informação nos meios de comunicação e também no cinema e na música. “A tecnologia digital proporciona, assim, uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelo Todos-Todos)” (p. 79).

Levy (2010, p. 81) explica que um receptor de informação nunca é passivo, e a interatividade permite que o beneficiário participe da transação de informação. A realidade virtual ainda possibilita que o usuário explore ou modifique seu conteúdo de um banco de dados, e “as realidades virtuais servem cada vez mais como mídia de comunicação” (p. 107). O autor ainda acrescenta que nestas bases de dados, pessoas geograficamente distantes podem receber e alimentá-la com informações.

Sobre as mídias de massa serem a totalidade dos meios, Levy (2010, p. 118) cita:

As mídias de massa: imprensa, rádio, cinema, televisão, ao menos em sua configuração clássica, dão continuidade à linhagem cultural do universal totalizante iniciado pela escrita. Uma vez que a mensagem midiática será lida, ouvida, vista por milhares ou milhões de pessoas dispersas, ela é composta de forma a encontrar o “denominador comum” mental de seus destinatários (LEVY, 2010, p. 118).

Na sociedade em rede, através das formas e processos do poder, atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva, utilizando os mecanismos de construção do poder. Novos valores e objetivos são produzidos pelos movimentos sociais, transformando a sociedade

para representar estes novos pontos, formando nova organização da vida social (CASTELLS, 2013, p. 18).

Nas comunidades virtuais, Levy (2010, pp. 132-133) comenta que as afinidades de interesse conhecimentos se encontram, possibilitando uma cooperação, discussões e até mesmo amizades. Novas formas de opinião pública também são exploradas nas comunidades.

Sobre o monopólio, Castells (2013, p. 13), partindo do pressuposto de que os que detém o poder constroem as instituições baseados em interesses e valores próprios e assim, constitutivas da sociedade argumenta que:

Se o poder é exercido programando-se e alternando-se redes, então o contrapoder, a tentativa deliberada de alterar as relações de poder, é desempenhado reprogramando-se as redes em torno de outros interesses e valores, e/ou rompendo as alternâncias predominantes, ao mesmo tempo que se alteram as redes de resistência e mudança social (CASTELLS, 2013, pp. 17-18).

As “realidades virtuais servem cada vez mais como mídia de comunicação”, como cita Levy (2010, p. 81), essas redes tem pautado também a mídia tradicional. Como é o caso do movimento “Vem Pra Rua” nas mídias, que conquistou o espaço na rede e na mídia tradicional. Nestas manifestações, esta teoria toma forma. Nas redes sociais, o protesto do dia 13 de junho vinha sendo organizado, e a mídia, não o antecipou. Após esta manifestação, outras vinham sendo planejadas, e neste novo momento, a mídia passa a acompanhar a organização.

5 ANÁLISE

O jornal Zero Hora, objeto analisado neste trabalho, começou a circular em Porto Alegre em maio de 1964. O periódico prometia conter características autênticas gaúchas, ser democrático e sem vínculo ou compromissos políticos, com o objetivo de servir ao povo, defender seus direitos e reivindicações, dentro do respeito às leis e às autoridades. Veículo que sempre buscou inovação em tecnologia e editoriais, no ano de 1968 atendia 110 municípios. No ano de 1970, o jornal passou a integrar a Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS), e em 1975 atingia 232 municípios, passando a ter circulação estadual (ALVES, 2008, p. 18).

Guareschi e Ramos (1992, p. 69) apontam que o jornal figura a chamada grande imprensa, ocupando o sexto lugar no ranking nacional e é o maior tabloide brasileiro. Sobre o início de suas publicações, os autores destacam que, a primeira edição se deu 34 dias após o golpe militar de 1964, sendo sucessora do jornal Última Hora. O jornal Experiência, citado pelos autores, lembra que:

A partir de 1966, Zero Hora passou a dar atenção especial ao setor de comercialização e altera a parte editorial, para delimitar o público, não se descuidando da informação. Por volta de 1968, passou a investir no crescimento do jornal e se instala, no ano seguinte, na Avenida Ipiranga, local onde é hoje a sede da RBS. Nesta época, passou a contar com tecnologia avançada e adquiriu novo padrão editorial (GUARESCHI e RAMOS, 1992, p. 70).

O jornal, na virada do milênio, teve papel significativo no processo de ebulição em que os veículos de comunicação passavam, tornando-se o mais importante representante da empresa RBS como mídia impresso do sul do país. Seu projeto gráfico, editorial e mercadológico, são pontos que engrandecem o periódico (ALVES, 2008, pp. 19-25).

Segundo o portal do Grupo RBS (2015), o Jornal conta com 17 cadernos, mais de 200 jornalistas, uma sucursal em Brasília e mais de 100 colunistas.

Alves (2008, p. 19), destaca que “a magnitude da abrangência de *Zero Hora* passou a determinar-lhe significativo papel na formação de opinião pública rio-grandense”.

5.1 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa é baseada nos estudos de análise de conteúdo de Bardin, (2000. pp. 29-34) que tem por objetivo ultrapassar a incerteza, enriquecer a leitura, segundo procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens e analisar sua função.

A análise de conteúdo teve início nos Estados Unidos, onde o material analisado é jornalístico. Após a Primeira Guerra Mundial, passou-se a analisar também propagandas. Ainda, segundo Bardin (2000, pp. 15-20), Lasswell foi quem fez as primeiras análises, aproximadamente em 1915. Em sua metodologia, a análise de conteúdo aborda a análise quantitativa e qualitativa. Na quantitativa, usa-se a frequência com que surgem certas características do conteúdo. Já na qualitativa é a presença ou ausência de cada característica que é considerada.

Para a análise, também é utilizada a hipótese do agendamento, ou agenda-*setting*, considerado um critério sociológico-politológico. Este distingue problemas em que a complementaridade dos modelos teóricos é indispensável, mas que, na prática de pesquisa, não desenvolveu essa consciência de forma adequada (WOLF, 2009, p. 147).

Shaw (apud WOLF, 2009, p. 145) diz que o pressuposto da hipótese é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social é fornecida pelos *mass media*. Como acrescenta Cohen (apud WOLF, 2009, p. 145) ao citar que a imprensa, mesmo sem conseguir dizer o que as pessoas devem pensar, tem o poder de dizer a eles, no que pensar. Estas colocações apresentam a capacidade dos *mass media* em exercer uma influência cognitiva (WOLF, 2009, p. 160).

A hipótese do agenda-*setting* é um núcleo de temas e conhecimentos parciais que podem ser organizados e integrados para uma teoria geral sobre a mediação simbólica e os efeitos de realidade exercidos pelos *mass media*, explica Wolf (2009, p. 146). O autor ainda acrescenta que “a hipótese realça a diversidade existente entre a quantidade de informações, conhecimentos e interpretações da realidade social, apreendidos através dos *mass media*, e as experiências em <<primeira mão>>, pessoal e diretamente vividas pelos indivíduos” (p. 146).

Wolf (2009, p. 147) acrescenta que, a hipótese apresenta que os destinatários sofrem um impacto direto, caracterizado em dois níveis, a ordem do dia e hierarquia. Na ordem do dia, com os temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media* e a hierarquia de importância e prioridade, segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia.

Essa hipótese se baseia em uma comparação da agenda dos *mass media* e do público. Com base nos conceitos apresentados para a comparação, neste trabalho serão utilizados os critérios de acumulação, tematização e focalização.

A acumulação, que são as consequências ligadas à repetição de produção de comunicação de massa, a capacidade de dar relevância a determinado acontecimento (WOLF, 2009, p. 145).

A tematização, como uma possibilidade limitada pela seleção dos assuntos passíveis de ser tematizados, capacidade de dar destaque necessário para chamar a atenção, que amplia a notícia contextualizando-a e ampliando-a (WOLF, 2009, p. 164).

A focalização, que enquadra a quantidade e qualidade da cobertura e atenção para cada tipo de acontecimento, quando os *mass media* tornam o acontecimento descontínuo a uma vivência constante (WOLF, 2009, pp. 175-176).

A análise é baseada em cinco edições do jornal Zero Hora impresso, do dia 13, 14, 15, 16 e 17 de junho de 2013.

5.2 Descrição do Corpus da Pesquisa

Primeira edição analisada, quinta-feira, dia 13 de junho de 2013:

Capa: nesta edição, as manifestações não são noticiadas, apenas uma informando que o valor da tarifa em Porto Alegre não sofreu aumento, ocupando $\frac{1}{4}$ de página.

Figura 1 – Capa edição do dia 13 de junho de 2013 do jornal Zero Hora



Fonte – Reprodução versão digital do jornal ZH do dia 13/06/2013 – para assinantes (<http://zh.clicrbs.com.br/>)

Edição do dia 13, em que os manifestantes saíram para as ruas de Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro para protestar. O jornal não antecipou o protesto, noticiando apenas que as passagens não sofreram aumento, na página 33, como consta no anexo 1.

Segunda edição analisada, sexta-feira, dia 14 de junho de 2013:

A edição do dia 14 de junho traz uma Reportagem Especial, nas páginas 4 e 5.

Figura 2 – Capa edição do dia 14 de junho de 2013 do jornal Zero Hora



Fonte – Reprodução versão digital do jornal ZH do dia 14/06/2013 – para assinantes (<http://zh.clicrbs.com.br>)

Capa: o jornal traz uma foto e manchete sobre o protesto, ocupando grande parte da página, chamando para esta que é a principal notícia da edição, “Passou do limite: Noite de protestos e violência na Capital”, e mais outras duas chamadas para os protestos, que estão na mesma página da edição. Na parte superior, uma chamada para uma matéria especial sobre a seleção brasileira de futebol.

Reportagem: nesta edição consta uma reportagem denominada “Reportagem Especial”, sem assinatura de repórter, que ocupa duas páginas do jornal, de número 4 e 5, sobre as manifestações ocorridas em Porto Alegre e também em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Na página 4 (ANEXO 2), o título “Atos de vandalismo” faz menção somente aos vândalos, deixando para descrever o motivo e o objetivo do protesto no decorrer o texto.

Abordando o vandalismo, a matéria inicia relatando sobre a manifestação, inicialmente pacífica, que se radicalizou, explanando o que foi que os manifestantes incendiaram e quebraram, destacando o número de pessoas detidas, 23.

A matéria segue descrevendo os motivos que levaram os ativistas, assim descritos no texto, a protestar, pois na capital gaúcha, a tarifa do transporte público não sofreu aumento. “Os ativistas não se contentaram com a redução da passagem de R\$ 3,05 para R\$ 2,85 em abril, após passeatas semelhantes à de ontem, ocorridas em março”, cita o texto. O motivo, segundo a reportagem, foi de solidariedade com os manifestantes do Rio de Janeiro e São Paulo, onde a

passagem foi aumentada. Segue relatando que as depredações ocorridas em Porto Alegre foram uma reprise do que ocorreu nas outras duas capitais.

Descrevendo os manifestantes, o texto cita que são maioria jovens, unindo os anarquistas e ativistas sociais e estudantis, com militares de partidos de esquerda. Em seguida, conta sobre as atitudes dos manifestantes que picharam, quebraram vidros, depredaram ônibus, além disso, estavam mascarados, gestos que a maioria repudiou.

O texto explica que internamente o tumulto teve origem porque muitos não queriam a confusão e quebradeira, “não se esqueçam que o protesto é contra o aumento da passagens – lembra um manifestante”, segundo a notícia. A Brigada Militar, que fazia o acompanhamento do protesto, como descrito, fez uso de bombas de gás lacrimogênio no momento em que avistaram manifestantes queimando contêineres e consumindo drogas.

Com o intertítulo “Drogas e soco-inglês”, a reportagem descreve que nas capitais de São Paulo e Rio de Janeiro, foram registrados feridos, inclusive jornalistas, diferente de Porto Alegre. Finalizando a matéria da página, é destacado que na cidade, o protesto ocorreu mesmo com a redução do valor das passagens.

A segunda página da reportagem, página 5 da edição (ANEXO 3) traz alguns destaques. O primeiro, as repercussões. Faz-se uso de frases do desembargador e presidente do Conselho de Comunicação Social, do Tribunal de Justiça, do subcomandante geral da Brigada Militar, e de uma postagem feita em rede social, todas contrárias às depredações.

Mais quatro subtítulos completam a página. “Uma causa que une grupos”, assinado por Carlos Rollsing³, onde descreve que a tarifa do transporte uniu ideologias distintas. Um intertítulo informativo de que a tarifa na capital gaúcha não sofrerá aumento, “TCE decide manter passagem em R\$ 2,85”. Um relato de depredação, destacando o ataque ao carro do Grupo RBS, contendo foto do veículo. E sobre os manifestos nas demais capitais, no texto “Polícia reage com violência em SP”, só há o relato da violência dos manifestantes, e entre os policiais e os manifestantes, apresentando a foto de uma jornalista que foi atingida no olho por uma bala de borracha vinda dos policiais.

Terceira edição analisada, sábado, dia 15 de junho de 2013:

³ Jornalista de Zero Hora.

A edição do dia 15 de junho é composta por seis colunas de opinião, nas páginas 2, 12, 14 (editorial), e duas colunas e um artigo na 15. Também é encontrada uma charge⁴, que não será analisada. Reportagem Especial, nas páginas 4, 5 e 8, totalizando sete páginas destinadas aos protestos.

Figura 3 – Capa edição do dia 15 de junho de 2013 do jornal Zero Hora



Fonte – Reprodução versão digital do jornal ZH do dia 15/06/2013 – para assinantes (<http://zh.clicrbs.com.br>)

Capa: No segundo dia após o protesto, a capa do jornal traz como manchete principal a Copa das Confederações, e outra sobre a extração da areia e questões ambientais. Já na parte lateral, duas chamadas para a reportagem e duas para colunas de opinião, estas quatro destinadas aos protestos.

Colunas de opinião: as colunas estão distribuídas da seguinte forma: uma opinião de Claudia Laitano na página 2, com o título “Avinagrou”. Na página 12, a opinião de Rosane de Oliveira em sua coluna Página 10, com o título “Protesto sim, violência não”. O editorial do jornal se enquadra no contexto do protesto, com o título “Boicote à Democracia”, na página 14. Na página seguinte, 15, constam mais dois artigos, uma charge, e a coluna de Carolina Bahia, todos abordando o mesmo tema.

⁴ Desenho humorístico que aborda algum acontecimento atual por meio da crítica.

Claudia Laitano⁵, na página 2 de ZH (ANEXO 4) emite uma opinião sob o título “Avinagrou”, onde faz a citação de uma palestra do grupo Fronteiras do Pensamento⁶ em que Manuel Castells⁷ situa as novas manifestações, com “descentralização de lideranças, ausência de uma pauta única de reivindicações e uso da internet como trampolim virtual para a reunião em locais públicos”. Cláudia ainda comenta que a violência fez com que o transporte público deixasse de ser o assunto principal.

Na Página 10, de Rosane de Oliveira⁸ (ANEXO 5), os protestos são abordados citando o uso das máscaras, pela minoria, para a ação de depredação: “mil vezes é preciso dizer que não são todos”, destaca. Na mesma Página 10, ainda consta um subtítulo com o título “Fifa em alerta com manifestações”, e mais quatro notas que não falam sobre os protestos.

O editorial da edição (ANEXO 6), local onde a opinião do jornal é publicada, tem como título “Boicote à democracia”. Tendo a violência nos protestos como assunto exposto, inicia dizendo que “o Brasil dormiu assustado na última quinta-feira devido às manifestações violentas em pelo menos cinco capitais, que resultaram em prédios depredados, veículos e equipamentos públicos incendiados, confrontos entre policiais e manifestantes, prisões e ferimentos.” Após esta primeira frase em que apenas a violência foi abordada, o primeiro parágrafo o editorial se refere ao motivo dos protestos, o preço da tarifa de transporte público, “uma causa simpática à população, mas desvirtuada pelo vandalismo, pela presença de delinquentes infiltrados nos movimentos sociais e também, em alguns casos, pela reação desproporcional das forças policiais”. Com claro destaque ao vandalismo cometido, o texto segue criticando também a violência por parte dos policiais.

A organização pelas redes sociais é citada: “Há, porém, um fato desconcertante nessas manifestações. Elas parecem refletir muito mais um modismo orquestrado pelas redes sociais do que propriamente interesses específicos de setores realmente desassistidos da sociedade”. Por ter acesso às redes, o perfil dos manifestantes é identificado como, em maioria, jovens universitários.

⁵ Editora de Zero Hora de domingo, caderno PrOA.

⁶ Projeto que promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação. Analisa a contemporaneidade e das perspectivas para o futuro.

⁷ O sociólogo espanhol tem 68 anos e é um pioneiro quando se trata de pesquisar os reflexos da sociedade em rede na economia e na convivência social em todo o mundo a partir do fenômeno da internet. Desde 1979, na Universidade da Califórnia e, portanto, vizinho há décadas do Vale do Silício, é um tradutor sofisticado das transformações do mundo proporcionadas pela web.

⁸ Colunista de opinião da multiplataforma do jornal Zero Hora.

Ainda sobre este perfil, o jornal diz que “é natural que as pessoas melhor informadas representem a maioria sem voz”.

A manifestação de Porto Alegre é tida como “incompreensível e inaceitável o protesto imotivado”, pelo fato de que o preço das passagens não aumentou. Em dois pontos o texto aponta que nem todos os manifestantes cometeram vandalismo, citando que o Instituto Datafolha⁹ realizou uma pesquisa em São Paulo, esclarecendo que 78% dos entrevistados condenam a violência nas manifestações, e que “esses delinquentes comprometem as boas intenções da maioria e boicotam a democracia”, cita o texto.

Na página de opinião (ANEXO 7), denominada “Debate: protestos e rua”, no primeiro artigo, “Uma cidade sem cidadãos”, o doutor em educação Jorge Barcellos expõe a violência dos policiais contra os jovens, cidadãos que nem participavam dos protestos, e manifestantes inocentes no “cenário de luta contra o capitalismo em busca de um sistema mais justo”.

Tendo a violência dos protestos como tema central, o autor ainda diz que “os movimentos de Norte a Sul do país indicam que a sociedade atingiu o seu limite, levantando outros pontos que fizeram com que as manifestações tivessem sentido, e não apenas o custo da passagem de transporte público”.

O texto expõe que a violência foi a maneira em que a população encontrou de ser ouvida. Que os manifestantes continuaram a protestar porque “descobriram que é o próprio capitalismo que desejam combater”. Mas não defende o uso da violência, entendendo que esta saída foi o erro cometido.

No artigo do advogado Sebastião Ventura Pereira da Paixão JR (ANEXO 7), sob o título “Democracia, ordem e espaço público”, é destacado que a violência nos protestos foge da busca por democracia e liberdade, citando que “muitos manifestantes estão encapuzados”. O autor lembra ainda que os partidos políticos podem estar superados pelas formas de manifestação democrática, ou seja, as redes sociais.

Na coluna de Carolina Bahia (ANEXO 7), a jornalista em duas de suas três notas, fala sobre os protestos. Em “Passando a bola”, explica que a diminuição do custo da passagem é de responsabilidade dos Estados e dos municípios, e não do Planalto. Acrescenta que por trás dos protestos não estão apenas o valor das passagens, mas a “revolta também é com a alta no custo de

⁹Criado em 1983, ainda como departamento de pesquisas e informática do Grupo Folha da Manhã, com o objetivo de oferecer conteúdo e servir como ferramenta de planejamento para o jornal Folha de S. Paulo e outros veículos e serviços da empresa.

vida, com os serviços que nunca funcionam”. Ressalta ainda que a violência de manifestantes e policiais não se justifica, mas não é por isso que deve encobrir a insatisfação. Carolina, na nota com o título “Imprensa”, lembra sobre uma audiência em São Paulo, para debater sobre os ataques sofridos por jornalistas nas manifestações, sem expor opinião nesta nota.

Reportagem: nas páginas 4 e 5, uma Reportagem Especial, sem assinatura de repórter, tem por título “Limite dos protestos: Violência condenada”, com gráficos, relatos e opiniões. E na página seguinte, 8 (páginas 6 e 7 contém apenas anúncio), a reportagem tem continuidade, com o título “Ação em São Paulo: Uma polícia violenta”.

A Reportagem Especial desta edição traz no cabeçalho da página 4 (ANEXO 8), opiniões assinadas de leitores. O símbolo que ficou conhecido por “curtir” no *facebook* é utilizado para indicar as citações. No total de treze, todas apoiam as manifestações, e repudiam a violência.

A notícia tem por título “Limite dos protestos: Violência condenada”. O *lead*¹⁰ da reportagem diz que a violência nas manifestações levantou um debate sobre o papel de ativistas e policiais. “Reproduzida com fôlego nas redes sociais, a discussão apresenta pontos de vista divergentes sobre o rumo da mobilização, mas encontra um ponto comum: o temor de acirramento dos ânimos” descreve o texto.

O texto faz uso da palavra de líderes políticos, sociólogo e ativista para contextualizar a violência imposta nos protestos. Segundo a reportagem, a polícia deteve 23 suspeitos de depredação.

O primeiro relato opinativo do texto é da então vereadora do PSOL Fernanda Mechionna. Ela diz que “a população está ficando mais indignada com o aumento do custo de vida, com a corrupção e a falta de democracia nas discussões sobre as cidades, além da forte repressão que houve em São Paulo”. Ainda, segundo o texto, “Fernanda sustenta que dar destaque a atos radicais promovidos por uma minoria é uma tentativa de criminalizar o movimento na Capital”.

A segunda opinião é do líder do PSDB na Câmara de Vereadores, Mário Manfro. Este, segundo a reportagem, diz que as depredações são parte das manifestações, e devem ser vistas dentro deste contexto, e combatidas pela polícia. Para Manfro, segundo o texto, tanto o bônus quando o ônus devem ser atribuídos ao responsável.

¹⁰ Relato sintético do acontecimento logo no começo do texto, que responda às perguntas: o quê, quem, como, onde, quando e por quê.

O terceiro entrevistado é o político coordenador do curso de Ciências Sociais da Ulbra, Paulo Moura. Para ele, segundo a reportagem, as pessoas que cometem o vandalismo procuram dar mais visibilidade às ações. Moura diz que “embora não se fale nisso, é a perda do poder aquisitivo que explica, também, o apoio popular ao movimento. Mas quando ocorrem abusos, a polícia tem de agir”.

O ativista Lucas Fogaça, da Assembleia Nacional dos Estudantes – Livre (Anel), é o quarto entrevistado. A reportagem diz que, para Fogaça, a violência motiva as ações agressivas as autoridades. O texto não descreve se o ativista esteve presente nas manifestações de junho de 2013.

A quinta e última opinião é da cientista e professora da UFGS Celi Regina Pinto. Na opinião dela, segundo o texto, “dizer que são vândalos não basta. Não estou defendendo, apenas dizendo que precisamos saber quem são, por que essa violência é muito perigosa”, pontua.

Na página seguinte, a 5 (ANEXO 9), além das citações opinativas no cabeçalho, como na página anterior, mais quatro intertítulos são encontrados. Uma delas é um comparativo entre as manifestações em Porto Alegre e em São Paulo, com uma foto da jornalista do jornal Estadão (já usada na edição anterior) que foi atingida por uma bala de borracha vinda de um PM, em SP.

Outro intertítulo desta página com o título “Ordem era intervir em último caso”, tem em seu *lead* a descrição de “como o protesto da quinta-feira à noite estava agendado em redes sociais, a Brigada Militar (BM) se precaveu escalando o maior número de PMs para acompanhar a manifestação”, acrescentando também no decorrer do texto a ação da polícia na manifestação.

O intertítulo com o título “Paulista veio documentar a passeata” relata quem foram os detidos, entre eles um paulista, vindo com o objetivo de fotografar os protestos.

O infográfico¹¹ (ANEXO 9) “Intensidade dos protestos” mostra como foram as manifestações desde março do ano de 2013, em forma de gráficos cardíacos.

A página 8 (ANEXO 10), seguindo as notícias da Reportagem Especial, em seu cabeçalho traz a opinião de autoridades de São Paulo, Rio de Janeiro e também nacionais. A reportagem tem por título “Ação em São Paulo: Uma polícia violenta”.

Na linha de apoio é apresentado o foco da reportagem, a ação da polícia nos protestos em SP, onde “o governo de São Paulo abriu investigação para apurar excessos cometidos pela polícia nos protestos ligados às tarifas de ônibus”, e a polícia defende sua atuação.

¹¹ Forma de ilustração com apresentação de informações preponderando elementos gráfico-visuais como a fotografia, o desenho e diagrama estatístico.

Em seu *lead*, a notícia explica o que está na linha de apoio¹². Utilizando mais dois intertítulos, a reportagem faz menção à internet nos atos. O primeiro intertítulo, “Excessos na Internet” aponta que foram criados canais específicos para divulgação dos excessos. “Mídia internacional relaciona fatos à Copa”, destacando os conflitos noticiados nos Estados Unidos, relacionando o fato com a Copa do Mundo. O terceiro intertítulo da página atualiza a situação do ataque ao Grupo RBS, que teve um carro depredado durante a manifestação em Porto Alegre. Com o título “Grupo RBS registra ocorrência por ameaça e carro depredado”, é lembrada a notícia do dia 14 de junho, que conta que o carro do Grupo RBS foi alvo de vandalismo. Noticiando que foi registrada ocorrência por ameaça aos jornalistas, ainda constam depoimentos favoráveis ao Grupo RBS, do diretor-executivo de Jornalismo da RBS e vice-presidente do Fórum Mundial de Editores, Marcelo Rech, do diretor-executivo da Associação Nacional de Jornais (ANJ), Ricardo Pereira, uma nota da Associação Internacional de Radiodifusão (AIR), e da Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert).

Quarta edição analisada, domingo, 16 de junho de 2013:

Nesta edição de fim de semana, dia 16 de junho, as reportagens sobre as manifestações são situadas nas páginas 26, 27 e 28. As três páginas da edição estão na editoria de Geral.

Figura 4 – Capa edição do dia 16 de junho de 2013 do jornal Zero Hora



Fonte – Reprodução versão digital do jornal ZH do dia 16/06/2013 – para assinantes (<http://zh.clicrbs.com.br>)

¹² Espécie de subtítulo usado logo após o título para complemento da informação, instigando à leitura do texto.

Capa: na capa da edição do dia 16 de junho, na parte inferior esquerda, a manchete sobre os protestos aparece indicando a notícia que está nas páginas 26 e 27.

Reportagem: sob o título “Protestos em série: Uma corrente nacional”, a notícia do dia 16, está situada na página 26, onde a foto ocupa meia página, destacando o vandalismo de São Paulo com uma faixa escrita “vamos repetir Porto Alegre”.

A matéria assinada por Cleidi Pereira¹³ (ANEXO 11), tem por linha de apoio a frase “inspirados em Porto Alegre, atos públicos contra reajustes na tarifa de ônibus se fortalecem no país por interação e até ‘treinamento’ entre grupo”. Desde o *lead*, o texto é direcionado às manifestações de junho no geral, apontando que Porto Alegre, com os protestos que fizeram com que a tarifa não fosse aumentada na capital, foi inspiração para os demais.

É utilizada a opinião de um integrante do grupo Vamos à Luta no Rio de Janeiro, Michel Oliveira, para descrever que Porto Alegre foi uma inspiração para o protesto. Oliveira diz que “serviu para que o movimento começasse a se nacionalizar”, e também “não vamos sair das ruas enquanto a tarifa não baixar”. As redes sociais ainda ganham destaque no texto, quando aparece que “além da experiência *in loco*, as redes sociais também foram aliadas na articulação”.

No intertítulo “Movimento nega apoiar vândalos”, o texto inicia explicando a criação do Movimento Passe Livre (MLP), que desde 2005, tem por bandeira a tarifa zero. Para esclarecer as depredações, foi usada a fala da integrante da executiva nacional da Associação Nacional de Estudantes (Anel), Arielly Tavares Moreira, ao citar que “são atos individuais, que não nos representam, mas isso não justifica a ação da polícia”. Na parte central da página, é apresentada a “Cronologia da mobilização”, desde janeiro com as primeiras manifestações em Porto Alegre, até os protestos atuais.

Outro intertítulo, “Onda de manifestações se expande e chega ao Exterior”, traz informações de possíveis novas manifestações planejadas, em nível nacional. O texto cita também que “pelo menos 27 cidades da Europa, América Latina e dos Estados Unidos organizam eventos, via *Facebook*, em apoio aos protestos realizados no Brasil”.

O último intertítulo da página tem como título “Minoria barulhenta se impõe” e apresenta as manifestações na Capital Gaúcha, descrevendo que “uma multidão toma conta das ruas, de forma ordenada, gritando slogans. Não batem, apenas protesta. De repente, um grupo de mascarados destoa e começa a depredar”. Para explicar o ato, o texto utiliza da opinião de dois

¹³ Repórter de notícias da equipe multiplataformas.

especialistas. O professor da PUC-RS, pós-doutor em Sociologia e especialista em movimentos sociais, Emil Sobottka, segundo o texto, acredita que “na Capital, um pequeno grupo anarquista lidera os protestos. E a ideologia anarquista, diz ele, não quer aperfeiçoar as instituições, mas questioná-las”. A segunda opinião, do sociólogo italiano Máximo Di Felice, especialista em Teoria da Opinião Pública e professor da USP, a notícia usa a citação do entrevistado, dizendo que “quanto menos o manifestante é ouvido, mais o ativista violento prepondera. E essas passeatas, a chamada democracia interativa, vão imperar agora”.

Na página seguinte, 27, consta um novo intertítulo de uma opinião, ambos sobre os protestos. A coluna de opinião assinada por Huberto Trezzi¹⁴(ANEXO 12), com o chapéu¹⁵, “Sua segurança”, tem como título “Eles querem protagonismo”, citando que estes jovens que buscam o protagonismo, não tiveram a oportunidade de gritar contra uma ditadura, apontando também as diversas motivações dos protestos. O autor aponta a internet nestas manifestações: “A internet é um catalizador que não existia para as gerações anteriores”. Ainda cita que “sociólogos de todas as matrizes convergem para uma constatação: o *Facebook* e o *Twitter*, unidos, fazem mais pela Primavera Árabe do que as armas convencionais”, lembrando que na Líbia, a internet já foi cortada pelo ditador Muamar Kadafi. Assim como na edição anterior, na coluna de Claudia Laitano, Trezzi também traz a opinião de Manuel Castells, que cita que “os novos movimentos sociais são descentralizados, democráticos, horizontais”.

Na reportagem desta página (ANEXO 12), além da coluna, metade da página traz fotos de pessoas usando o mesmo estilo de máscara pelo mundo, Londres, Istambul, Cairo, e Porto Alegre, sob a legenda “enquanto alguns usam o adereço para ressaltar o coletivo, outros o utilizam para esconder a face e depredar o patrimônio público”. Abaixo, inicia o texto assinado por Cadu Caldas¹⁶, com o título: “Uma máscara, diversas causas em todo o mundo”. Apresenta logo no *lead*, que o protagonista do texto será o fato de alguns manifestantes terem utilizando a máscara no protesto, assim como as fotos de pessoas mascaradas, e segue explicando sua origem, do grupo Anonymous¹⁷. A reportagem apresenta o depoimento de uma manifestante que utiliza a máscara, assim como outros jovens. Um intertítulo é utilizado, “Grupo invadiu sites do governo”, descrevendo a ação de integrantes do Grupo Anonymous, de invadir sites de secretarias e polícia,

¹⁴ Repórter especial da equipe multiplataformas.

¹⁵ Palavra ou frase curta, relacionada ao assunto, acima do título.

¹⁶ Repórter especial da equipe multiplataformas.

¹⁷ Legião formada em 2003, existindo como cérebro global, uma comunidade online que representa o conceito de muitos usuários, e luta pela liberdade.

em apoio aos manifestantes de São Paulo. Fato que também ocorreu na Turquia. A opinião da manifestante segue sendo utilizada, e sobre os ataques online, afirma, segundo o texto, que não há ligação entre os manifestos na capital e os atos do grupo Anonymous.

Na página 28 (ANEXO 13), também na editoria de geral, consta uma notícia sobre o protesto antes da abertura da Copa das Confederações. Com o chapéu “Antes do jogo”, o título da notícia é “Protesto contra a Copa tumultua ruas de Brasília”. Com informações retiradas do site G1¹⁸, o texto inicia explicando que manifestantes, alguns utilizando máscaras, “driblaram as barreiras colocadas pela polícia para tentar chegar ao Estádio Nacional Mané Garrincha”. Ainda ressalta que “o protesto, organizado pelas redes sociais, começou na Rodoviária de Brasília, por volta das 10h30min”. O motivo seria a aplicação dos recursos no evento esportivo.

Quinta edição analisada, segunda-feira, 17 de junho de 2013:

Com o total de sete páginas, o conteúdo da edição do dia 17 de junho é destinado à informação e opinião. Nas páginas 4 e 5, com uma reportagem, página 10 com opinião de Carlos Rollsing na coluna Página 10, o editorial da edição na página 12, opinião de Carolina Bahia na 13, opinião de Paulo Sant’ana na página 39 e na 49, de Diogo Olivier, na editoria de esportes.

Figura 5 – Capa edição do dia 17 de junho de 2013 do jornal Zero Hora



Fonte – Reprodução versão digital do jornal ZH do dia 17/06/2013 – para assinantes (<http://zh.clicrbs.com.br>)

¹⁸ Portal de notícias da Rede Globo.

Capa: o dia 17 de junho traz como uma das manchetes principais os protestos. Esta divide o espaço principal com a Copa das Confederações. Para os protestos, uma chamada para a reportagem e mais quatro para as colunas de opinião.

Reportagem: localizada na página 4 e 5, a Reportagem Especial é assinada na página 4 por Marcelo Gonzatto¹⁹ e na página 5 por Kelly Matos²⁰.

Na primeira página da edição (ANEXO 14), a foto utiliza menos de meia página, com o título “Tensão nacional: insatisfação refletida em protestos e vaias”, de Marcelo Gonzatto. Na linha de apoio traz a questão das manifestações que chegaram diretamente ao governo, à presidente Dilma Rousseff. O *lead* chama para o protesto ocorrido em Brasília, na abertura da Copa das Confederações, em que no estádio, a presidente foi vaiada, ao mesmo tempo em que do lado de fora a polícia tentava conter os manifestantes. Para explicar o motivo dos protestos, o texto traz a opinião da cientista política e professora da UFRGS Maria Izabel Noll, que explica que “há uma insatisfação no ar”.

O intertítulo “Inconformidade inclui várias bandeiras”, explica que a “insatisfação inclui o desconforto com a corrupção, a ameaça da inflação, carências em saúde, educação e segurança pública”. Outra fonte utilizada é do cientista político e diretor do Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais (InPro), Benedito Tadeu César, que pondera que “há sempre uma parcela descontente”, com relação às vaias para a presidente.

Na página 5(ANEXO 15), as imagens ocupam o mesmo espaço na página anterior, no restante, é composta por um gráfico “Da internet para as ruas”, destacando a organização de mais manifestações pelas redes sociais.

Na mesma página, a notícia assinada por Kelly Matos, com o título “Planalto nega mal-estar e oposição se anima”, o texto é direcionado à imagem da presidente perante as vaias. Inicia descrevendo as vaias recebidas por Dilma no estádio Mané Garrincha, assim como a notícia anterior. Faz uso da declaração emitida pelo Planalto, onde o interlocutor da presidente diz que “não é reflexo de nenhuma insatisfação popular, até porque não tinham populares ali”.

Opinião: na página 10, Carlos Rollsing opina na coluna Página 10 sobre a tarifa do transporte (ANEXO 16). Intitulado “Subsídio da tarifa precisa ser debatido”, o artigo levanta questionamentos sobre o transporte em Porto Alegre e o valor cobrado nas tarifas. No decorrer da

¹⁹ Repórter de notícias e Porto Alegre na equipe de foco digital.

²⁰ Não está na relação de jornalistas de ZH.

página, é utilizada uma foto representando os protestos contra o aumento das tarifas. Ainda com o título “Não está tudo bem”, o autor lembra que as manifestações estão se expandindo pelo mundo.

O editorial da edição tem como título “Sinais de insatisfação” (ANEXO 17). Inicia com as vaias no estádio Mané Garrincha, e também levanta a motivação dos protestos. Segundo o texto, protagonizado por jovens em várias capitais brasileiras, o pretexto é o serviço de transporte público. Também é lembrado que as depredações são realizadas por alguns manifestantes e acabam sendo acobertados pelo coletivo.

A jornalista Carolina Bahia²¹ (ANEXO 18) escreve uma nota, “Vaias e justificativas” destacando que as vaias na Copa das Confederações são sinal de insatisfação, e sobre a popularidade de Dilma, “a presidente continua muito bem avaliada e é favorita às eleições de 2014”.

Na página 39, a coluna de Paulo Sant’ana²² (ANEXO 19), “O pretexto da revolta”, descreve o ato em Brasília, apresentando as questões de motivo, o transporte público, as tarifas e eleições.

A editoria de Esportes, com a coluna de Diogo Olivier, na página 49 (ANEXO 20), junto às notícias da seleção brasileira, traz em sua coluna as vaias no jogo da Copa das Confederações. “Quem vaiou” é o título para o texto em que o autor diz que “na solenidade de abertura da Copa das Confederações apareceram menos crítica fundamentada e mais falta de educação”, criticando a hora e o local para o ato. Mas Olivier diz que entende o motivo, pois o público que esteve na partida não é o mesmo que elegeu a presidente, e que pela cultura, o vaiar, se entende como xingar o árbitro.

5.3 Resultados

Nas cinco edições analisadas, foram identificadas o total de dezenove páginas dedicadas às manifestações que ocorreram em junho de 2013.

As chamadas nas capas totalizaram treze, sendo sete para reportagens, e seis para colunas de opinião, incluindo o editorial. Nos dias 14 e 15, as sete chamadas (três do dia 14 e quatro do

²¹ Colunista de ZH na sucursal em Brasília.

²² Colunista de opinião de ZH.

dia 15) relevam a violência em seu título, como: “Noite de protestos e violência na Capital”, “O risco do aumento da violência nas ruas”, “Quebra-quebra atrasa debate”.

Já as chamadas do dia 16 e 17 são mais brandas quanto à violência, como: “O que motiva os jovens que saem às ruas”, “Planalto atenua as vaias e oposição vê desgaste”, “Subestimar não é o melhor caminho”, “Viva a vaia. Mas a da presidente ficou feia”.

Os dados constam na tabela que segue:

Tabela 1 – Números gerais encontrados na análise/Páginas

Número de páginas	19
Páginas de reportagens	09
Número de chamadas de capa	13

Fonte: Daniele Becker Teixeira

Além dos gritos exclamados durante os protestos, os manifestantes tem espaço para opinar sobre suas motivações ao participar dos atos apenas na edição do dia 16, onde são usadas as citações de Michel de Oliveira, ativista do grupo Vamos à Luta, do Rio de Janeiro, de Arielly Tavares Moreira, integrante da Associação Nacional de Estudantes (Anel), e de uma participante das manifestações que não se identifica. No dia 15, é usada a opinião de um ativista, mas não é descrito se o jovem participou do ato do dia 13 de junho.

Os formatos jornalísticos predominantes na divulgação das manifestações de junho de 2013 no jornal Zero Hora, são: reportagem, notícia, opinião e editorial. Segundo Marques de Melo (2013, pp. 59-65), reportagem e notícia se encaixam no gênero informativo. A opinião e o editorial, no gênero opinativo.

A reportagem para noticiar uma informação, releva a importância desta, pois além do espaço concedido, uma reportagem também aprofunda mais o assunto. No caso das edições analisadas, a reportagem é utilizada em quatro das cinco edições, sendo que apenas no dia 16 é que aparece na editoria de Geral. Este tratamento concedido às manifestações acaba por realçar mais sua relevância e impacto social, principalmente porque nas duas edições seguintes ao acontecimento, o destaque era dado à violência, deixando de lado, as motivações dos protestos.

Diferente de apenas noticiar sobre os protestos, a ZH faz uso de reportagem, o que permite que seja concedido um espaço maior, e aprofundamento dos acontecimentos. Por estar na página de Reportagem Especial, também destaca sua importância, entendida pelo jornal para o momento.

Segundo Wolf (apud PENA, 2005, p. 73), para virar notícia ou não, o critério de noticiabilidade é usado como capacidade para classificação, denominado valor-notícia. Estes valores são entendidos e utilizados quanto a alguns critérios como proximidade, alcance, previsibilidade, rotineiro, entre outros. Os critérios que se encaixam com as notícias publicadas pela ZH são da quantidade de pessoas envolvidas, interesse nacional, novidade e possibilidade de gerar expectativas.

Estes critérios fizeram com que os protestos se tornassem noticiados por envolverem milhares de pessoas, que se organizaram para protestar simultaneamente Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro, saindo da rotina, com um acontecimento novo e fazendo com que o país dirigisse sua atenção aos atos. Por ser organizado pelas redes sociais, já era programado que novas mobilizações fossem realizadas. O fato de o povo sair para rua e protestar, já pode ser considerado uma novidade, mas por sua grandiosidade, isto possibilita que ganhe também espaço na mídia.

Para Noblat (2003, p. 22), o jornal deve transmitir entendimento, porque do entendimento vem o poder, e em uma democracia o poder é dos cidadãos. Nesta questão, a opinião e entendimento dos manifestantes ficaram escondidos pelo destaque dado para a violência, deixando de ouvir os lados de quem estava na manifestação e destacando a opinião de especialistas e autoridades.

Tabela 2 – Números gerais encontrados na análise/Conteúdo

Entrevistas com especialistas e políticos	10
Entrevistas com policiais	02
Entrevistas com manifestantes	04
Referência às redes sociais	09

Fonte: Daniele Becker Teixeira

Vale destacar também que o jornalista é um influente líder de opinião. Ao alcance do público, a opinião torna-se a opinião do leitor (CHAMPAGNE, 1998, p. 71). Isto releva o papel que a mídia detém, o de emissor de opinião. Por este motivo, as colunas de opinião e editorial carregam uma responsabilidade diferenciada da notícia, pois se trata da opinião da pessoa que assina o texto. Com o poder de influenciar o leitor, as edições analisadas contém um total de doze opiniões (em nove páginas), todas assinadas pelos colunistas. Sete delas tem por referência a violências nos protestos, as outras cinco, que são do dia 17, apresentam como foco a tarifa do transporte, e também as vaias à presidente.

Agregando a cobertura jornalística nos movimentos sociais, esta possui um papel estratégico. “A mídia e sua cobertura tornam-se elementos estratégicos nessa configuração; ela contribui para a direção do movimento, pois o movimento social precisa de visibilidade” (POUPEAU apud GOHN, 2011, p. 339). Repercutindo os atos de vandalismo, este foi o fato que o jornal noticiou a cada edição, lembrando o que foi depredado, acrescentando o que aconteceu nas outras capitais, e trazendo as novas organizações pelas redes sociais.

As manifestações vinham sendo organizadas pelas redes sociais, mas não obteve atenção do jornal como divulgação, ou antecedendo o protesto do dia aos seus leitores. Após este, foram identificadas menções às redes, inclusive às novas organizações, como conta na tabela anterior.

Lemos (2010, p. 79) diz que “a tecnologia digital proporciona assim, uma dupla ruptura: no modo de conceber a informação (produção por processos microeletrônicos) e no modo de difundir as informações (modelo Todos-Todos)”. Como no ocorrido em junho de 2013, em que pelas redes sociais o público se organizava para os protestos, e o jornal, acompanhando o que a rede produz, se utiliza das informações captadas no ambiente virtual. O que reforça o pensamento de Castells (2013, p. 18), que na sociedade em rede, atores da mudança social são capazes de exercer influência decisiva, utilizando os mecanismos de construção do poder. Novos valores e objetivos são produzidos pelos movimentos sociais, transformando a sociedade para representar estes novos pontos, formando nova organização da vida social.

Em um ambiente cada vez mais conectado, outro ponto de destaque é a teoria do agendamento, ou agenda-*setting*. Segundo Wolf (2009, p. 147) é uma hipótese em que os destinatários sofrem um impacto direto, caracterizado em dois níveis, a ordem do dia e hierarquia. Na ordem do dia, com os temas, assuntos e problemas presentes na agenda dos *mass media* e a hierarquia de importância e prioridade, segundo a qual esses elementos estão dispostos na ordem do dia.

As manifestações simultâneas e em diversas capitais prevaleceram em ambos quesitos, de ordem do dia e hierarquia. Exceto no domingo, dia 16, e segunda-feira, dia 17, em que as mobilizações perderam espaço, principalmente, para o esporte, como já foi identificado nas manchetes de capa destas edições.

Conforme as características de análise, segundo a hipótese da agenda-*setting*, os critérios de acumulação, tematização e focalização foram localizados.

A acumulação, são as consequências ligadas à repetição de produção de comunicação de massa, a capacidade de dar relevância a determinado acontecimento (WOLF, 2009, p. 145). Características estas que ocorreram com os protestos de junho de 2013 no jornal Zero Hora. A manifestação do dia 13 passou a ganhar espaço nos dias posteriores à mobilização, com reportagens e colunas de opinião, que a cada edição do jornal, retomavam os protestos na capital gaúcha, paulista e carioca. As mobilizações em si já é considerado relevante, principalmente por atingir milhares de pessoas e à nível nacional, e o jornal dá mais destaque quando descreve estas notícias como especiais.

A tematização é uma possibilidade limitada pela seleção dos assuntos passíveis de ser tematizados e a capacidade de dar destaque necessário para chamar a atenção, que amplia a notícia contextualizando-a e ampliando-a (WOLF, 2009, p. 164). As manifestações foram destaque do jornal ZH pelos atos de vandalismo cometidos por alguns dos protestantes. Os fatos novos trazidos em cada edição se ateiam as formas com que a polícia deteve os manifestantes, ao que foi depredado, como esses manifestantes atuaram e as dificuldades dos jornalistas em cobrir os atos. Sendo assim, a característica da tematização também toma forma no conteúdo analisado, pelo destaque que os protestos tiveram no jornal, no espaço e quantidade de reportagens e colunas de opinião. Mas, o objeto tomado como prevaiente foi incumbido à violência causada durante as manifestações.

A focalização, que enquadra a quantidade e qualidade da cobertura e atenção para cada tipo de acontecimento, quando os *mass media* tornam o acontecimento descontínuo a uma vivência constante (WOLF, 2009, pp. 175-176). Fazendo uso da opinião de sociólogos e autoridades, os manifestantes tiveram menor espaço, comparado ao dos especialistas. O número total de manifestantes, por exemplo, foi encoberto pelos que foram detidos. Por outro lado, as organizações posteriores ao ato do dia 13, foram noticiadas pelas edições do final de semana, dias 15 e 16.

Segundo a hipótese do agendamento, ou a agenda-*setting*, as mídias tradicionais acabam por serem pautadas pelos meios alternativos. Tomando por base o movimento “Vem Pra Rua”, as edições analisadas do jornal ZH confirmam esta teoria quando é possível encontrar nove menções diretas às redes sociais como meio de organização para os protestos, e também como fonte para o jornal (uma no dia 14, três no dia 15 e cinco dia 16).

A menção encontrada no dia 14, utilizada uma citação retirada de rede social como opinião contrária às depredações.

No dia 15 é encontrada uma citação que referencia as redes sociais como um meio que interfere no modismo dos usuários, “parecem refletir muito mais um modismo orquestrado pelas redes sociais do que propriamente interesses específicos de setores realmente desassistidos da sociedade”, e que a manifestação foi reproduzida com fôlego nas redes sociais. Ainda fazendo uso de um caractere conhecido no *facebook*, o “curtir”.

No dia 16, é citado que “as redes sociais também foram aliadas na articulação”, que “a internet é um catalizador que não existia para as gerações anteriores”, e ainda na mesma coluna de opinião, que “sociólogos de todas as matrizes convergem para uma constatação: o *Facebook* e o *Twitter*, unidos, fazem mais pela Primavera Árabe do que as armas convencionais”. Na mesma edição ainda é possível encontrar a referência de que “o protesto, organizado pelas redes sociais, começou na Rodoviária de Brasília, por volta das 10h30min”, e o intertítulo “Da internet para as ruas”.

Na tabela que segue, contam o números de notícias, colunas de opinião, e editoriais, já citados anteriormente.

Tabela 3 – Números gerais encontrados na análise/Editoriais

Notícias	01
Colunas de opinião	10
Editoriais	02

Fonte: Daniele Becker Teixeira

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise das cinco edições do jornal Zero Hora, é possível identificar que a atenção destinada aos protestos foi destaque, não apenas pelo espaço concedido as manifestações, mas também pelo conteúdo e material utilizado. O fato de que mesmo programado pelas redes sociais, os protestos não tiveram notícias anteriores publicadas, respalda que o jornal optou por noticiar apenas posteriormente o que viria a acontecer na noite de quinta-feira, dia 13.

Como na capital gaúcha as passagens não sofreram aumento, este que seria o motivo que levou o povo as ruas, a violência presente no ato foi o que fomentou a publicação do acontecimento. Por constar uma entrevista onde a fonte, descrita pelo jornal era um manifestantes, também é possível constatar que o Zero Hora, neste caso, não cumpriu seu papel de apresentar ambos os lados participantes.

No primeiro e segundo dia posterior a manifestação do dia 13, a violência ganhava destaque nas diversas páginas de reportagem e também de opinião do jornal. No dia 16, quando o ZH passou a informar com mais desenvolvimento a influência que as redes sociais obtiveram sobre o ato ocorrido, e o planejamento para mais manifestações por todo o país, a editoria que os protestos passaram a ser publicados é a de Geral, e com o conteúdo mais brando, sem esboçar somente a violência causada por manifestantes e a polícia.

O conjunto dos fatores, com novas manifestações programadas demonstra que o jornal fez uso da internet para ter conteúdo de aprofundamento sobre a mobilização, mas não deixando de ser uma reportagem.

Por se tratar de um veículo de comunicação influenciador de opinião, as informações deixaram a desejar no sentido de ouvir os dois lados. O pequeno número de manifestantes ouvidos, e a constante repetição de informação sobre as depredações, reforçam esta conclusão.

A partir do problema de pesquisa sobre: qual o posicionamento do jornal Zero Hora na cobertura do movimento “Vem Pra Rua?”, pode-se concluir que a ZH inicialmente destacava em suas reportagens a violência nas manifestações, e após dois dias do manifesto do dia 13 de junho, passou a trazer elementos novos. Podemos destacar que pelas redes sociais, inclusive usada como referência pelo jornal, o posicionamento do veículo passou por essa modificação em suas publicações, sofrendo o agendamento pelas redes.

Tendo como objetivo geral analisar as edições impressas do jornal Zero Hora, onde foi abordado o movimento Vem Pra Rua, em junho de 2013, os objetivos específicos de encontrar referência do jornal para as redes sociais; analisar a mudança na abordagem de posicionamento do veículo ao movimento; identificar os espaços destinados para cobertura do movimento.

Com base nestes objetivos é possível concluir que o jornal fez uso da referência às redes sociais para incorporar suas reportagens. Também constatamos que o ZH alterou o foco nas cinco edições analisadas, sendo que as duas posteriores ao dia do manifesto se dirigiam à violência, e na terceira e quarta, a centralidade foi dispersada, trazendo novos acontecimentos, como a organização de novas manifestações. Quanto aos espaços destinados, foram identificadas o total de dezenove páginas destinadas ao protesto, no período analisado, incluindo reportagens, notícias, e colunas de opinião.

A partir da hipótese da agenda-*setting*, a teoria do agendamento, pode-se afirmar que o jornal Zero Hora teve sua cobertura jornalística pautada pelas redes, por mudar seu posicionamento após dois dias da primeira grande mobilização, deixando de destacar apenas o lado negativo dos protestos.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/>>. Acessado em: 28 ago. 2015.

ALVES, Francisco das Neves. *Revolução Farroupilha: historiografia, mídia e propaganda no Rio Grande do Sul*. Rio Grande: Universidade Federal do Rio Grande, 2008.

AMARAL, Roberto. *A grande rede e a explosão das ruas*. In: Sousa, Cidival M. de. SOUZA, Arão de A. *Jornadas de junho: repercussões e leituras*. Campina Grande: EDUEPB, 2013. p. 08-13.

ANTUNES, Ricardo. *As rebeliões de junho de 2013*. In: Observatório Social da América Latina. ano 14, n, 34, nov, 2013.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.

BUCCI, Eugênio. *Sobre a ética e imprensa*. Companhia da Letras. São Paulo, 2008.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. 2013. Disponível em: <<http://zerohora.clicrbs.com.br/pdf/15208452.pdf>>. Acessado em: 19 out. 2015.

CHAMPAGNE, Patrick. *Formar a opinião: o novo jogo político*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Vozes. Petrópolis, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso de Mídias*. São Paulo: Contexto, 2012.

CORREIA, João C. *Cidadania, Comunicação e Literacia Mediática*. 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-carlos-Media-Publico-Literacia.pdf>>. Acessado em: 25 ago. 2015.

ERBOLATO, Mário L. *Técnicas de codificações em jornalismo: redação, captação e edição no jornal diário*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

FIGUEIREDO, Carlos. *Jornalismo e movimentos sociais: Lutas diversas, coberturas diferentes*. 2013. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1659-1.pdf>>. Acessado em: 25 ago. 2015.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilização civis no Brasil contemporâneo*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

_____. *Movimentos sociais na contemporaneidade*. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v16n47/v16n47a05.pdf>>.p. 333-361. Acessado em: 7 set. 2015.

GRUPO RBS. Disponível em: <<http://www.gruporbs.com.br/>>Acessado em: 15 set. 2015.

GUARESCHI, Pedrinho; RAMOS, Roberto. *A máquina capitalista*. Petrópolis: Vozes, 1992.

LEMOS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

LOPES, Poliana. *O movimento diretas já e a cobertura da mídia: o caso do jornal Zero Hora a partir da agenda-setting*. 2010. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-poliana-o-movimento-directas-ja-e-a-cobertura-do-jornal.pdf>>. Acessado em: 2set. 2015.

LOSEKANN, Cristiana. *A esfera pública habermasiana, seus principais críticos e as possibilidades do uso deste conceito no contexto brasileiro*. 2009. Disponível em: <<http://pensamentoplural.ufpel.edu.br/edicoes/04/02.pdf>>. Acessado em: 7 set. 2015.

MARINHO, Karla A. R. *A Copa das Manifestações: Redes Sociais, Emoções e Movimento Popular*. 2013. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2013/resumos/R8-1606-1.pdf>. Acessado em: 19 ago. 2015.

MARQUES DE MELO, José. *Jornalismo opinativo*. 3. ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

_____. org. *Gêneros jornalísticos na Folha de S. Paulo*. São Paulo: FTD, 1992.

MOLOTCH, Harvey e LESTER Marilyn. As notícias como procedimento intencional: acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINA, Nelson (org.). *Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Lisboa: Vega, 1993.

MOUILLAUD, Maurice. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. In: MOUILLAUD, Maurice e PORTO, Sérgio D. *O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

NAPOLITANO, Marcos. *1964: história do regime militar brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2014.

NOBLAT, Ricardo. *A arte de fazer um jornal diário*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PENA, Felipe. *Teoria do jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005

PERUZZO, Cicília K. *Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

PINTO, Luiza G. R. e MICHALCHUK, Juliana A. *A Mídia Brasileira e as Manifestações de Junho de 2013*. 2014. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2014/resumos/R9-2442-1.pdf>>. Acessado em: 25 ago. 2015.

RANGEL, Mary. *A diversidade e a reivindicação de direitos nos movimentos sociais*. In: Revista da FAEEBA: Educação e Contemporaneidade. Salvador, v. 19, n. 34, jul./dez. 2010. p. 39-47.

RIBEIRO, Juliana C. *Jornalismo regional e construção da cidadania: O caso da Folha da Região de Araçatuba Bauru*. 2005. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/ribeiro-juliana-jornalismo-regional-construcao-cidadania.pdf>>. Acessado em: 25 ago. 2015.

RODRIGUES, Adriano Duarte. Acontecimento. In: TRAQUINA, Nelson. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.

SILVA, Andreia F. *Os Meios de Comunicação Social enquanto elementos de regulação cultural - breve apontamento*. 2006. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/silva-andreia-regulacao-cultural.pdf>>. Acessado em: 25 ago. 2015.

VAINER, Carlos. *Quando a cidade vai às ruas*. In: MARICATO, Ermínia. et al. *Cidades rebeldes. Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013. p. 62-72.

WARREN, Ilse S. *Movimentos sociais no Brasil contemporâneo*. 2007. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rhdt/article/view/2947/1994>> Acessado em: 7set. 2015.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

ÔNIBUS NA CAPITAL MP dá parecer a favor da passagem a R\$ 2,85

Procurador José Túlio Barbosa espera que recurso seja julgado neste mês

O Ministério Público concedeu ontem parecer favorável à manutenção da passagem de ônibus de Porto Alegre no valor de R\$ 2,85. Responsável pelo documento encaminhado à 22ª Câmara do Tribunal de Justiça, o procurador José Túlio Barbosa acredita que o recurso será julgado até o fim do mês.

Um dos elementos levados em conta foi o conteúdo da liminar concedida pelo juiz Hilbert Maximiliano Akimoto Obara, da 5ª Vara da Fazenda Pública. Em abril, o magistrado aceitou uma ação cautelar dos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna, do PSOL, contestando o reajuste definido pela prefeitura para R\$ 3,05.

Além disso, o procurador examinou o resultado da auditoria do Ministério Público de Contas (MPC), que sugeriu fragilidades e inconsistências na planilha de cálculo usada para determinar o percentual de aumento na tarifa paga pelos usuários de ônibus.

— Foi um trabalho exaustivo, estafante — disse Barbosa.

Na semana passada, o procurador havia sinalizado que seria contrário à manutenção da tarifa em R\$ 2,85. Ontem, ele afirmou ser possível “chegar a uma solução deste impasse em clima de paz social”.

Seja qual for a decisão da Justiça, a administração pública terá de refazer o cálculo da passagem devido à isenção de PIS/Cofins anunciada pelo Ministério da Fazenda no mês passado.

Conforme o presidente da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC), Vanderlei Cappellari, a revisão será feita após a sentença do TJ. Ele afirma não ter uma previsão de qual será o valor se a Justiça concordar com o parecer do MP.

Procurado pela reportagem, o presidente da Associação dos Transportadores de Passageiros de Porto Alegre (ATP), Enio dos Reis, preferiu não se manifestar. Afirmou ainda não ter lido o parecer do MP.

LONGA NOVELA

Batalha judicial discute a tarifa

• **Em março**, a prefeitura reajustou a passagem de ônibus de R\$ 2,85 para R\$ 3,05, o que provocou uma onda de protestos nas ruas.

• **Em abril**, ação cautelar dos vereadores Pedro Ruas e Fernanda Melchionna, pedindo a suspensão do aumento, foi aceita pela Justiça. O valor retornou a R\$ 2,85.

• **O Sindicato** das Empresas de Ônibus de Porto Alegre (Seopa) recorreu contra a liminar.

• **Parecer** do procurador José Túlio Barbosa, entregue ontem ao TJ, foi favorável ao valor de R\$ 2,85.

• **O julgamento** do recurso do Seopa, que deve ocorrer até o fim do mês, definirá se a tarifa continua em R\$ 2,85 ou volta para R\$ 3,05.

PREVENÇÃO EM LAJEADO Vereador quer limitar o uso de escadas rolantes

Uma proposta encaminhada essa semana à Câmara de Vereadores pretende proibir que crianças com menos de 10 anos utilizem escadas rolantes em Lajeado, no Vale do Taquari.

Embora seja um projeto de lei municipal, o vereador Delmar Portz (PSDB) se espelhou na recomendação da Associação Brasileira de Engenheiros Mecânicos feita a todas as cidades gaúchas após a morte de uma menina de três anos na semana passada, em Canoas.

O desfecho trágico de um minuto de descuido, ocorrido no Canoas Shopping, foi o estopim para que Portz levasse a sugestão à Câmara. No entanto, ele mesmo vivenciou momentos de pânico quando o neto Pedro Dornelles, há quatro anos, prendeu uma das mãos na escada rolante de um shopping em Capão da Canoa, no Litoral.

— A pele da mão foi arrancada e ele teve de passar por quatro cirurgias. Hoje, aos oito anos, ele tem todos os movimentos, mas ficou com as marcas — conta o legislador.

Sabendo que, mesmo ao lado dos pais, as crianças podem se aciden-

ACIDENTE RECENTE

7 de junho, em Canoas



Uma criança de três anos morreu após cair de uma escada rolante do segundo para o primeiro andar do Canoas Shopping, em Canoas. O acidente aconteceu na última sexta-feira. Os pais leram se distraído e Luiza Marques teria ido sozinha até o equipamento. A menina foi erguida pelo corrimão de borcha e jogada para o lado de fora da escada.

tar, Portz resolveu vetar que qualquer um com menos de 10 anos de idade utilize o equipamento.

O projeto, que deve entrar em votação em cerca de um mês, ainda prevê obrigatoriedade de avisos de ampla visibilidade nos estabelecimentos, indicando a proibição de crianças, e incumbe a Secretaria Municipal de Planejamento de visitar os locais quinzenalmente. O descumprimento da lei pode acarretar multa.

Toda linha de estofados em 12* vezes iguais.

TV KDL-39R475A LED
39" (100cm)
12x(1+11) SONY

R\$ 189,90
À vista: R\$ 1.899,00
Total a prazo: R\$ 2.209,00

ESTOFADO 3L COM CHAISE
12x(1+11)

R\$ 79,90
À vista: R\$ 799,00
Total a prazo: R\$ 960,00

lojas Certel
Sempre mais fácil de comprar

Validade da promoção: de 13 a 15/6/2013.
Taxas de juros: *12x(1+11) = 3,50% a.m. e 51,11% a.a.

REDE COM 70 LOJAS NO RIO GRANDE DO SUL
CACHOEIRINHA: 51 3469-7632; CAPÃO DA CANOA: 51 3625-1809
e 3625-1806; ESTEIO: 51 3458-7653; GRAVATAÍ: 51 9431-4566;
OSÓRIO: 51 3601-0046; SAPUCAIA DO SUL: 51 3452-3680;
TRAMANDAÍ: 51 3661-3850

ANEXO 2

4

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013

Reportagem Especial



Fachadas depredadas, agências bancárias atingidas e contêineres destruídos marcaram protesto que acabou em prisões

Atos de vandalismo

Impulsionados por três ruídos – e violentos – protestos em São Paulo, manifestantes voltaram às ruas de Porto Alegre para protestar contra a tarifa de ônibus, mesmo que ela já tenha sido reduzida. A noite acabou em vandalismo e 23 prisões.

Mesmo com o valor das passagens de ônibus reduzido após manifestações de rua, outra passeata contra o reajuste de tarifas foi convocada para ontem, e terminou em quebra-quebra, em Porto Alegre. Em um protesto que começou de forma pacífica em frente à prefeitura e se radicalizou noite adentro, contêineres foram incendiados, bancos quebrados e veículos depredados. Vinte e três manifestantes foram detidos – 18 homens e cinco mulheres.

Os ativistas não se contentaram com a redução da passagem de R\$ 3,05 para R\$ 2,85 em abril, após passeatas semelhantes à de ontem, ocorridas em março. A causa agora tinha mais uma motivação: solidariedade aos manifestantes cariocas e paulistas que há uma semana invadem as ruas e tentam baixar a tarifa, mimetizando o sucesso dos ativistas gaúchos. Só que os porto-alegrenses reprisaram aqui a depredação registrada em Rio e

São Paulo. Ecoa também uma onda de protestos com motivações econômicas, como a crise financeira da Europa, que sacode a juventude de Atenas a Istambul, de Barcelona a Paris, tudo alimentado pela internet e encorpado pelas imagens que rodam o planeta via mídias sociais.

O protesto em Porto Alegre começou às 18h, durou cerca de quatro horas e bloqueou o trânsito nas principais vias. A manifestação foi convocada sob justificativa de tentar reduzir ainda mais o valor da passagem, já que houve isenção de tributos PIS/Colins para as empresas de ônibus. Os manifestantes, na maioria jovens, formavam uma miscelânea: anarquistas e ativistas sociais e estudantis, mesclados a militantes de partidos de esquerda. O refrão entoado aos gritos era: “Se a passagem aumentar, a cidade vai parar”.

Após saírem da prefeitura, seguiram pela Avenida Júlio de Castilhos até a rodoviária. Alguns subiram no arco da Trensurb em frente ao Mercado Público, acenderam sinalizadores, picharam a estação do trem e impediram que jornalistas registrassem os atos, ameaçando tirar-lhes os equipamentos. Bancos tiveram vidros quebrados e ônibus foram depredados, em gestos repudiados pela maioria.

– Mostra a cara! – gritava a maioria a um pequeno grupo de 20 depredadores, tentando impedir que a quebradeira virasse marca.

Não conseguiram, mas viaaram seus colegas manifestantes. O trânsito foi bloqueado sucessivamente nas avenidas Júlio de Castilhos, Loureiro da Silva, Salgado Filho, João Pessoa e Erico Veríssimo. A Brigada Militar e a Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) acompanharam o trajeto, que chegou à Avenida Borges de Medeiros, trancando a circulação nos dois sentidos.

Drogas e soco-ínglês

A unidade da mobilização ficou comprometida no momento em que os mascarados quebraram vidros e viraram mesas de um bar na Rua da República.

– Não se esqueçam que o protesto é contra o aumento da passagem – lembrou um manifestante.

Ao passarem em frente à sede do Tribunal de Justiça, onde a tropa de choque da BM fazia proteção, manifestantes atiraram pedras no edifício e fizeram pichações pelo caminho. Na Avenida João Pessoa, algumas pessoas atearam fogo a contêineres, bloqueando a via por cerca de uma hora.

A falta de comando entre os próprios manifestantes – muitos não queriam confusão e quebradeira – fez com que o tumulto começasse ainda internamente.

A BM estava orientada só a acompanhar

o protesto, mas o contêiner queimado foi o ponto crucial para a mudança de postura da tropa de choque. Policiais identificaram manifestantes consumindo maconha e cocaína e portando objetos como soco-ínglês e pedras, que vão bem além das bandeiras de partidos políticos e de diretórios estudantis. A BM reagiu com bombas de gás lacrimogêneo. Ao final do protesto, os detidos foram encaminhados a uma companhia do 9º Batalhão de Polícia Militar, na Rua José Montauray (Centro).

Dos 23 presos, pelo menos duas pessoas já eram conhecidas da polícia. Eles assinaram termos circunstanciados por dano ao patrimônio privado e público e serão investigados. A grande diferença em relação a São Paulo e Rio é que em Porto Alegre não foram registrados feridos graves. Só na capital paulista, dezenas de pessoas foram machucadas por balas de borracha, incluindo sete repórteres.

O curioso nesse episódio é que, ao contrário de outras capitais, a redução das passagens já aconteceu em Porto Alegre e acaba de receber novo apoio. Além do Tribunal de Justiça, que deu liminar garantindo o rebaixamento da tarifa, o Tribunal de Contas do Estado (TCE) emitiu ontem medida cautelar reforçando a decisão. Mesmo imersos na euforia da vitória, manifestantes promoveram a quebradeira.

ANEXO 3

ZERO HORA SEXTA-FEIRA, 14 DE JUNHO DE 2013

5

REPERCUSSÕES

TÚLIO MARTINS,
desembargador e presidente do Conselho de Comunicação Social do Tribunal de Justiça

O Tribunal de Justiça repudia toda e qualquer forma de violência. É perfeitamente compreensível que símbolos do poder e de instituições sejam visados por estes grupos, mas não justifica o comportamento agressivo.

SILANUS DE OLIVEIRA MELLO,
subcomandante geral da Brigada Militar

A orientação era a mesma de sempre: acompanhar o protesto para garantir a segurança das pessoas podendo se manifestar democraticamente. Isso desde que não tenha nenhum tipo de predação. Foram virados lizos e arremessados objetos contra a tropa e o resultado foram 23 presos.

f *Gente foi até a frente da prefeitura antes das 19h e o que vi não me fez bem! Foi pra kza (casa) viver minha vida! Ai vou dar uma banda c/minhas amigas na paz e no amor e o que encontro é um cenário de guerra! ...Basta de diferenças em todas as vidas...e tenho Dito!*

Lá na Turquia, não tem uma vidraça que fique inteira ou um porco que não leve pedrada. Abruços e até o próximo ato. E sim, acabou o amor e o Brasil vai virar Turquia!

Carro do Grupo RBS é atacado

Por volta das 21h10min, um carro do Grupo RBS que levava funcionários para o aeroporto parou na Avenida João Pessoa, ao lado do Parque Farrouplha, devido à concentração de manifestantes no trajeto. O veículo foi sacudido, pichado, chutado e teve o vidro traseiro quebrado por um pedaço de ferro. Um grupo de cerca de seis pessoas, algumas mascaradas e carregando paus, pedras e pedaços de sinalizadores de trânsito, chegou a ensaiar mais hostilidades, mas uma jovem, também integrante do protesto, interveio. O automóvel ficou retido por cerca de cinco minutos até poder deixar o local.



Polícia reage com violência em SP

Além de Porto Alegre, São Paulo, Rio, Manaus e Maceió registraram distúrbios relacionados a protestos contra a tarifa de ônibus. O caso mais grave foi o da capital paulista, onde a Polícia Militar endureceu a repressão contra manifestantes, agrediu jornalistas, deixou pedestres e motoristas encurralados por bombas de gás e tiros de borracha, na quarta manifestação em uma semana.

A série de bombas de efeito moral lançadas pela tropa apavorou pedestres e motoristas – que chegaram a abandonar carros. Pelo menos 55 pessoas, vítimas de confrontos entre PM e manifestantes, receberam atendimento médico. Outras 192 foram presas.

No Rio, o ato terminou com policiais militares e ativistas se enfrentando na Candelária, no Centro. Manifestantes atearam fogo a latas de lixo e quebraram vidraças. Policiais reagiram com balas de borracha e bombas de gás lacrimogêneo.

Uma causa que une grupos

CARLOS ROLLING

Porto Alegre inspirou protestos em São Paulo, Rio e outras capitais. Provocado por jovens militantes do PSOL, PSTU, movimentos sociais e anarquistas, o Bloco de Lutas pelo Transporte Público alcançou vitória com a redução das tarifas. Em São Paulo os protestos surgiram para repetir Porto Alegre. Mas os paulistas pagaram pesado na irracionalidade. O quadro se inverteu, e São Paulo inspirou Porto Alegre. Blocos de lutas integrados por grupos de conexões nacionais marcaram protestos simultâneos para ontem à noite em capitais. E os porto-alegrenses, encorajados pelos companheiros

paulistas, adotaram atos de violência de intensidade não vista antes, liderados por anarquistas com traços sociopatas. Os protestos não vão parar. A causa do transporte público é a que mais unifica os grupos ideológicos. Eles pleiteiam nova redução para R\$ 2,60. Mas há outras causas, como as árvores da Avenida Beira-Rio. Os movimentos representam um novo extrato da sociedade. Idealistas desencantados com a política sindical e partidária tradicional querem interferir no sistema por meio dos movimentos sociais. Isso leva aqueles que pertencem a partidos a se integrem aos atos pelos coletivos. Uma adaptação. Uma nova forma de expressão – por vezes radical e agressiva – de emoções e utopias.

TCE decide manter passagem em R\$ 2,85

A passagem de ônibus em Porto Alegre deve permanecer em R\$ 2,85. A decisão é do Tribunal de Contas do Estado (TCE), que emitiu medida determinando à Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) que mantenha a tarifa que está em vigor. O conselheiro Iradir Pietroski, que estuda o assunto no TCE, diz que uma auditoria detectou erros no reajuste que a passagem para R\$ 3,05 – e que vigorou de 22 de março a 5 de abril. A tarifa voltou a ser de R\$ 2,85 por força de uma liminar para uma ação popular que tramita na Justiça Estadual e que não tem relação direta com a auditoria promovida pelo TCE. A EPTC tem 15 dias para explicar o cálculo da tarifa e contestá-lo, se assim desejar.



Em São Paulo, confrontos resultaram em feridos (ao lado, uma jornalista foi atingida no olho com um tiro de bala de borracha)



BIG * **Liquidação DE ELETRO E BAZAR**

Preços válidos de 14 a 20/06/2013.

30 LITROS

Micro-ondas Brastemp BMS45
• Seria Novo Jato
• Painel Injetivo
à vista **R\$ 329,00**
10x **R\$ 32,90**

Home Theater Sony DAVTZ140
• 5.1 canais
• Integrado com DVD
• 240W RMS
• HDMI
• Entrada USB
à vista **R\$ 498,00**
12x **R\$ 41,50**

TV 32" LED conversor DIGITAL integrado
TV LED 32" AOC D0330
à vista **R\$ 998,00**
12x **R\$ 83,16**

COBRIMOS O PREÇO da concorrência direto no caixa. Simples e fácil.

Válida para os Hipermercados BIG Porto Alegre, de 14 a 20/06/2013, enquanto durarem os estoques. Em respeito aos nossos clientes, não venderemos por atacado. Fotos meramente ilustrativas. Participe em até 5x sem juros nos cartões Hipercard e Walmart, com parcela mínima de R\$ 15,00. Demais produtos de Eletro em até 12x sem juros nos cartões Hipercard e Walmart, com parcela mínima de R\$ 10,00. Demais cartões, consulte política de pagamento nas lojas.

ANEXO 4

2 ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013

CLÁUDIA LAITANO

claudia.laitano@zerohora.com.br @ladlait



Avinagrou

Muito antes de pensar em ter filhos, eu costumava me perguntar o que, no comportamento deles, poderia me parecer incompreensível. Por trás desse exercício aparentemente inocente de futurologia, havia uma boa dose de arrogância. No fundo, eu estava convencida de que a civilização havia chegado a alguma espécie de zênite com a minha geração. Se dependesse de nós, o chamado "conflito de gerações" estava a caminho da extinção. No futuro, dançaríamos todos na mesma balada, ouvindo as mesmas músicas e vestindo o mesmo jeans azul e desbotado (o que, de certa forma, acabou acontecendo mesmo).

Mesmo lá, na torre mais alta do castelo da minha ingenuidade, eu avistava um limite para o horizonte da minha aceitação incondicional de modos de vida diferentes do meu: a violência. Tudo bem espetar alfinetes no próprio nariz, tocar berimbau para ganhar a vida ou ser

contra-tudo-isso-que-está-aí, desde que ninguém saísse machucado por pensar de forma diferente. Trinta anos e uma filha depois, minha ilusão de tolerância e compreensão infinitas das novas gerações foi substituída pela disposição, bem mais modesta, para reconhecer que novas circunstâncias geram novas sensibilidades e novas formas de pensar. A violência, porém, continua inegociável. Bateu, quebrou? Perca todos os pontos e volte para o início da jogada.

Por uma coincidência quase mística, o sociólogo Manuel Castells esteve no Brasil na mesma semana das manifestações contra o aumento das passagens em São Paulo, Porto Alegre e outras capitais. Na noite de segunda-

A violência é sempre caótica, incontrolável, anticivilizatória

feira, Castells fez uma das melhores palestras de todas as edições do Fronteiras do Pensamento até aqui, não apenas pela simpatia, mas pela lucidez com que analisou eventos que são ainda muito recentes para serem completamente

entendidos pela sociedade (governos, imprensa, pais e toda a torcida do Flamengo aí incluídos).

Castells, 71 anos, acredita que os movimentos sociais em ebulição no mundo todo hoje anunciam um novo modo de atuação política, com padrões comuns e uma dinâmica própria: descentralização de lideranças, ausência de uma pauta única de reivindicações e uso da internet como trampolim virtual para a reunião em locais públicos. No que isso vai dar, ninguém sabe ainda, mas quem tentar encaixar as atuais

manifestações em modelos já conhecidos corre o risco de deixar escapar a parte mais interessante do enredo desta ópera.

Boa parte da garotada, em São Paulo como em Porto Alegre, condena as depredações. Para uma parcela dos manifestantes, porém, a violência é um recurso legítimo para chamar a atenção. No fim das contas, o quebra-quebra acaba funcionando como uma enorme cortina de fumaça que apenas confunde e atrasa o debate público, o que se fez esta semana foi contar feridos, calcular prejuízos e buscar culpados.

A violência é sempre caótica, incontrolável, anticivilizatória, venha de onde vier. Mas é preciso reconhecer que ela se torna muito mais ameaçadora quando parte justamente do lado que deveria ter sido treinado para lidar com manifestações públicas de forma a acalmar os ânimos mais exaltados – e não o contrário.

HOJE EM ZERO HORA

EM SOLO GAÚCHO



Uma entrevista com Ariano Suassuna, escritor paraibano que participou da Feira do Livro de Canoas nesta semana.



Assista a um trecho da participação de Suassuna na Feira. Acesse o vídeo de seu celular, a partir do código QR ao lado.

CULTURA

O PERCURSO

Na véspera da 30ª Maratona Internacional Caixa de Porto Alegre, revise o mapa da prova na página 45 desta edição.

EDITORIAL

Boicote à democracia trata das manifestações de rua realizadas em diferentes capitais do país.

Pág. 14

ZH IMPRESSA

Primeiro caderno	48 páginas
Vida	8 páginas
Segundo Caderno	12 páginas
Cultura	8 páginas
Total da Edição	76 páginas
Classificados Capital	24 páginas

ARQUITETURA REVELADA



A Casa de Cultura Mario Quintana, em Porto Alegre, é um dos temas do app Foto ZH. Escondido por redes e tapumes, o prédio passa por mais uma etapa da reforma. Com os endereços ao lado, baixe no iPad ou em tablets com sistema Android.

zhora.coffotozhandroid

zhora.coffotozhipad

CARAS NOVAS



Para marcar os sete anos de existência, o blog Clube da Bolinha ganhou novo layout e nova formação. Acesse

zerohora.com/clubedabolinha



DÉBORA PRADELLA
Editora de Esportes



NATÁLIA LEAL
Editora de Esportes



RAQUEL SALIBA
Assistente de conteúdo



VANESSA GIRARDI
Editora de Esportes



QUAL É O SEU PERFIL?

O Vida preparou um teste com cinco perguntas para ajudá-lo a descobrir qual é o esporte ideal para você. Confira no caderno ou acesse o site.

zerohora.com/vida

VIDA

TEMPO HOJE



Sol aparece em boa parte do Estado, mas pode chover no fim do dia no Norte e na Capital.

TEMPO AMANHÃ



Porto Alegre terá domingo chuvoso. A temperatura deve ficar entre 11°C e 20°C.

Pág. 28

ANEXO 5

12 ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013



PÁGINA 10
ROSANE DE OLIVEIRA

rosane.oliveira@zerohora.com.br
@rosaneoliveira

Protesto sim, violência não

Dono de uma banca de jornais e revistas na Rua Vigário José Inácio, pichada pela minoria que tumultua os protestos contra o aumento da passagem de ônibus, Nelci Muttes disse uma frase definitiva para a repórter Geórgia Santos, da Rádio Gaúcha, ontem à tarde:

— As pessoas que se escondem atrás de uma máscara, que cobrem o rosto, não são verdadeiros homens, são uns covardes.

Vale para os homens e vale para as meninas que também usam toucas ninja nos protestos e depredam patrimônio público e privado:

são covardes escondidos atrás de uma máscara. Que tipo de cidadão é esse que, para reivindicar ônibus mais barato, precisa atirar pedras contra portas de banco, depredar carros e destruir contêineres de lixo? A contabilidade preliminar da Brigada Militar indicou pelo menos 70 abusos atingidos pela fúria dos manifestantes.

Mil vezes é preciso dizer que não são todos. Que a maioria protestou de forma pacífica, exibindo cartazes, cantando ou gritando palavras de ordem. Os adeptos da violência são rebeldes da causa certa com

métodos errados. No caso da manifestação de quinta-feira, a violência é ainda mais incompreensível: ocorreu no momento em que a passagem está reduzida por decisão judicial, que o procurador José Tábilo Barbosa recomendou a manutenção da liminar e que o Tribunal de Contas reafirmou cálculo segundo o qual o bilhete deveria ficar nos R\$ 2,85.

Não é Nelci Muttes quem tem que pagar pela repintura de sua banca: essa conta precisa ser paga por quem patrocinou os atos de vandalismo. A polícia prendeu alguns, o sistema de controle da prefeitura ajudará a

identificar outros, e a investigação pode levar aos mascarados que não ousam mostrar o rosto. Não é justo que os atingidos paguem pelos prejuízos ou que a conta caia no colo dos cidadãos, se for repassada para a prefeitura.

O que os usuários de ônibus e os vereadores de Porto Alegre precisam é exigir transparência na planilha de custos das empresas de transporte, trabalho que o TCE vem fazendo a partir de uma provocação do Ministério Público de Contas, e pressionar pela licitação, que há anos vem sendo adiada. Isso se faz com o cérebro, não com os pés.



CORTE

Cpers confunde greve com folga

O Cpers está tão acostumado com o abono de ponto quando os professores fazem greve, que agora se recusa a aceitar o **desconto** no contracheque dos que cruzaram os braços em abril, durante paralisação nacional.

A manifestação contra o governo Tarso Genro está marcada para o próximo dia 21, em frente à sede do sindicato.

“Além de não pagar o piso salarial, o governo Tarso segue atacando os educadores. De forma autoritária, está descontando o salário dos professores e dos funcionários de escola que participaram da paralisação”, diz uma nota emitida ontem pelo sindicato.

Se os professores do ensino privado fizerem greve, alguém acredita que não terão desconto no salário?

Secretaria aceita discutir corte

A Secretaria da Educação aceita pagar os professores que tiveram o ponto cortado devido à paralisação de três dias ocorrida no fim de abril. No entanto, o secretário Jose Clovis de Azevedo explica que terá de ser comprovada a **compensação** das horas que ficaram para trás:

— Não podemos pagar quem não trabalhou. Isso gera um risco para nós, gestores, até mesmo com o Tribunal de Contas — justifica.

FIFA EM ALERTA COM MANIFESTAÇÕES

A onda de protestos contra aumento nas tarifas de transporte público em várias capitais, além das manifestações anti-Copa, acenderam um sinal de alerta para os dirigentes da Fifa. O temor é de que os protestos prejudiquem a realização da Copa das Confederações, que começa hoje, em Brasília. Ontem, manifestantes incendiaram pneus e bloquearam o acesso

ao **Estádio Mané Garrincha**, palco do jogo de abertura da competição.

— Respeitamos o direito dos cidadãos de protestar e a liberdade de expressão. Estamos monitorando a situação, obviamente, e estamos em contato com as autoridades locais para ficarmos informados — declarou o chefe de mídia da Fifa, **Pekka Odrizola**.

A manifestação ocorrida em Brasília era contra os gastos públicos para viabilizar a Copa das Confederações e a Copa do Mundo. Na Capital Federal, foram gastos mais de **R\$ 1 bilhão** para a construção do estádio, que tem tudo para ser um elefante branco após as competições, já que a cidade não tem nenhum clube de expressão para utilizar a arena.

Exemplo que vem de Caxias

Golaço do prefeito **Alceu Barbosa Velho**: conseguiu negociar com as empresas e reduzir o preço da passagem de R\$ 2,85 para R\$ 2,75. A tarifa de R\$ 2,85 vigorava desde 1º de janeiro.

Contribuíram para a redução os incentivos dados pelo governo federal, com a desoneração da folha de pagamento e a isenção de Pis-Cofins.

No momento em que várias cidades enfrentam conflitos por conta da passagem, o acordo ganha ainda mais importância.



Festa do pinhão

Com uma diferença em relação às edições anteriores, termina neste fim de semana a Festa do Pinhão, de São Francisco de Paula: a entrada é gratuita.

O prefeito **Juarez Hampel** (PTB) diz que a festa ficou mais democrática, apesar da situação financeira que herdou: por problemas na prestação de contas do evento de 2010, a prefeitura terá de devolver, corrigidos, os R\$ 120 mil que recebeu do Ministério do Turismo e não pôde pleitear recursos para este ano.

ALIÁS

Os relatos e as imagens dos protestos em São Paulo deixam claro que a polícia cometeu excessos. Embora uma minoria tenha depredado ônibus e prédios, a reação da polícia foi exagerada

Com Juliano Rodrigues
juliano.rodrigues@zerohora.com.br 3218-4387

ANEXO 6

14 ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013

EDITORIAL

BOICOTE À DEMOCRACIA

O Brasil dormiu assustado na última quinta-feira devido às manifestações violentas em pelo menos cinco capitais, que resultaram em prédios depredados, veículos e equipamentos públicos incendiados, confrontos entre policiais e manifestantes, prisões e ferimentos. O pretexto para a maioria dos protestos é o preço das tarifas de transporte público, uma causa simpática à população, mas desvirtuada pelo vandalismo, pela presença de delinquentes infiltrados nos movimentos sociais e também, em alguns casos, pela reação desproporcional das forças policiais.

Mais do que assustado, o Brasil passa a dormir preocupado com a explosão de protestos de rua que não apenas defendem direitos legítimos de alguns setores da sociedade mas também ferem as prerrogativas constitucionais de todos – entre as quais a da segurança pública, a da propriedade privada e a de ir e vir. Como explicar a legitimidade democrática dos protestos para pessoas presas em estradas bloqueadas, sitiadas e ameaçadas pelas batalhas entre manifestantes e policiais, vendo seus veículos e estabelecimentos comerciais depredados por grupos mascarados ou desprotegidos porque as forças de segurança deixam de policiar a cidade para se concentrar nos locais do protesto?

Evidentemente, como em qualquer conflito, todos os lados devem ser ouvidos. E um olhar mais distanciado do fenômeno indica que os manifestantes não estão isolados na sua ação. Recente pesquisa do Instituto Datafolha, feita em São Paulo, demonstra que 55% dos entrevistados apoiam os protestos contra o preço das tarifas de transporte, mas 78% condenam o emprego de violência nas manifestações. Repudiam a violência de parte à parte, pois a polícia paulista, como mostram fartamente os registros jornalísticos dos fatos, também exagerou na repressão, atingindo culpados e inocentes com cassetetes, bombas de gás e balas de borracha.

Ninguém pode desejar uma situação dessas. Assim como merecem repúdio o vandalismo e as depredações, também não se pode aceitar que tropas armadas e sustentadas pelos contribuintes se voltem contra eles, sem discriminar delinquentes e cidadãos responsáveis. Talvez já esteja passando da hora de um diálogo aberto e desprendido, em que todas as partes interessadas coloquem seus argumentos e busquem soluções coletivas.

Há, porém, um fato desconcertante nessas manifestações. Elas parecem refle-



Assim como merecem repúdio o vandalismo e as depredações, também não se pode aceitar que tropas armadas e sustentadas pelos contribuintes se voltem contra eles, sem discriminar delinquentes e cidadãos responsáveis.

tir muito mais um modismo orquestrado pelas redes sociais do que propriamente interesses específicos de setores realmente desassistidos da sociedade. Basta observar o perfil dos manifestantes: entre eles é muito mais fácil encontrar jovens universitários do que operários e pessoas de pouca instrução, que dependem muito mais do transporte coletivo para se deslocar de casa aos locais de trabalho. Isso não chega a ser uma deformação, pois é natural que as pessoas melhor informadas representem as minorias sem voz. O que causa perplexidade é a presença nos eventos de radicais que encobrem o rosto para depredar e mesmo de marginais com antecedentes criminais. Também é incompreensível e inaceitável o protesto imotivado, como ocorreu na última quinta-feira em Porto Alegre, on-

de o preço das passagens de ônibus está contido por medida judicial.

Esses delinquentes comprometem as boas intenções da maioria e boicotam a democracia. O povo brasileiro lutou pela liberdade democrática para poder protestar livremente, para poder questionar seus governantes e representantes políticos sem sofrer represálias, para contar com uma imprensa livre que possa retratar fatos e opinar sobre eles, para ter a oportunidade de equacionar seus conflitos sem se submeter a pressões econômicas, políticas ou de qualquer natureza – mas também para não viver sob a ameaça da violência, venha de onde vier.

Manifestantes que ultrapassam os limites da lei e da civildade, assim como autoridades que chancelam a violência do Estado, são sabotadores da democracia.

ARTIGOS

Basta de violência contra as mulheres

ARIANE LEITÃO*

A morte de mulheres gaúchas nos últimos dias, vítimas da violência praticada por seus companheiros ou ex-companheiros, chocam o Estado. Infelizmente, a violência contra as mulheres é uma realidade ainda a ser enfrentada no Rio Grande do Sul. Não podemos estar inertes frente a fatos que impactam e mostram o quanto o feminicídio e outros crimes contra nossas mulheres representam um problema cultural.

Vivemos uma realidade em que o poder patriarcal e machista dá direitos aos homens sobre o corpo e a vida das mulheres, respaldados pela lógica sexista que banaliza a violência. Uma sociedade na qual os homens têm dificuldade de entender e aceitar as mudanças em favor das mulheres. É preciso garantir a conquista da liberdade, livrando-as da violência que compromete o avanço civilizatório do país.

A Secretaria de Políticas para Mulheres do Rio Grande do Sul está organizada para enfrentar o problema. Em dois anos de atuação, mobilizou órgãos públicos, entidades civis e agentes sociais em defesa da igualdade de gênero no Estado, cumprindo seu papel na articulação e mobilização, para garantir a transversalidade de gênero nas políticas implementadas em todo o Estado.

Por isso, as políticas de apoio às mulheres têm espaço no governo estadual. Pela primeira vez, recebem destaque na lei orçamentária do Estado. E, por essa participação, é prevista a destinação de 20 automóveis para as casas-abrigo e centros de referência municipais e o reaparelhamento de 30 organismos públicos para as mulheres. Além de desenvolver ações transversais e federativas para empoderar, gerar trabalho e renda para as mulheres e enfrentar a violência.

Para a SPM, as políticas públicas devem contar com a participação de todas as instâncias envolvidas na Rede Lilás (rede de enfrentamento à violência contra a mulher). O Estado não pode se intimidar frente a esses números, mas, sim, decretar tolerância zero e mostrar que conta com uma frente de combate disposta a lutar em favor das mulheres. O agressor deve ser punido, pois a impunidade o leva a crer que pode intimidar e vitimizar mulheres.

Somente com políticas públicas para defesa dos direitos das mulheres, a história pode ser reescrita. A reação violenta ao processo emancipatório das mulheres não nos intimidará. Nossa caminhada em busca da igualdade e da liberdade continua. Trabalhamos pelas mulheres, por mais autonomia e participação.

*Secretária Estadual de Políticas para Mulheres



O Estado não pode se intimidar frente a esses números, mas, sim, decretar tolerância zero

Grupo RBS

Presidente Emerito:
Jayme SirotskyFundador:
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)Presidente do Conselho de
Administração e Comitê Editorial
Nelson Pacheco Sirotsky

Conselheiros:

Betania Tarun	Luiz Henrique Praga
Carlos Melzer	Marcos Sirotsky
Claudio Thomaz Lobo Sander	Nelson Mattos
Israel Vainboim	Pedro Sirotsky
Jayme Sirotsky	Regis Dubrife

Diretoria Executiva

Presidente-executivo: Eduardo Sirotsky Meiser

Jornais, Rádio e Digital: Eduardo Magnum Smith
Televisão: Antônio Augusto Pinero Tigre
Jornalismo: Marcelo Rech
Jurídico e Relações Governamentais: Alexandre Kraul Jobim
Finanças: Claudio Teigo Filho
Gestão e Pessoas: Dedi Marson
Estratégia e Desenvolvimento de Negócios: Luciana Antonini Ribeiro
Negócios Digitais - e.Bricks: Fabio Braggiotti
Unidade de Educação: Mariano de Beer

ZERO HORA

Fundado em 4 de maio de 1964

Diretora de Redação ZH e Jornais RS:

Marta Gleich

Diretor de Operações Jornais RS:

Párcles Genço

Diretor Comercial e de Marketing dos Jornais RS:

Mateo Leite

Diretora de Circulação:

Eliana Marcon

www.zerohora.com.br

ANEXO 7

ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013 15

DEBATE: PROTESTOS DE RUA

Uma cidade sem cidadãos

JORGE BARCELLOS*

Jornalistas atingidos por balas de borracha, jovens recebendo bordoadas de policiais e violência praticada contra cidadãos que sequer participavam dos movimentos foram cenas vistas recentemente de um cruel cenário de luta contra o capitalismo em busca de um sistema mais justo. O que foi vivido em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre nos últimos dias mostrou a intimidação do Estado com a violência em diversos graus.

De fato, uma das funções do Estado é estabelecer uma legislação e preservar os castigos contra sua transgressão. Mas a violência contra manifestantes inocentes ultrapassa todo o direito do Estado ao uso da violência, como previa Max Weber, e confirma a tese de Walter Benjamin de que a violência está presente no próprio direito. As ações repressivas do Estado mostram que ele tem um núcleo violento, mostram a relação da violência com a política, mas é preciso lembrar que a política não pode deixar de ter uma dimensão ética.

Pensávamos que vivíamos numa democracia pacífica, o que imaginariamente fazia desaparecer o direito do cidadão à rebelião. Os movimentos de norte a sul do país indicam que a sociedade atingiu o seu limite, não aguenta mais e faz a pergunta por justiça e questiona a legitimidade dos governos que escolheu. A violência empregada pela população quer perguntar ao Estado sobre a noção de justiça que defende: é justa a passagem a R\$ 3,05? É justa a derrubada de árvores na Capital? A violência é uma forma desesperada de resistência da sociedade, mas a ação violenta dos órgãos policiais nega o direito de resistência.



Os movimentos são violentos porque a sociedade se sente abandonada pelo sistema político e econômico; o problema não é o valor das passagens em si, mas do sistema excludente que obriga a população a não encontrar outra alternativa, que não seja a violência, para ser ouvida. Em Porto Alegre, os manifestantes queriam baixar a passagem e o conseguiram, mas isto não foi suficiente, porque descobriram que é o próprio capitalismo que desejam combater. E, como não há projeto, atendem ao impulso à violência em estado puro. É aí que cometem um erro.

É claro que não queremos a violência, mas o problema justamente é saber aquilo que queremos. O espírito destes movimentos é de revolta e não de revolução, são movimentos de fúria autêntica sem um programa de mudança sociopolítica. A maioria de seus participantes rejeita a violência, mas há ali em seu interior aqueles que seguem praticando-a, produto da descrença na classe política à direita e à esquerda. Movimentos sem programa se tornam histéricos e o que vemos no dia seguinte é a repetição do dia anterior, o que leva a um estado de emergência permanente e o risco da suspensão da democracia política. Como dizia Gandhi, os manifestantes só foram violentos porque "querem dar um basta ao modo como as coisas funcionam" (Žižek), mas o que significa sua violência quando comparada à exercida pelo Estado que afirma existir liberdade mas não tolera a "liberdade de rebelião"?

*Doutor em Educação pela UFRGS

Os movimentos são violentos porque a sociedade se sente abandonada pelo sistema político e econômico

Democracia, ordem e espaço público

SEBASTIÃO VENTURA PEREIRA DA PAIXÃO JR.*

A rua é o ambiente natural da vida democrática e, assim o é, porque o abrir das flores da liberdade precisa do terreno fértil de um espaço público saudável. No entanto, o que estamos vendo em Porto Alegre, Rio de Janeiro e São Paulo contra o aumento da tarifa de ônibus nada tem a ver com democracia e liberdade. O fenômeno é outro: é desordem, é violência, é balbúrdia, é anarquia. Destaco um detalhe: muitos manifestantes estão encapuzados. O que isso significa? Significa que precisam esconder seus rostos porque sabem que estão fazendo algo errado, ilícito ou reprovável. E é sabido e ressaltado que a justa reivindicação não precisa de disfarces ou anonimatos.

Poderíamos, então, pensar que o disfarce (capuzes) é usado porque estamos a viver um período de exceção e arbítrio. Não. Vivemos um tempo de liberdade democrática protegida por uma Constituição viva, real e pulsante. É o que o diz a regra constitucional? Que "todos podem reunir-se pacificamente, sem armas, em locais abertos ao público, independentemente de autorização, desde que não frustrem outra reunião anteriormente convocada para o mesmo local, sendo apenas exigido prévio aviso à autoridade competente" (art. 5º, XVI, CF/88). Como se vê, o direito de reunião é constitucionalmente assegurado, condicionando-se: deve ser obrigatoriamente pacífico, sob pena de legitimar o uso da força pública para o restabelecimento da ordem e da lei.

Pergunto, por oportuno: se uma manifestação pública interromper o trânsito, impedindo que uma am-



bulância com um paciente grave chegue ao hospital e ocasione o óbito do doente, serão os manifestantes responsabilizados pela morte? Poderão ser acusados de homicídio? Como negar que não tiveram intenção da morte se até um frade de pedra sabe que bloquear o trânsito pode impedir que uma ambulância alcance em tempo a UTI de um hospital? Haveria como recusar essa evidência incontestável? E que os manifestantes teriam a dizer para a família da vítima? Será que um simples pedido de desculpa bastaria?

Ora, se a própria insegurança pública não fosse o bastante, temos, agora, que conviver com movimentos sociais que, ao invés de lutarem pela pacificação do ambiente público, exacerbam, ainda mais, o estado de tensão da sociedade brasileira. Tais sintomas indicam que algo está mal e que precisa ser urgentemente medicado. A questão é que talvez os veículos tradicionais de participação política (partidos políticos) estejam superados pelas novas formas de direta manifestação democrática (internet e redes sociais). Na rota do progresso, o caminho passará por uma reconquista civilizada e sem violência do espaço público que imponha uma agenda de novas práticas e cobre melhores hábitos na vida pública. Definitivamente, a forma de ação política mudou. E quanto a nós: será que continuaremos os mesmos?

*Advogado

O caminho passará por uma reconquista civilizada e sem violência do espaço público que imponha uma agenda de novas práticas

IOTTI



iotti@zerohora.com.br



BRASÍLIA
CAROLINA BAHIA

carolina.bahia@gruporbs.com.br @Carolina_Bahia

Com Gaue Fonseca

Passando a bola

O Planalto jogou no colo dos municípios e dos Estados a responsabilidade pela crise das passagens de ônibus. Com um discurso afinado, a ministra Ideli Salvatti (Relações Institucionais) lembrou que a União já desonerou o setor de tributos federais e que já cobrou de governadores e dos prefeitos a redução de impostos. Ela ainda complementou, citando recursos liberados para obras de mobilidade. Por trás dos protestos em Porto Alegre, São Paulo e Rio, há, no entanto, mais do que a passagem cara. A revolta também é com a alta no custo de vida, com os serviços que nunca funcionam. A violência – de manifestantes e policiais – não se justifica e merece crítica. Mas também não pode servir de fumaça para encobrir uma clara insatisfação. Se há culpados, União, Estados e municípios estão no mesmo barco.

Imprensa

O Grupo de Trabalho sobre Direitos Humanos dos Profissionais de Comunicação, ligado à Secretaria de Direitos Humanos, apura informações sobre os ataques a jornalistas nas manifestações desta semana. A situação será debatida em audiência pública no dia 25, na Assembleia de São Paulo.

Diplomacia

Irritado com a falta de resposta do ministro Antonio Patriota (Relações Exteriores) ao convite para ir à Comissão de Relações Exteriores, o senador Pedro Simon decidiu convocá-lo. O gaúcho quer que o chanceler explique a Aliança do Pacífico e os reflexos no Mercosul.



Agora é tarde

Desorganização não é privilégio do torcedor comum. O deputado Danreli (PSD, foto), por exemplo, recebeu convite para o jogo de hoje, no Mané Garrincha, apenas ontem à tarde, quando já estava no Rio Grande do Sul. "Adoraria ir, mas agora é tarde", lamenta o goleiro.

Condor

Governos do Uruguai e da Argentina vão participar da exumação de Jango. O acordo foi confirmado em Montevideo, pela ministra Maria do Rosário (Direitos Humanos). O Uruguai terá uma historiadora e o seu perito forense mais respeitado, José María López Mazz, professor da Universidade da República. A Argentina ainda não anunciou seus dois indicados.

NO CAFEZINHO

Médico e ex-secretário de Saúde de São Leopoldo, o deputado Alexandre Roso (PSB) acredita que a contratação de médicos do Exterior só será aprovada pela Câmara se houver a revalidação do diploma aqui. O Ministério da Saúde tenta convencer os parlamentares a votar a proposta sem a exigência do teste.

Os artigos enviados devem ter até 2.400 caracteres, ou 40 linhas de 60 espaços, e poderão ser divulgados também na edição online de ZH. artigos@zerohora.com.br zerohora.com/opiniaozh @opiniaozh

ANEXO 8

4

ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013

Reportagem Especial

OPINIÕES



RE-JANE AZEVEDO

Não consigo aceitar esse tipo de manifestação, onde as pessoas não estão ali para reivindicar um direito, mas para fazer baderna, deprender o patrimônio e incitar a violência. Temos direito de protestar de maneira civilizada.

ADAIR DOLZAN

Sou a favor de que as pessoas protestem contra alguma coisa, aliás, os brasileiros precisam protestar mais. O que é inaceitável e revoltante é sair para a rua só para destruir o patrimônio público e privado.

CARLOS TADEU ROSA

Temos de valorizar a democracia, a liberdade de expressão, mas sempre respeitando os direitos dos outros. E o que está acontecendo nos protestos atuais chama-se "vandalismo".

BIBIANA B.S.

As manifestações fazem parte de uma luta pelos direitos, mas nem toda luta precisa envolver violência. Será mesmo que precisa aumentar o preço da passagem? E o que é feito com o dinheiro do imposto que pagamos?

JOSE AUGUSTO ROCHA

Sou a favor de toda manifestação que visa a reivindicar melhorias em favor da população. Porém deve ser pacífica e ordeira. Quando descamba para agressões e depredações, perde a razão.

RAFAEL SCHWARTZ

Ninguém é a favor do vandalismo. São criminosos e devem ser tratados e punidos como tal. Mas 99% é gente de bem, lutando pelos seus direitos e que bom que os nossos jovens estão tomando as ruas.

LIMITE DOS PROTESTOS

Violência condenada

Os protestos contra a elevação da tarifa de ônibus tiveram início na Capital em março, se alastraram por diversas capitais do país e retornaram com violência redobrada para Porto Alegre nesta semana. A escalada no nível de agressividade de manifestantes e policiais reforça um debate sobre os limites das ações de cada parte e o temor de novos confrontos.



Cartaz com os dizeres "Isso não representa o movimento" fixado na fachada de banco depredado mostra repúdio a atos de vandalismo

Ao ampliar o número de alvos e o nível dos danos registrados, o mais recente protesto contra a tarifa de ônibus em Porto Alegre inflamou um debate sobre a violência nas manifestações e o papel de ativistas e policiais. Reproduzida com fôlego nas redes sociais, a discussão apresenta pontos de vista divergentes sobre o rumo da mobilização, mas encontra um ponto comum: o temor de acirramento dos ânimos.

Zero Hora ouviu líderes políticos, sociólogos, manifestantes e cidadãos de diferentes matizes ideológicos sobre a elevação na agressividade dos protestos. Foram contabilizadas depredações ao patrimônio público e privado. Em contrapartida, a Brigada Militar deteve 23 suspeitos. Um vídeo publicado na internet mostra que po-

liciais recolheram pessoas até de dentro de um bar. Não houve, porém, relatos de agressões como as praticadas pela PM paulista.

Até esta semana, os alvos costumavam ser prédios relacionados à questão da tarifa de ônibus, como a prefeitura.

— A população está ficando mais indignada com o aumento do custo de vida, com a corrupção e a falta de democracia nas discussões sobre as cidades, além da forte repressão que houve em São Paulo — argumenta a vereadora do PSOL Fernanda Melchionna.

O protesto de quinta na Capital sucedeu a manifestações em São Paulo, por sua vez inspiradas no movimento porto-alegrense, que envolveram duros confrontos entre ativistas e policiais. Fernanda sustenta que dar destaque a atos radicais promovidos

por uma minoria é uma tentativa de criminalizar o movimento na Capital. Para o líder do PSDB na Câmara de Vereadores, Mario Manfro, as depredações devem ser vistas, sim, como parte das manifestações e combatidas com rigor pela polícia.

— Se tu chamas um manifesto, tu és responsável pelo bônus se conseguir a tua meta. Mas também é responsável pelo ônus se as coisas fogem do controle — sustenta Manfro, que também condena os bloqueios de vias públicas.

O cientista político e coordenador do curso de Ciências Sociais da Ulbra, Paulo Moura, avalia que o vandalismo é promovido por pessoas que procuram ampliar a visibilidade das ações aproveitando-se de um cenário de insatisfação popular provocado pela inflação e perda do poder aquisitivo.

— Embora não se fale nisso, é a per-

da do poder aquisitivo que explica, também, o apoio popular ao movimento. Mas, quando ocorrem abusos, a polícia tem de agir — defende.

O problema, na visão do ativista Lucas Fogaça, da Assembleia Nacional dos Estudantes — Livre (Anel), é que os atos violentos, segundo ele pontuais, motivam ações ainda mais agressivas das autoridades.

— Quando há algum excesso, a reação da polícia é desproporcional. Por isso, a partir de agora as lutas devem adotar um caráter mais amplo também contra a repressão — aposta.

Para a cientista e professora da UFRGS Céli Regina Pinto, a resposta para a escalada de violência deve ser buscada:

— Dizer que são vândalos não basta. Não estou defendendo, apenas dizendo que precisamos saber quem são, porque essa violência é muito perigosa.

ANEXO 9

ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013

5

ELIANA MACHADO

Todas as manifestações são válidas, o povo tem direito a reivindicar, mostra que a união faz a força, mas quando vira uma baderna e depredação contra o patrimônio, sinto vergonha. Dessa maneira, perdemos a razão.

ERNESTO DOZZA DE IVANOFF

As manifestações sempre levavam à reflexão dos governantes, isso é pacífico. No entanto, quebra-quebra, vandalismo, tiram o foco do motivo e fica para segundo plano o motivo do movimento.

ALBERTO ROBERTO

Protesto pacífico deve ser tolerado. Protesto com vandalismo deve ser combatido com jatos de dispersão com tinta colorida. Não causa lesões em manifestantes, jornalistas, como balas de borracha, e facilita a identificação.

BELA DAUDT

É uma manifestação legítima, em busca de direitos e de democracia. Se alguns gritam "Acabou o amor" e jogam pedras em agências ou carros, a maioria abaja o som com pedidas de real mudança, de não violência.

BENTO AMARAL

O simples e óbvio é que as manifestações são legítimas e devem ser ouvidas pelos nossos representantes políticos em todos os níveis. Agora nada justifica o vandalismo causado, o transtorno à sociedade é evidente, é o efeito das manifestações.

ANTONIO G. DA SILVA

Manifestações legítimas, que não perdem o significado por conta de um ou dois alheios ao propósito real. Descabida a atitude de governantes e da polícia, que evidenciam o terceiro mundo em que vivemos.

VANESSA SANDRI

As manifestações são necessárias para melhorar a vida das pessoas. O que não dá para entender é a atitude violenta dos governos que não sabem lidar com isso. Desproporcional, a repressão em São Paulo.

”



Em São Paulo, PM atingiu jornalista com uma bala de borracha

COMPARATIVO

A diferença de ação entre as polícias de Porto Alegre e de São Paulo nos protestos de quinta-feira

PORTO ALEGRE	SÃO PAULO
Houve emprego da força somente após a dispersão do grande grupo de manifestantes e a danificação de contêineres. A BM afirmou que a grande maioria se portou pacificamente no protesto.	A PM buscou o confronto com os manifestantes para impedi-los de acessar a Avenida Paulista. A ação, segundo o prefeito da capital paulista, pode ter gerado reações que fugiram ao protocolo de ação da força policial.
23 pessoas foram detidas por dano ao patrimônio público e vandalismo, mas todas foram liberadas de madrugada.	232 pessoas foram detidas, muitas delas por portarem vinagre, que serviria para se proteger do gás lacrimogêneo.
Segundo o delegado Antônio Vicente Vargas Nunes e o major André Luiz Córdova, não houve registro de manifestantes machucados. Um PM ficou ferido, mas sem gravidade.	Além dos manifestantes, cerca de 10 profissionais de imprensa foram agredidos por policiais, sendo que pelo menos dois foram atingidos no rosto. A polícia afirma que 10 policiais saíram feridos.

Ordem era intervir em último caso

Como o protesto da quinta-feira à noite estava agendado em redes sociais, a Brigada Militar (BM) se precaveu escalando o maior número de PMs para acompanhar a manifestação. Cerca de uma hora antes do início da passeata, o Comando de Policiamento da Capital (CPC) deslocou cerca de 160 policiais de pelotões especiais para o centro de Porto Alegre.

A ordem era monitorar e intervir em último caso. A BM não admite, mas queria evitar confronto. Infiltrou soldados entre os manifestantes para descobrir eventuais alvos dos protestos, tentando se antecipar a depredações. De certo modo, a tática funcionou. Quando a marcha chegou em frente ao prédio do Tribunal de Justiça do Estado (TJ), o local já estava cercado de PMs. A parada diante do TJ teria o objetivo de pressionar a Justiça a reduzir a tarifa. Pedras foram arremessadas com estilingue em direção ao prédio, sem danos.

Mas em outros pontos do Centro,

OS ESTRAGOS**PICHAÇÕES**

21 lojas, um prédio, três bancas de revista e veículos

DEPREDAÇÕES

Seis agências bancárias, cinco veículos e um parquímetro

CONTÊINERES

Cerca de 40 contêineres foram virados, chutados e pichados, e um deles, queimado, provocando o bloqueio da Avenida João Pessoa por uma hora

Fonte: Brigada Militar

estabelecimentos não foram poupados. Mas por que foi permitido?

— A nossa intenção foi evitar um confronto de grande escala, pois tu sabes como começa, mas não sabes como termina. Quando tu pinças uma pessoa no meio da multidão, estimulas as condições para que

se estabeleça um conflito em grande escala — justificou o comandante interino do 9º Batalhão de Polícia Militar (9º BPM), André Luiz Córdova.

Segundo ele, a conduta dos PMs foi dentro de um padrão adotado em outras manifestações, e só ocorreram intervenções quando fugiu do controle.

— Não podemos criminalizar os movimentos sociais. Apenas um pequeno grupo, que não chegaria a 2% do total de manifestantes, foi responsável pelas depredações — afirmou o delegado Antônio Vicente Nunes, do Departamento de Polícia Metropolitana.

Algumas das pessoas foram encarceradas em um bar na Praça Garibaldi, onde tentaram se refugiar. O grupo foi identificado pela BM, e a partir de provas como testemunhos e imagens, a Polícia Civil irá apurar os autores dos atos de vandalismo.

— Não houve uma clareza suficiente que nos permitisse fazer os autos de prisão em flagrante e individualização das condutas — afirmou o delegado.

Paulista veio documentar a passeata

Entre os manifestantes foram reconhecidos integrantes de torcidas organizadas da dupla Gre-Nal, estudantes e jovens com passagens pela polícia. Segundo registros policiais, dos 23 detidos, 14 moram em Porto Alegre e os outros vivem na Região Metropolitana. A maioria se declarou universitário ou secundarista e não possui histórico de envolvi-

mento em atos de violência.

Um dos presos é o paulista Felipe de Aquino Ramos, 24 anos. Afirmou ser documentarista e que veio de São Paulo com o objetivo de fotografar os protestos. Um chip com imagens registradas por Ramos foi apreendido pela BM.

O estudante Fabrizio Dall Bello Arriens, 28 anos, responde a um

Termo Circunstanciado (TC) por desobediência nos protestos para evitar cortes de árvores no entorno da Usina do Gasômetro, na Capital.

Um outro jovem, Jonathan da Silva Leite, 22 anos, já foi indiciado pela Polícia Civil por roubo e, em novembro do ano passado, preso em flagrante sob suspeita de tráfico de drogas, na zona norte da Capital.

LEIA MAIS NA PÁGINA 8 >

A INTENSIDADE DOS PROTESTOS

O ato de quinta foi o mais violento desde março



ANEXO 10

8

ZERO HORA SÁBADO, 15 DE JUNHO DE 2013

Reportagem Especial



FERNANDO HADDAD, PREFEITO DE SP
A prefeitura não pode se submeter ao jogo de tudo ou nada. Ou é do jeito que eles querem ou não tem conversa.

SÉRGIO CABRAL, GOVERNADOR DO RJ
As manifestações estão tendo um caráter de articulação com ar político, que não é uma manifestação espontânea da população. Isso não é bom para a cidade, e o povo percebe isso.

FERNANDO GRELLA VIEIRA, SECRETÁRIO DE SEGURANÇA PÚBLICA DE SÃO PAULO
A operação era necessária, de risco, mas não há base para dizer que houve erro.

MARIA DO ROSÁRIO, MINISTRA DA SECRETARIA DE DIREITOS HUMANOS
Não é justificável que manifestações utilizem métodos violentos, mas também não é justificável que manifestantes sejam reprimidos de forma violenta.

IDELI SALVATTI, MINISTRA DAS RELAÇÕES INSTITUCIONAIS
Não se deve admitir, em hipótese alguma, violência.

JOSÉ EDUARDO CARDOSO, MINISTRO DA JUSTIÇA
Houve situações de violência policial que considero inaceitáveis. Não me parece correto que a polícia pudesse atingir pessoas.

GERALDO ALCKMIN, GOVERNADOR DE SÃO PAULO
Já está sendo investigado (o abuso da polícia). Não temos compromisso com erro, de nenhum lado. (...) A manifestação foi violenta, causando problemas para a população. É uma minoria, que faz trabalho político generalizado, não só em São Paulo. Não fosse a ação da polícia, a destruição poderia ter sido maior.

AÇÃO EM SÃO PAULO

Uma polícia violenta

No dia seguinte aos protestos marcados por violência, o governo de São Paulo abriu investigação para apurar excessos cometidos pela polícia nos protestos ligados às tarifas de ônibus.

Apesar de reconhecerem a liberdade de expressão e se mostrarem abertos ao diálogo, as autoridades defenderam, nos discursos, a atuação policial.

Em São Paulo, a Secretaria da Segurança Pública garantiu que vai investigar supostos abusos. O prefeito Fernando Haddad (PT) descartou adiar o reajuste da tarifa para cessar as manifestações. Ontem, o governador Geraldo Alckmin (PSDB) defendeu a mesma medida.

Para tentar acalmar os ânimos, Haddad decidiu convidar integrantes do Movimento Passe Livre, que tem organizado a onda de protestos, para uma reunião na terça-feira. A ideia é discutir de propostas sobre transporte público.

O prefeito ressalta, no entanto, que o convite não significa intenção de reduzir a tarifa reajustada recentemente, de R\$ 3 para R\$ 3,20. Haddad reiterou que o reajuste ficou abaixo da inflação e que cumpriu compromisso de campanha.

Já o ministro da Justiça, José Eduardo Martins Cardoso, considerou que houve "excesso" e "abuso" por parte de alguns policiais em São Paulo, mas elogiou a abertura de investigações e pontuou que o governo federal não intervirá porque o tema é de competência estadual.

No Rio, policiais também entraram em conflito com moradores. O governador Sérgio Cabral (PMDB) disse que há viés político no ato:

— Os jovens que foram presos pela baderna não estavam ali para defender interesses públicos, mas para gerar um clima de confusão.

EXCESSOS NA INTERNET

Manifestantes denunciam atuação policial

- Canais na internet foram criados por participantes dos protestos para divulgar o que consideram excessos policiais em SP. Os tumblers oquenaoainativ.tumblr.com e oferidosnoprotostosp.tumblr.com, por exemplo, foram criados especialmente para denunciar agressões.
- Outro endereço, que usa a hashtag "protestosp" no topo, segue a mesma proposta. Há depoimentos de ameaças de policiais militares a cidadãos e relatos de que armas foram apontadas aos manifestantes — desarmados.



Participantes de protestos condenam os abusos cometidos por policiais paulistas, como em cena flagrada na quinta-feira

Mídia internacional relaciona fatos à Copa

A ação de policiais contra manifestantes em São Paulo recebeu atenção da mídia internacional. Nos Estados Unidos, a rede de TV CNN afirmou que houve "confrontos violentos exatamente um ano antes do início da Copa do Mundo".

Na França, a agência de notícias AFP disse que a confusão aconteceu "a três dias da abertura da Copa das Confederações". O espanhol El País observou que a polícia paulista "perdeu o controle". No argentino Clarín, o título destaca a continuidade do movimento. Já o venezuelano El Universal estampou uma foto em que um policial aparece atirando contra uma multidão.

Grupo RBS registra ocorrência por ameaça e carro depredado

O Grupo RBS registrou ocorrência na 2ª Delegacia da Polícia Civil pela ameaça a seus profissionais e depredação de um dos carros da empresa durante o protesto de quinta-feira na Capital. Na ocasião, um carro que levava funcionários para o Aeroporto Salgado Filho foi parado por manifestantes na Avenida João Pessoa, sacudido, pichado, chutado e teve o vidro traseiro quebrado por um pedaço de ferro.

Marcelo Rech, diretor-executivo de Jornalismo da RBS e vice-presidente do Fórum Mundial de Editores, lamentou a agressão aos profissionais da empresa, considerando a uma tentativa de tolher a liberdade de imprensa e a livre expressão. Ricardo Pedreira, diretor-executivo da Associação Nacional

de Jornais (ANJ), também condenou o ato e disse ser "inaceitável" tal ameaça.

A Associação Internacional de Radiodifusão (AIR) repudiou os atos de violência contra o Grupo RBS. Em nota, disse que violência, intimidação, ameaça e destruição material "violam os direitos fundamentais" e restringem severamente a liberdade de expressão. Também frisou que "é dever dos Estados prevenir e investigar" os fatos, bem como "punir os responsáveis".

Já a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão (Abert) afirmou, em nota, que "atos de extrema violência e intimidação como o ocorrido na capital gaúcha são um grave atentado ao livre exercício do jornalismo e devem ser rechaçados".

PROTESTOS EM SÉRIE

Uma corrente nacional



Inspirados em Porto Alegre, atos públicos contra reajustes na tarifa de ônibus se fortalecem no país por interação e até "treinamento" entre grupos.

CLEIDI PEREIRA

"Esse valor é um roubo!". "Se a passagem não baixar, vamos parar!" Os argumentos se repetem pelo país. Mas não são por coincidência.

A onda de protestos contra os reajustes na tarifa de ônibus, que atinge capitais e cidades do país, começou a ser gestada em Porto Alegre.

Debaixo de chuva, entre os milhares de manifestantes que comemoravam, no início de abril, a liminar que congelou em R\$ 2,85 o preço da passagem, também havia paulistas e catarinenses insatisfeitos com o custo e a qualidade do transporte coletivo. E eles não estavam a passeio.

A missão dos "infiltrados" era a de compartilhar, depois, a experiência dos manifestantes gaúchos, que desde janeiro vinham ocupando as ruas, chamando a atenção pelo país. A tarefa foi levada a sério. Tanto que, dois meses depois, no primeiro ato em São Paulo, uma faixa carregada por manifestantes continha os seguintes dizeres: "Vamos repetir Porto Alegre".

Envolvidos com os protestos desencadeados em São Paulo e Rio de Janeiro, a Assembleia Nacional de Estudantes - Livre (Anel) e o Movimento Passe Livre (MPL) estiveram entre os que enviaram seus representantes.

Além da experiência in loco, as redes sociais também foram aliadas na articulação que culminou em protestos em sete capitais na quinta-feira.

Para Michel Oliveira, 29 anos, integrante do grupo Vamos à Luta no Rio de Janeiro, Porto Alegre foi mais do que uma inspiração.

— Serviu para que o movimento começasse a se nacionalizar — garante.

Segundo ele, mais cidades deverão aderir nos próximos dias, como capitais das regiões Norte e Nordeste.

— Não vamos sair das ruas enquanto a tarifa não baixar — promete.

Movimento nega apoiar vândalos

O MPL, criado justamente durante o Fórum Social Mundial, em 2005, na capital gaúcha, se diz "autônomo, independente e apartidário" e está em oito cidades. Conforme Caio Martins, 19 anos, estudante de História da Universidade de São Paulo (USP), a bandeira do grupo é a tarifa zero.

Integrante da executiva nacional da Anel — surgida em 2009 como uma alternativa à União Nacional dos Estudantes (UNE) — Arielly Tavares Moreira, 23 anos, reconhece que depredações registradas em movimentos recentes não são bem vistas pela população, mas pondera:

— São atos individuais, que não nos representam, mas isso não justifica a ação da polícia.

cleidi.pereira@zerohora.com.br

A CRONOLOGIA DA MOBILIZAÇÃO

- Em Porto Alegre, as manifestações tiveram início em janeiro, às vésperas de as empresas de ônibus pedirem aumento de 15,8% no preço da passagem.

- O reajuste de 7%, que elevou a tarifa para R\$ 3,05, entrou em vigor no dia 25 de março. A medida acabou engrossando os protestos.

- No dia 4 de abril, a Justiça gaúcha concedeu liminar que suspendeu o aumento, mas a mobilização foi mantida.

- Em 15 de maio, grupos de Natal (RN) deflagraram o movimento Revolta do Busão.

- As manifestações em São Paulo começaram a ganhar força a partir de 6 de junho.

- Rio de Janeiro, São Paulo, Natal, Parnamirim-RN, Porto Alegre, Macaé, Santos, Santarém-PA, Aracaju, São Carlos-SP e Sorocaba-SP são algumas das cidades que participaram do ato nacional, organizado e executado na quinta-feira.

Onda de manifestações se expande e chega ao Exterior

Espalhados pelo país, os grupos que organizam os protestos preparam uma nova manifestação em nível nacional, que pode acontecer ainda esta semana. A data ainda não foi definida. O MPL e a Anel também prometem mirar alvos como a Copa de 2014, e adiantam que o transporte deve ser pautado por bom tempo.

Em São Paulo, a próxima manifestação está marcada para segunda-feira. Em Porto Alegre tudo dependerá

do que for acordado neste domingo.

Além disso, pelo menos 27 cidades da Europa, América Latina e dos Estados Unidos organizam eventos, via Facebook, em apoio aos protestos realizados no Brasil. Em Paris, na França, o ato — que repudia a repressão policial — deve ocorrer terça-feira, em frente à embaixada brasileira. Madri, Londres, Lisboa, Berlim, Nova York e Buenos Aires também planejam manifestações.

Minoria barulhenta se impõe

A cena tem se repetido nos protestos em Porto Alegre: uma multidão toma conta das ruas, de forma ordenada, gritando slogans. Não batem, apenas protestam. De repente, um grupo de mascarados destoa e começa a depredar. Nos primeiros atos, miravam contra símbolos da causa, como a sede da Empresa Pública de Transporte e Circulação (EPTC) e a prefeitura. Agora, direcionam-se contra o que simboliza poder, como prédios do Judiciário, bancos e lojas.

Mas o comportamento é condenado por manifestantes moderados. Um deles colocou um cartaz numa agência do Banrisul depredada: "Isso não representa o movimento".

Especialistas apontam a vanguarda e o charme exercido pelo radicalismo

sobre alguns jovens como motivos para atitudes violentas. Professor da PUC-RS, pós-doutor em Sociologia e especialista em movimentos sociais, Emil Sobotka acredita que, na Capital, um pequeno grupo anarquista lidera os protestos. E a ideologia anarquista, diz ele, não quer aperfeiçoar as instituições, mas questioná-las.

Para o sociólogo italiano Máximo Di Felice, especialista em Teoria da Opinião Pública e professor da USP, a minoria barulhenta age com violência porque não teve interlocutores entre as autoridades.

— Quanto menos o manifestante é ouvido, mais o ativista violento prepondera. E essas passadas, a chamada democracia interativa, vão imperar agora — aposta Di Felice.

ANEXO 12

ZERO HORA, DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 2013

Geral 27

SUA SEGURANÇA

Humberto Trezzi

humberto.trezzi@zerohora.com.br

Eles querem protagonismo

Não se trata apenas de reajuste de tarifas. Mesmo com o rebaixamento do valor das passagens, os jovens que ocupam as ruas das principais cidades brasileiras aspiram mais. Querem protagonismo. Eles não tiveram a oportunidade de gritar contra uma ditadura, nem pretendem tirar do poder algum governante autoritário e corrupto, embora a corrupção continue.

Até por viverem num regime democrático, suas causas são conjunturais e multifatoriais. Pode ser um protesto contra o corte de árvores para ampliar uma via. Ou apoio a índios que ocuparam o entorno do Maracanã, e preconizam a criação de um centro cultural indígena nas imediações do estádio.

Um cartaz da seção brasileira do Anonymous, uma organização de ciberativistas, transformou-se num viral no Facebook e resume o quadro heterogêneo e a onda de protestos:

– Copa Fifa, R\$ 33 bilhões. Olimpíada, R\$ 26 bilhões. Corrupção, R\$ 50 bilhões. Salário mínimo, R\$ 678. E você ainda acha que é por 20 centavos? – crítica um manifestante, ao citar os protestos pela redução das tarifas de ônibus.

Aliás, citar o Anonymous é lembrar o papel fundamental das mídias sociais no ativismo contemporâneo. A internet é um catalisador que não existia para as gerações anteriores. Manifestações globais em raríssimas, e maio de 1968 deve ser lembrado como exceção, impulsionado pela mídia tradicional, não como regra.

Sociólogos de todas as matizes convergem para uma constatação: o Facebook e o Twitter, unidos, fizeram mais pela Primavera Árabe do que as armas convencionais. Não por acaso o ditador líbio Muamar Kadafi, em seus últimos meses no poder, cortou a internet em seu país. Tarde demais. Acabou derrubado de forma sangrenta, mas a rebelião começou no ciberespaço.

Mesmo sem guerras, os protestos se multiplicam. Em palestra no Fronteiras do Pensamento, há poucos dias, o sociólogo espanhol Manuel Castells resumiu a onda de descontentamento que varre o planeta.

– Os novos movimentos sociais são descentralizados, democráticos, horizontais, e não dispostos a ter um programa delimitado, e sim a mudança de todo um status quo. Tais movimentos não têm programa, ou têm tantos que não têm nenhum – resumiu Castells, que trata do assunto no livro Redes de Indignação e Esperança, a ser lançado em setembro.

Simple assim. Complexo assim.



Enquanto alguns usam o adereço para ressaltar o coletivo, outros o utilizam para esconder a face e depredar o patrimônio público

Uma máscara, diversas causas em todo o mundo

CADU CALDAS

Presente em diversos protestos ao redor do mundo, uma máscara com bigode e um sorriso sarcástico também marcou presença nas manifestações de Porto Alegre. O acessório foi utilizado por diversos jovens na Capital na semana passada durante passeata contra o aumento do preço das passagens de ônibus. Distribuída como brinde no lançamento do filme *V de Vingança* há oito anos, a máscara virou símbolo de um grupo intitulado Anonymous. Sustentam que, assim como o protagonista da longa-metragem, lutam por liberdade. A primeira citação ocorreu no Canadá, quando teriam ajudado na prisão de um pedófilo.

Em 2008, o primeiro protesto público teve como alvo a cienciologia, que tem o ator Tom Cruise como seguidor. A máscara foi incorporada por diversas pessoas em manifestações contra a austeridade como saída para a crise na Europa e nos Estados Unidos.

Em 2011, o fundador da organização WikiLeaks, Julian Assange, que divulgou segredos de Estado, aumentou a fama dos anônimos ao chegar ao protesto Occupy London

Stock Exchange usando a máscara. Em Porto Alegre, jovens que usam o acessório evitam a alcunha de Anonymous. Mesmo assim, preferem não se identificar, como uma manifestante que aceitou falar com a reportagem. Apesar de considerá-lo interessante os ideais anárquicos do movimento, ela afirma que a intenção ao adotar a máscara – comprada em uma loja de fantasias no Centro – é principalmente não personalizar a passeata.

– É mostrar que o importante é o coletivo e não um nome ou um rosto em especial. Não nos organizamos como um grupo, havia várias pessoas lá que eu não fazia a mínima ideia de quem eram, utilizando a máscara também – conta.

Grupo invadiu sites do governo

Em São Paulo, integrantes do grupo Anonymous invadiram os sites das secretarias de Educação e de Transportes, da Polícia Militar de São Paulo e da Polícia Federal para apoiar as manifestações que ocorrem nas ruas da capital paulista. A atitude repete práticas adotadas em

outros países. Na Turquia, vários sites do governo foram invadidos como retaliação à violência da polícia.

De acordo com a manifestante gaúcha, não há ligação entre o grupo local e o Anonymous nacional, responsável pela ação nas páginas na internet, e ações semelhantes não estão previstas em Porto Alegre.

– Movimentação na internet é muito importante para mobilização. Mas ações como essa (*de invadir sites*) são um tiro no pé – avalia. A preocupação em proteger a própria identidade não é exclusiva dos jovens do movimento Anonymous. Outros manifestantes utilizaram máscaras do tipo ninjã ou improvisaram panos para esconder a face, com o objetivo de não ser identificados. O artifício foi usado por um pequeno grupo para cometer atos de violência e depredar o patrimônio público.

– A nossa proposta é pacífica e não tem nada a ver com a destruição das lixeiras. É importante não generalizar. Certamente estaremos presente nos próximos encontros. A geração Facebook também sabe ir para a rua – afirma a estudante.

Detalhe ZH Dos cinemas para as ruas

Símbolo de protestos ao redor do mundo, a máscara usada pelo movimento Anonymous foi popularizada em 2005 pelo filme *V de Vingança*, do cineasta James McTeigue. O longa-metragem é a versão cinematográfica da série de quadrinhos de Alan Moore.

Inspirado na história do revolucionário inglês Guy Fawkes, que em 1605 tentou explodir o parlamento britânico, o autor criou o personagem V, um enigmático anarquista mascarado que, tendo Fawkes como ídolo, luta para derrubar um partido político que assumiu o poder na Inglaterra.



cadu.caldas@zerohora.com.br

ANEXO 13

28 Geral

ZERO HORA DOMINGO, 16 DE JUNHO DE 2013

ANTES DO JOGO

Protesto contra a Copa tumultua ruas de Brasília

Policia tentou impedir acesso de manifestantes próximo ao Estádio Nacional Mané Garrincha

Manifestantes driblaram as barreiras colocadas pela polícia para tentar chegar ao Estádio Nacional Mané Garrincha, onde ocorreria a abertura da Copa das Confederações no início da tarde deste sábado. A polícia tentou impedir o acesso dos manifestantes ao estádio com uso de bombas de efeito moral, de acordo com informações divulgadas pela Agência Brasil.

De acordo com o site de notícias G1, os manifestantes chegaram a derrubar uma proteção de metal colocada pelo Detran para impedir a passagem de carros que trafegavam na região. Alguns dos manifestantes

estariam usando máscaras.

Uma outra informação do portal indicava que as pessoas foram inicialmente barradas pela Polícia Militar, mas conseguiram se aproximar do acesso de torcedores no estádio Mané Garrincha.

O protesto, organizado pelas redes sociais, começou na Rodoviária de Brasília, por volta das 10h30min.

Os manifestantes protestavam contra a aplicação de recursos no evento esportivo, com gritos como "da Copa abro mão, quero ver dinheiro para educação". O clima ficou tenso perto da Torre da TV, que está localizada nas proximidades do estádio.

CURTÍSSIMA

Mais de 8 milhões de crianças (62% do público-alvo) foram imunizadas desde o início da 34ª

Campanha Nacional de Vacinação contra a Poliomielite (paralisia infantil). A vacinação vai até dia 21.

PESQUISA CIENTÍFICA

Voluntários receberão pagamento

As pesquisas científicas que envolvem seres humanos poderão determinar o pagamento de recompensa financeira aos voluntários submetidos a testes.

A prática, até então proibida no Brasil, foi aprovada por resolução do Conselho Nacional de Saúde.

O envolvimento de dinheiro será permitido quando forem testados medicamentos em um

pequeno grupo de pessoas saudáveis e em estudos de bioequivalência, que facilitam o registro de novos genéricos.

Entre os direitos, está o ressarcimento de gastos

A resolução do Conselho define direitos dos voluntários das pesquisas científicas como a privacidade de seus dados, o ressarcimento de gastos com transporte e alimentação e a possibilidade de

abandonar a pesquisa no momento em que desejarem.

Estão previstas, em casos de efeitos colaterais, indenizações e assistência à saúde durante e após a pesquisa. Outra mudança é um prazo de 60 dias para a análise ética dos projetos e de 20 dias para a reanálise, caso o pesquisador tenha que fazer modificações no projeto original.

Ficou estabelecido também que terão prioridade as pesquisas clínicas estratégicas para o Sistema Único de Saúde (SUS).

LEILÃO

LEILÃO TERRENOS DA PHILIP MORRIS EM SANTA CRUZ DO SUL-RS
 Para uso comercial, serviços e industrial.
 Dia: 28/06/2013 (6ª-feira) - 14h - Local: Rua dos Maia, 1103 - Porto Alegre/RS
ÁREAS de 5.735m² à 44.264m² próx. a BR-471
 PAGAMENTO: À vista c/ 5% de desconto ou Parcelado c/ sinal de 20% e saldo em até 12x
 Edital completo e fotos dos terrenos no site: www.leiloes.com.br
 Inf: (51) 3382-0303 Reinaldo Pestana Gomes
 Leiloeiro Oficial - JUCERGS 934/03

LEILÃO JUDICIAL

ANTES DE BATER O MARTELO, ANUNCIE.

LIGUE 3218 4924

ZERO HORA

Grupo RBS

UM RELÓGIO DIFERENTE A CADA DIA. OU A CADA HORA.

O RELÓGIO TROCA PULSEIRAS MARINER VEM COM 7 PULSEIRAS COLORIDAS, PARA VOCÊ FAZER DIVERSAS COMBINAÇÕES. TUDO ISSO COM A QUALIDADE DO GRUPO TECHNOS E GARANTIA DE 1 ANO.

RS **55,90**

PREÇO PROMOCIONAL COM 20% DE DESCONTO PARA ASSINANTES. PARA NÃO-ASSINANTES, O VALOR É DE R\$ 69,90.

ADQUIRA O SEU PELO SITE OU PELO TELEVENDAS
rbspublicacoes.com.br | 0800 051 3323

ZERO HORA
TUDO NA SUA MÃO.

RBS
publicações

MARINER
SUA VIDA NO ÚLTIMO VOLUME

*MARCHA E LUGAR. A ESTAMPADA DA PULSEIRA PODE VARIAR, SUJEITO À DISPONIBILIDADE DE ESTOQUE.

Reportagem Especial



RIO: ontem, antes do jogo no Maracanã, manifestantes voltaram a criticar o excesso de gastos para a realização da Copa e o preço das tarifas de ônibus



BRASÍLIA: no sábado, no interior do Estádio Mané Garrincha, Dilma Rousseff foi vaiada

TENSÃO NACIONAL

Insatisfação refletida em protestos e vaias

Nos últimos cinco dias, o país foi tomado por manifestações nas ruas e em frente a estádios de futebol. A vaia à presidente Dilma Rousseff no jogo entre Brasil e Japão, no sábado, trouxe um ingrediente novo a esse cenário de descontentamento.

MARCELO GONZATTO

Os gritos de gol, na largada da Copa das Confederações, vieram acompanhados por ruídos de natureza nada festiva: palavras de ordem, estouros de bomba e vaias à presidente Dilma Rousseff na abertura do evento.

A ruidosa sonoplastia política tem origem em manifestações com públicos e propósitos diferentes, mas, segundo especialistas, refletem um sentimento de insatisfação nacional e tendem a reforçar umas às outras.

Estádios de futebol costumam ser ambientes cruéis para pernas-de-pau, mas também para líderes políticos. Assim foi na inauguração do Maracanã, na década de 1950, ou quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva compareceu ao mesmo local para a abertura dos Jogos Pan-Americanos, em 2007. Os apupos foram tão intensos que o petista desistiu de anunciar ao microfone o início das competições. As vaias enfrentadas por Dilma na tarde de sábado, porém, somam-se a uma série de protestos que vêm sacudindo o país.

Antes dos gritos contra a presidente, a música emitida pelos alto-falantes no Estádio Mané Garrincha, em Brasília, já havia sido intensificada em alguns decibéis para abafar os estouros das bombas utilizadas pela polícia para controlar quem protestava do lado de fora contra os bilhões de reais aplicados para o país receber as competições da Fifa. Ontem, no entorno do Ma-

racaná, novo confronto envolveu manifestantes contrários aos gastos e em defesa da redução nas tarifas de ônibus. Nas semanas anteriores, grupos se reuniram nas ruas das principais capitais do país para exigir passagens mais baratas e, mais recentemente, condenar a repressão policial em manifestações públicas.

Por que, então, protestava quem estava do lado de dentro do Mané Garrincha, e qual a relação com a recente onda de inconformidade que tomou as ruas de várias cidades? Para a cientista política e professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Maria Izabel Noll é preciso lembrar que o público no interior do estádio pagou centenas de reais pelos ingressos e representa um estrato social mais abastado, com prioridades específicas.

Essa classe média consolidada não teve ganhos tão significativos com a estabilidade econômica. Já tinha casa própria, carro. A vaia deixa claro que há uma insatisfação no ar – avalia Maria Izabel.

Inconformidade inclui várias bandeiras

Essa insatisfação inclui o desconforto com a corrupção, a ameaça da inflação, carências em saúde, educação e segurança pública, além da elevada carga tributária brasileira – tema bastante caro para as classes média e alta. Embora os protestos de dentro e de fora do estádio te-

nam diferenças, para Maria Izabel todos traduzem inconformidade popular e tendem a se reforçar mutuamente em um ambiente geral de contestação.

Como há um descontentamento genérico em relação aos governos, não só ao governo Dilma, há um processo de retroalimentação entre esses protestos todos – analisa.

Para o cientista político e diretor do Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais (InPro), Benedito Tadeu César, os apupos a Dilma não devem ser superdimensionados.

Lula também foi vaiado, e a aprovação da presidente ainda é superior à de Lula e à de FHC nos mesmos períodos de governo. Há sempre uma parcela de descontentes – pondera o cientista político.

Para César, a insatisfação popular explica os fenômenos verificados dentro e fora dos estádios, mas o grau de descontentamento nas ruas é maior do que o vislumbrado no Mané Garrincha na tarde de sábado.

As pessoas estão lá no estádio para um evento esportivo, não para ficar homenageando político. Em relação aos protestos nas capitais, são deflagrados por um somatório de coisas, como a inflação e o comportamento das polícias militares – avalia.

Os próximos dias deverão mostrar o que seguirá soando mais alto no país: os gritos de gol, as bombas ou as palavras de ordem.



São Paulo: na quinta-feira, uma série de manifestações em cidades como Porto Alegre, Rio e São Paulo (foto) defendeu a redução das tarifas de ônibus

DA INTERNET PARA AS RUAS

Nas redes sociais, manifestantes se organizam para promover mais protestos

AGENDA COMPARTILHADA

• **Eventos organizados** pelas redes sociais ampliam dia a dia as manifestações no país e no mundo. Sites apontam mais de 70 protestos marcados para esta semana. Todos seguem o mesmo tom: a luta por um transporte público de qualidade e contra a repressão policial. Até uma cartilha com dicas para os participantes está sendo compartilhada. Entre as orientações, o registro das ações e o uso de roupas impermeáveis para proteção contra gás lacrimogêneo.

REUNIÃO EM SP

• **Estopin para** o início do efeito em cadeia dos protestos, São Paulo viverá hoje o quinto ato contra o aumento das passagens. A Secretaria de Segurança Pública de SP pretende se reunir com lideranças dos protestos às 10h para evitar novas cenas de violência. A mobilização nas ruas está marcada para as 17h. O movimento deve promover atos também no Rio de Janeiro.

PORTO ALEGRE

• **Na Capital**, a primeira a ir às ruas contra o aumento das passagens de ônibus, um novo

protesto deve ocorrer no final da tarde de hoje, em frente à prefeitura.

NO INTERIOR

• **Pelotas, Rio Grande, Santa Maria e Bagé** devem ter protestos na quinta. Em **Novo Hamburgo**, no Vale do Sinos, a manifestação será hoje às 18h na Praça do Imigrante.

CONTRA A COPA

• **A exemplo** da estreia do Brasil na Copa dos Confederações, o segundo jogo da Seleção, quarta-feira diante do México, em Fortaleza, deve ser marcado por manifestações que ganham mais um motivo diante dos estádios da competição: os valores gastos em obras para a Copa de 2014. Até ontem, não havia confirmação de ação específica para o jogo, mas, para quinta-feira, haverá nova mobilização nacional.

APOIO

• **Como sinal** de solidariedade aos protestos, manifestantes organizaram o movimento #VempraJanelá, pedindo a quem apoia os atos que coloque panos brancos nas janelas.



Planalto nega mal-estar e oposição se anima

KELLY MATOS

A expressão fechada da presidente Dilma Rousseff no jogo de abertura da Copa das Confederações, sábado, não poderia ser diferente. Há uma semana, a presidente viu sua popularidade cair oito pontos percentuais, de 65% para 57% segundo o Datafolha. No sábado, foi a vez de ouvir, ao lado do presidente da Fifa, Joseph Blatter, a vaia de boa parte dos 67 mil torcedores que foram ao estádio nacional Mané Garrincha para assistir à partida entre Brasil e Japão. E não foi uma única vez. Foram três manifestações contrárias: quando o nome de Dilma foi anunciado, quando a presidente foi citada por Blatter e quando ela declarou oficialmente aberta a competição no país.

O Planalto negou qualquer mal-estar com as manifestações. A ordem entre os governistas, inclusive, é não fazer alarde sobre o episódio. A Zero Hora, assessores presidenciais sustentaram que os torcedores que compareceram ao Mané Garrincha queriam assistir à partida de futebol e, portanto, qualquer autoridade seria vaiada. A avaliação também leva em conta que a maior parte do público presente pertence a classes econômicas altas – que pagaram caro pelos ingressos – e que teriam a rejeitar o governo do PT.

– Não é reflexo de nenhuma insatisfação popular, até porque não tinha populares ali – avaliou um interlocutor da presidente.

Integrantes do governo consideram que a demora para a retirada dos ingressos e os tumultos fora do estádio podem ter contribuído para a insatisfação do público. Ainda que o Planalto negue insatisfação já durante a preparação do evento. No planejamento da abertura, a Fifa propôs que Dilma fosse até o gramado para cumprimentar a Seleção. A equipe do cerimonial da Presidência vetou o ato.

A vaia à presidente animou os opositoristas, que exaltaram o ambiente de "deterioração" do governo. Presidente do PSDB de Minas Gerais e cotado para coordenar a campanha de Aécio Neves à Presidência em 2014, o deputado federal Marcus Pestana (PSDB-MG) criticou o estilo "autoritário" e "pouco simpático" de Dilma Rousseff.

– Três vaias não são uma coisa acidental. A presidente não é carismática. Vamos explorar esse contraste e mostrar que o Aécio está disposto a conversar – explica o tucano.

O PSDB já apresenta o senador Aécio Neves em seu programa de TV com o bordão "Vamos Conversar". A intenção é colocá-lo como alguém de diálogo e com interlocução política.

A presidente deverá participar do encerramento da Copa das Confederações, dia 30, no Maracanã. Não há previsão de discursos. O Planalto nega qualquer relação com as vaias.

kelly.matos@grupopbs.com.br

MaxiPlástica

Cirurgia Plástica

51 3027.9888

maxiplastica.com

Dr. Paulo Henrique C. Christóvão
Diretor Técnico Médico
CRM-RS 24.370

ANEXO 16

10 ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013

PÁGINA 10

CARLOS ROLLING

INTERINO

3218-4387

carlos.rollsing@zerohora.com.br

@carlosrolling

Subsídio da tarifa precisa ser debatido

No calor do debate e da pancadaria envolvendo a tarifa de ônibus, uma pergunta simples não pode ficar sem resposta: o transporte público é um serviço básico à população? Sim. Junto com saúde, educação, emprego e segurança, é algo imprescindível para a sociedade.

Há outra questão: transporte público com tarifas módicas é fundamental para assegurar o direito de ir e vir dos cidadãos? Sem dúvida. Ninguém vai se locomover por Porto Alegre de um canto a outro a pé. Partindo dessas premissas, observe-se que transporte público não é trivialidade.

E, para reduzir o valor da tarifa sem

perder a qualidade do serviço, como clamam as manifestações de rua, a prefeitura de Porto Alegre precisará investir recursos próprios para subsidiar o sistema. A tarifa baixa para o cidadão, e o município repassa às concessionárias o montante necessário para fechar a conta.

Não é possível continuar transferindo ao passageiro o custo total da operação. O coberto é curto, dinheiro terá de ser retido de outros setores, mas o bolso passou a gritar quando a prefeitura subiu a tarifa para R\$ 3,05. As alternativas oferecidas até agora, como isenção de PIS e Cofins e redução do ISS de 2,5% para 2%,

benam a insignificância. Diminuiriam em 4,15% os encargos das empresas. Adequar a taxa de lucro das concessionárias à inflação e rever pontualmente algumas isenções certamente irá ajudar.

Estatizar é inviável. A Carris, ao operar sozinha o sistema, não conseguiria reduzir tarifas mesmo com a eliminação do lucro médio de 9% das empresas. Os seus custos com folha de pagamento, aquisição e manutenção de frota são mais elevados em comparação com a iniciativa privada. Com as mesmas tarifas, as concessionárias têm lucro, enquanto a Carris contabiliza prejuízos. Estatizar tornaria tudo mais caro.



GUSTAVO TIBURCIO/AGF

NÃO ESTÁ TUDO BEM

A onda de protestos que varre o Brasil – seja contra as tarifas de ônibus ou gastos com a Copa – ganhou o apoio de brasileiros que estão vivendo no Exterior.

Tradicional destino de jovens, **Dublin**, na Irlanda, foi palco ontem de protesto que prestou solidariedade aos movimentos que tomaram as ruas do Brasil – e que, em alguns casos, estão sendo reprimidos com

violência pelas polícias militares.

O recado é muito claro: no Brasil, na Turquia ou na Europa, desperta na população um sentimento de revolta. As pessoas cansaram de esperar por velhas promessas, de ver inversões de prioridades e conviver com gastos equivocados.

Essa **erupção social** e até a vaia direcionada à presidente Dilma Rousseff

na abertura da Copa das Confederações devem servir de alerta aos políticos.

Principalmente para o PT, que se apoia na popularidade de Dilma e do ex-presidente Lula para propagar um discurso **ufanista** de que tudo vai bem no Brasil nos últimos dez anos. Na verdade, os problemas grassam. É preciso ir além da distribuição de renda.

Terão problemas os governantes que não souberem dialogar com a nova onda de movimentos sociais. José Fortunati bateu de frente com eles em 2012, quando fez a “limpeza” da Cidade Baixa e restringiu a ocupação do Largo Glênio Peres. Incendiou o movimento, que se jogou na causa das tarifas de ônibus.

Fronteira digital

Coordenadora do Gabinete de Inclusão Digital, Vera Spolidoro, ex-secretária de Comunicação, estará amanhã em Santana do Livramento, na fronteira com Rivera, no Uruguai, para inaugurar o **Telecentro Binacional**.

O local terá 20 computadores para acesso gratuito à internet, com sistemas de informações e dicas de turismo em português e espanhol. Também será disponibilizada rede wi-fi para acesso gratuito à internet na Praça Internacional, na fronteira entre Livramento e Rivera. As ações fazem parte do programa RS Mais Digital, que seguirá sob o comando de **Vera Spolidoro**.

Pimenta poderá compor aliança

Encontro da corrente PT Ampla, ontem, manteve a candidatura do deputado federal Paulo Pimenta à presidência estadual da sigla.

A postura não é definitiva. Crescem as possibilidades de o grupo se unir com a Democracia Socialista para apoiar **Ary Vanazzi**. Ou compor com a chapa liderada por **Stela Farias**.



GESTÃO

Quatro projetos preocupam

No monitoramento que a Secretaria-Geral de Governo faz dos projetos estratégicos, quatro são considerados críticos: a duplicação das vagas nos presídios, a reforma das escolas e o Mais Energia.

São obras estratégicas que enfrentam dificuldades para andar no **ritmo** desejado.

Rede Lilás

Está em fase de gestão pelo Estado a Rede Lilás, sistema que irá integrar o trabalho dos poderes no **acolhimento** de mulheres vítimas de violência. O Centro de Referência da Mulher terá nova sede até o final de 2013.

Amizade rompida

Amigos de longa data, o deputado federal Beto Albuquerque e o secretário de Infraestrutura e Logística, Caleb de Oliveira, estão **afastados**. Por divergências quanto ao futuro do PSB, pouco se falam.

Beto, que saiu brigado do governo Tarso, só pensa em viabilizar a candidatura de Eduardo Campos à Presidência e em construir um caminho alternativo para o PSB no Estado, longe do PT. Caleb tem dúvidas em relação à candidatura de Campos e, depois de assumir a secretaria, se aproximou dos petistas e reforçou a convicção de que **reeleger** Tarso é dever do partido.

Como Beto Albuquerque lidera o partido, há quem aposte que Caleb de Oliveira não retorna à presidência do PSB. Ele se licenciou para ser secretário.

PMDB convoca diretório

A insistência da base e das lideranças do PMDB para definir o **candidato** da sigla ao Piratini levou o diretório estadual a ser convocado para reunião em 27 de junho. Os 71 membros do colegiado irão escolher – se necessário pelo voto – a data de uma espécie de convenção estadual antecipada para apontar o candidato do PMDB. É provável que tudo ocorra ainda em 2013.

O ex-prefeito de Caxias do Sul **José Ivo Sartori** é o favorito. Ele teria ampla maioria do partido em disputa com Germano Rigotto. O nome de **Giovani Feltes**, forte opositor de Tarso Genro, cresce como alternativa.

ANEXO 17

12 ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013

EDITORIAIS

SINAIS DE INSATISFAÇÃO

O Brasil do futebol começou bem a Copa das Confederações, mas o Brasil real passa por sobressaltos neste início do primeiro dos quatro grandes eventos internacionais que se comprometeu a organizar. Antes mesmo da primeira vitória do time de Felipão, protestos de rua contra as tarifas de ônibus e contra a própria competição esportiva resultaram em confrontos desgastantes das forças de segurança com jovens manifestantes. Na cerimônia de abertura em Brasília, um elemento novo foi acrescentado ao clima evidente de insatisfação de setores da sociedade: a grande vaia para a presidente Dilma Rousseff no Estádio Mané Garrincha. Pode ter sido circunstancial, pois torcedor brasileiro – como dizia o dramaturgo Nelson Rodrigues – vaia até minuto de silêncio. Mas, no atual contexto de turbulência na economia e de descrédito crescente dos cidadãos com a classe política, a manifestação da torcida merece ser levada a sério.

Ainda é cedo para uma análise mais aprofundada desse movimento difuso e contagiante protagonizado por jovens em várias capitais brasileiras. O pretexto é o serviço de transporte público: os manifestantes exigem preços mais baixos, alguns querem até a gratuidade, e também mais qualidade. Numa democracia, atos dessa natureza são naturais e até bem-vindos, por serem reveladores do comprometimento das pessoas com a cidadania. Há, porém, excessos preocupantes: acobertados pelo coletivo, alguns manifestantes aproveitaram para depredar prédios públicos e veículos, além de prejudicar direitos de terceiros. Também as forças policiais estão encontrando dificuldade para lidar com a situação, como se viu especialmente em São Paulo, onde PMs agiram com violência inexplicável.



É uma situação nova para o país. Diferentemente do que ocorreu na campanha das Diretas, nas passeatas pelo fim da ditadura e nos protestos pelo impeachment do ex-presidente Fernando Collor, agora não há um objetivo bem definido. Prova disso é que mesmo depois da redução dos preços das passagens de ônibus em Porto Alegre, por decisão judicial, as manifestações continuaram.

Ao que tudo indica, essa revolta está sendo marcada pelo protagonismo jovem e pela ausência de orquestração político-partidária, ainda que algumas siglas estejam tentando

tirar vantagem da situação. O que está absolutamente claro é a existência de um clima de desconforto, que vem sendo manifestado tanto pelas redes sociais quanto pelo atendimento às convocações feitas via digital.

Quando as pessoas saem às ruas para protestar e quando os governantes começam a ser questionados em locais públicos, é preciso parar para refletir. A Copa das Confederações começou bem no futebol e na organização, com belos espetáculos nos três jogos já realizados. Mas o país da Copa vive um momento de angústia e expectativa.

Deficiência preocupante

São desalentadores os dados da Secretaria Estadual da Educação (SEC) segundo os quais apenas 2,3% dos colégios estaduais gaúchos dispõem de redes sem fio de alta capacidade, capazes de permitir a operação online de todos os 22 mil tablets destinados a professores de Ensino Médio para utilização em aula. A aquisição dos equipamentos, que integra o projeto Província de São Pedro e é custeada com recursos do governo do Estado e do Ministério da Educação, é uma realização alardeada desde o ano passado pelo governo do Estado. A conexão à rede não é condição exclusiva para o uso desses aparelhos, que

podem ter utilidade pedagógica mesmo se funcionarem off-line. Diretores e professores ouvidos na edição de sexta-feira de Zero Hora informam que, nesses casos, a saída é se limitar a rodar aplicativos já instalados nas máquinas. Importantes tarefas, porém, como a pesquisa na internet e a utilização de e-mails e das cada vez mais populares redes sociais, permanecem inexecutáveis.

Ainda segundo a SEC, das 2.574 escolas gaúchas, apenas cerca de 60 – menos de 3% do total – são servidas por uma rede considerada adequada. Um plano para reforçar o sinal da internet sem fio em 40 estabelecimentos deve ser implantado ao longo de

um ano e meio. Considere-se, porém, que ao final desse prazo os atuais equipamentos estarão a caminho da obsolescência, devendo o Estado despender somas adicionais para dotar professores e alunos de dispositivos em condições de acessar a rede com qualidade. Mais do que uma limitação à aprendizagem, porém, a notícia de que uma minoria de escolas estaduais é servida por acesso à internet indica que, em termos de infraestrutura, o Rio Grande do Sul está longe de garantir ingresso à era digital. Essa deficiência tem consequências tão ou mais sérias em matéria de produtividade, geração de emprego e renda, inovação e transparência.

ARTIGOS

Saúde total do trabalhador

ANA MARIA ROSSI*

Em um mundo corporativo em que as demandas são cada vez mais longas e a pressão por resultados uma busca insana, equilíbrio entre vida pessoal e profissional parece uma utopia. As consequências disso se refletem nas empresas, que perdem com a queda da produtividade, e, especialmente, na saúde dos trabalhadores. Estima-se que o Brasil gaste cerca de 3,5% do PIB/ano nacional com adoecimento, absenteísmo, rotatividade e lesões no trabalho devido ao excesso de tensão.

Para muitos profissionais, conciliar trabalho e qualidade de vida é missão quase impossível. Segundo dados da International Stress Management Association no Brasil (Isma-BR), 70% dos trabalhadores brasileiros sofrem as sequelas negativas do estresse. Dados do INSS de 2011 revelam aumento de 28% de afastamentos de trabalhadores por conta de casos ligados ao estresse. Em Porto Alegre, em pesquisa da Isma-BR em 2012, 79% das pessoas afirmam que o estresse prejudica sua saúde.

Avaliar os riscos e oportunidades para um trabalho mais saudável e identificar os elementos essenciais para o sucesso de programas de bem-estar e saúde no trabalho que possam criar uma cultura centrada nas pessoas são ações preventivas imprescindíveis. Portanto, informações pertinentes são fundamentais para conscientizar empresários e trabalhadores dos agentes estressores para que promovam programas eficazes para reduzir as pressões. Estudos indicam que as empresas podem ter uma economia de até 34% se diminuirmos os índices de tensão no trabalho. Fácil de entender, considerando-se que o trabalhador estressado tem um desempenho, em média, de cinco horas a menos.

Acreditamos que a disseminação de conhecimento e experiências para a importância da adoção de medidas para a prevenção do estresse e a manutenção da saúde pode ajudar trabalhadores e empresas a atuar de maneira pontual na redução das causas de estresse. Com o objetivo de identificar as categorias de risco e criar estratégias de gerenciamento que permitam uma vida mais saudável e produtiva, será realizado de 18 a 20 de junho o 13º congresso de estresse da Isma-BR, em Porto Alegre, tendo como tema Trabalho, Estresse e Saúde: promovendo a saúde total do trabalhador – da teoria à ação.

Embora qualidade de vida seja uma responsabilidade de cada indivíduo, certamente trabalhadores e empresas poderão se beneficiar da implantação de ações preventivas. Assim, todos lucram.

Acredita-se que a disseminação de conhecimento e experiências para a importância da adoção de medidas para a prevenção do estresse e a manutenção da saúde pode ajudar trabalhadores e empresas a atuar de maneira pontual na redução das causas de estresse. Com o objetivo de identificar as categorias de risco e criar estratégias de gerenciamento que permitam uma vida mais saudável e produtiva, será realizado de 18 a 20 de junho o 13º congresso de estresse da Isma-BR, em Porto Alegre, tendo como tema Trabalho, Estresse e Saúde: promovendo a saúde total do trabalhador – da teoria à ação.

Embora qualidade de vida seja uma responsabilidade de cada indivíduo, certamente trabalhadores e empresas poderão se beneficiar da implantação de ações preventivas. Assim, todos lucram.

*Presidente da Isma-BR e representante brasileira na Divisão de Saúde Ocupacional da Associação Mundial de Psiquiatria

<p>Grupo RBS</p> <p>Presidente Emérito: Jayme Sirotsky</p> <p>Fundador: Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)</p>	<p>Presidente do Conselho de Administração e Comitê Editorial Nelson Pacheco Sirotsky</p> <p>Conselheiros:</p> <p>Betania Titaine / Iuri Henrique Praga Carlos Miltner / Marcelo Sirotsky Claudio Thonazzi Labo Sander / Nelson Minin Israel Vainbom / Pedro Sirotsky Jayme Sirotsky / Régis Dubrão</p>	<p>Diretoria Executiva Presidente-executivo: Eduardo Sirotsky Melzer</p> <p>Jornais, Rádios e Digital: Eduardo Magnum Smith Televisão: Antônio Augusto Piment Tigre Jornalismo: Marcelo Rech Jurídico e Relações Governamentais: Alexandre Kraul Júnior Finanças: Claudio Toigo Filho Gestão e Pessoas: Dêi Matsuo Estratégia e Desenvolvimento de Negócios: Luciana Antonini Ribeiro Negócios Digitais – e-Business: Fábio Braggioni Unidade de Educação: Mariana de Beer</p>	<p>ZERO HORA Fundada em 4 de maio de 1964</p> <p>Diretora de Redação ZH e Jornais RS: Marta Gleib</p> <p>Diretor de Operações Jornais RS: Pênelo Cenzo</p> <p>Diretor Comercial e de Marketing dos Jornais RS: Marcelo Leite</p> <p>Diretor de Circulação: Fabrício Marcon</p> <p>www.zerohora.com.br</p>
---	---	---	---

ANEXO 18

ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013 13

Os números da popularidade

PAULO BROSSARD*

Decorrida mais de metade do mandato presidencial, aconteceu fenômeno que, na ausência da melhor conceituação, tento explicar como sendo uma espécie de corporificação de algo amorfo até ontem, à semelhança do estado gasoso que passa ao líquido e deste ao pastoso, a caminho da solidificação. Perdoe-me o leitor pela incerteza nas palavras, mas os fenômenos que se desdobram no âmbito da psicologia coletiva não são imunes ao caráter vago próprio das coisas que não se medem nem se pesam, dada a sua imaterialidade. A definição e o sentido da opinião pública é o que me parece estar ocorrendo em relação ao governo, personificado na pessoa da senhora presidente, cujos poderes ela exerce, auxiliada por colaboradores de sua escolha e confiança, o ministério.

É sabido que, desde o início do atual governo, sua chefe contou com a simpatia do país. No entanto, enquanto desfrutava dessa situação favorável, seu governo vegetava, insofrito; o contraste é manifesto; de resto, o ministério é de sua escolha e dela dependente, pois com a mesma liberdade com que o compôs poderia dispensá-lo, sem sequer justificar a demissão, à sua exclusiva discricão. Nem a copiosa publicidade, principalmente pela TV, em pessoa conduzida pela própria presidente, não sei quantas vezes por dia, foi capaz de imprimir ao governo um fluxo de dinamismo ou um toque de salubridade; nasceu indolente, continuava parado, lembrando peça de museu, situação tanto mais estranha quando o governo contava e conta com imensa maioria parlamentar, superior a 80% da Casa.

Ora, um governo que tem o apoio de mais de 80% da representação popular pode fazer tudo, salvo fazer de um homem uma mulher e de uma mulher um homem, para repetir a frase célebre de De Lolme a propósito da Câmara dos Comuns. No entanto, o governo não tem sido capaz de converter em lei projeto por ele considerado necessário. Impõe-se



considerar agora que são 39 os ministérios, se não for considerado o quadragésimo, exercido pelo marqueteiro oficial. Quais são as relações funcionais com esse conjunto de notabilidades que recebeu da presidente áreas importantes e complexas da administração? Ao que sei, isso não ocorre. Resultado é que a "base de sustentação", como agora se denomina a maioria parlamentar, vem se revelando cansada, senão indiferente, ao governo. Ao meu sentir, isso resulta da partilha do governo em dezenas de fatias, distribuídas em ministérios e a partidos.

O consórcio entre a presidente popular e um ministério sem fisionomia, a despeito de ser sua criatura, parece ter chegado a seu termo ou, pelo menos, com fissura perigosa, claramente mensurável, quando o prestígio da chefe do governo vem de sofrer queda de oito pontos, entre os que consideravam ótimo ou bom seu governo. Era de 65%, merrou para 57%. Dir-se-á que, ainda assim, a presidente detém a maioria, fato que é inegável. Mas igualmente ninguém pode negar que a queda não foi despicenda, nem acidental. É fácil especular a respeito, mas é preferível aguardar o resultado da próxima ou próximas medições de popularidade para que essas possam ser mais cerebrais e menos emocionais. Por ora, pode-se dizer que a redução de oito pontos na popularidade foi mais do que significativa. De 65% para 57%.

Essas considerações não dispensam que se lembre que o PIB está praticamente estacionário, e isso não acontece por acaso. Daí resultam as preocupações de quem pensa a respeito do futuro próximo da nação e, quiçá, também do futuro.

*Jurista, ministro aposentado do STF

Nosso Porto mais Alegre

CARLOS PESTANA*

O dia de hoje marca o início de uma nova etapa na história da capital gaúcha: nosso porto volta a ser motivo de alegria. O governador Tarso Genro está autorizando o início das obras de restauro dos armazéns do Cais Mauá, que, por suas características especiais, é protegido pelo Patrimônio Histórico Nacional e Municipal.

Desde a enchente de 1941, que deixou 70 mil porto-alegrenses flagelados, um muro com três metros de altura e 2,5 quilômetros de comprimento passou a separar o rio da cidade. Foi a solução encontrada para proteger a população da possibilidade de uma nova tragédia, mas que fez, também, com que os porto-alegrenses deixassem de conviver com seu porto. Desde então, o centro da cidade se ressentiu da falta de contato visual com o Guaíba.

Quando nosso governo assumiu o Estado, a execução de um projeto que prometia entregar o Cais do Porto novamente à população era o grande anseio dos porto-alegrenses. Mas a proposta apresentava diversas limitações institucionais, inclusive um processo no Supremo Tribunal Federal que impedia a revitalização da área. O governador Tarso Genro, dentro de uma visão republicana, assumiu a responsabilidade de executar o contrato assinado pelo governo anterior com o empreendedor vencedor de um processo licitatório para reestruturar o cais. Pessoa, para esta decisão, o grande anseio da sociedade em seus diversos setores e representações por voltar



a conviver com o porto. Superamos entraves, constituímos relações com os governos federal e municipal e com os próprios empreendedores para viabilizar o projeto. Esta luta durou cerca de dois anos e meio.

Agora, resolvidos os impasses jurídicos e burocráticos, os gaúchos voltarão a conviver com as estruturas levantadas no início do século 20 e que estabeleceram, à época, novos padrões de higiene, funcionalidade e estética para a construção civil. Os armazéns, compostos de peças metálicas rebatadas em ferro importadas da França e montadas no local, serão recuperados. Os vãos da estrutura, preenchidos com tijolos maciços, serão novamente visíveis. Os armazéns, com suas coberturas com cumeeiras e telhados repetidos em duas águas, recuperarão o ritmo arquitetônico contínuo de belo efeito.

Essas mudanças são estruturais para a cidade, não só em termos culturais e históricos, mas também econômicos. Além dos 5 mil empregos que serão gerados, o novo Cais Mauá atrairá investimentos e modernização. Enfim, a paisagem oculta vai se desvendar novamente para o público. Por trás dos muros, arte, história, cultura, entretenimento, lazer e um belo espaço para contemplação. É a cidade se reencontrando com a sua história e o povo estreitando sua relação com o Guaíba novamente.

O governo do Estado está honrando mais um compromisso assumido e o nosso Porto, enfim, estará mais Alegre. Dito e feito.

*Chefe da Casa Civil

O consórcio entre a presidente popular e um ministério sem fisionomia, a despeito de ser sua criatura, parece ter chegado a seu termo

IOTTI

Futebol



iotti@zerohora.com.br

BRASÍLIA
CAROLINA BAHIAcarollna.bahia@gruporbs.com.br @Carollna_Bahia
Com Caue Fonseca

Vaias e justificativas



Artilheiro no PSD

Integrantes do alto escalão do governo justificam as vaias à presidente Dilma na abertura da Copa das Confederações como uma manifestação da classe média alta, que não está muito satisfeita com o governo do PT. A leitura não está incorreta, mas pela metade. Apesar da queda na popularidade, a presidente continua muito bem avaliada e é favorita às eleições de 2014. Mas as vaias e os movimentos nas ruas são sinais de insatisfação, sim, com os preços mais altos, com a falta de qualidade nos serviços. Protestos devem ser encorajados com naturalidade, integram a democracia. Mas nunca podem ser menosprezados.

Depois da parceria vitoriosa no Grêmio dos anos 90, Danrlei e Jardel (foto) vão ao campo para tentar reeditar o sucesso, mas na política. De olho na candidatura a deputado estadual, o ex-centroavoante se filiou ao PSD e tem viajado com o deputado pelo interior do Estado.

Escolha difícil

Para não atrapalhar a votação do Fundo de Participação dos Estados (FPE) ainda nesta semana no Senado e na Câmara, o governo pode retirar o pedido de urgência do projeto dos royalties para a educação. A proposta começaria a trancar a pauta a partir de hoje. A presidente Dilma manifestou resistência e não queria abrir mão da urgência.

Lupi no Sul

Começa por Caxias, na quinta-feira, o giro de Carlos Lupi pelo Estado. No dia seguinte, ele parte para um périplo por São Borja – recheado de homenagens a Brizola –, Santiago, Jaguaré e Santa Maria. Lupi tende a ouvir pedestistas mais predispostos à candidatura própria no Estado. Em nível nacional, o momento do ex-ministro é diltmista.

Os artigos enviados devem ter até 2.400 caracteres, ou 40 linhas de 60 espaços, e poderão ser divulgados também na edição online de ZH. ■ artigozh@zerohora.com.br ■ zerohora.com/opiniaozh ■ @opiniaozh

ANEXO 19

ZERO HORA SEGUNDA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 2013 39

HÁ 30 ANOS EM ZH

Facebook
Confira material exclusivo em www.facebook.com/ha30anos

AS NOTÍCIAS ABAIXO FORAM PUBLICADAS NA EDIÇÃO DE SEXTA-FEIRA, 17 DE JUNHO DE 1983.

BNH divulga nova tabela de aumentos

Será de, no mínimo, 98% – e de, no máximo, 109% – o reajuste das prestações da casa própria em julho, para os mutuários que escolherem ter aumentos semestrais das futuras prestações. Os números constam de uma circular expedida ontem pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Outra opção para os mutuários é pagar 130% de aumento em julho e seguir com reajustes anuais.



Papa volta à Polónia

Em nova viagem à Polónia, o papa João Paulo II (foto ao lado) encontra um país transformado, devido à criação do sindicato Solidariedade e à instauração do estado de sítio. Ontem, milhares de pessoas receberam o Pontífice, em Varsóvia, aos gritos de "solidariedade", diante da Igreja de Santa Ana, um dos santuários da oposição ao governo. Um eventual encontro com o líder sindical Lech Walesa ainda pode ser confirmado.

Expurgo de preços deve começar em junho

O expurgo que o governo pretende realizar nos índices de preços do país deverá entrar em vigor ainda neste mês, conforme informou ontem o titular da Secretaria Especial de

Abastecimento e Preços, José Milton Dallari. Sindicalistas, empresários, professores e políticos deverão debater o assunto na Fundação Getúlio Vargas na semana que vem.

OUTROS DESTAQUES

● O treinador do Inter, Dino Sani, teve ontem a primeira chance de realizar um coletivo com o novo meio-campo da equipe. Ademir, Wilson Tadei e Ruben Paz não tiveram entrosamento perfeito, mas garantiram que a formação vai progredir.



● Foi descartada a hipótese de Falcão voltar ao Inter. O jogador quer atuar na Itália por mais duas temporadas, e o empresário que iria comprar seu passe desistiu do plano. O impasse entre Falcão e o Roma segue sem solução.



● O Grêmio estreou no Gaúcho vencendo o Inter-SM, ontem, no Olímpico, com gols de Tita, de pênalti (foto acima), e Renato. O novo goleiro, Mazaropi, saiu-se bem, com pelo menos quatro boas intervenções. Mas a torcida não ficou satisfeita com a equipe.

Grêmio 2
Mazaropi; Paulo Roberto, Baidek, De León (Leandro) e Casemiro; China, Osvaldo e Tita; Renato, Caio e Tonho (Lambari)

Inter-SM 0
Osvaldo; Gilberto, Moroni, Donga e Beto; Altair, Luis Fernando e Valdo; Peninha, Zeca (Chicota) e Birinha (Morça)

Pesquisa: Luís Bissigo e Centro de Documentação e Informação/ZH
luis.bissigo@zerohora.com.br ☎ 3218-4777



PAULO SANT'ANA

paulo.santana@zerohora.com.br

O pretexto da revolta

Por um lado, a vaia estrondosa que a presidenta Dilma levou no estádio em Brasília é inexplicável, por outra parte tem sentido. É inexplicável porque ela tem a reeleição praticamente assegurada. E como é que é vaiada se é favoritíssima para sua reeleição?

A outra face da questão é a seguinte: o público que a vaiou estrepitosamente não é o mesmo que vai reelegê-la. Quem vai reelegê-la é o público do Bolsa Família, o extrato pobre da sociedade brasileira.

E o episódio nos faz sentir que quem tem dinheiro para comprar ingresso em Brasil x Japão não vota em Dilma e é a minoria do povo brasileiro.

De qualquer sorte, o fato se verificou em meio a protestos desvairados em Porto Alegre, São Paulo e Rio de Janeiro sob a aparência de que são originados no preço das passagens de ônibus.

No entanto, há outro fato: esses protestos não têm somente causa no preço das passagens de ônibus. Em Porto Alegre, a Justiça mandou baixar o preço das passagens e isso não impediu os protestos posteriores.

Há, então, um vetor psicológico a empurrar para os protestos. Os brasileiros não querem ficar atrás dos turcos e dos árabes em protestos de rua e de alguma forma demonstram sua insatisfação, seja contra qualquer poder erigido, seja por entenderem que não são contemplados com vida digna e salários compensadores.

Há no ar uma revolta que antes era surda e agora se esparrama pelas ruas corajosamente, enfrentando ora os excessos policiais de violência, ora justificadas intervenções das polícias contra atos de vandalismo.

O fato é que esses movimentos de afronta à ordem ou simples manifestações pacíficas nas ruas estão deixando a todos nós estupefatos.

O que querem e para onde irão nesse cavalo de eletricidade?

É tão abrangente essa revolta das ruas, que em São Paulo ela atinge tanto o governador Alckmin, que é do PSDB, quanto o prefeito Haddad, que é do PT. É contra tudo e contra todos, não faz distinção de alvos.

Se está no governo, para os protestativos, é adversário, seja de que partido for.

Mas uma coisa fica agora mais clara: as massas não concordam que os preços das passagens lhes tirem condições melhores de sustento. O dinheiro que gastam com as passagens lhes é retirado dos gastos com comida e com aluguéis. Os governos têm de desonerar imediatamente os impostos que recaem sobre as empresas que transportam passageiros para que as tarifas sejam cada vez mais suportáveis.

Nem o vale-transporte, notável e milagrosa invenção, basta para que as massas se sintam à vontade para sua movimentação urbana.

E são muito caras as passagens no Brasil. Isso que o pretexto para as revoltas nas ruas é o de preço alto nas passagens urbanas, vá-se ver o que custam as passagens para maiores distâncias e a gente se apavorará com esses preços.

Isso vai ter de ser solucionado. Qualquer passagem intermunicipal está nas alturas, sacrificando o povo até o martírio orçamentário.

Isso vai ter de ser solucionado. É um calvário popular inaceitável.

ZEROHORA.COM

Leia o blog do Sant'Ana em www.zerohora.com

Dores no ombro?
Pode ser Tendinite do Ombro
Venha saber mais sobre:
Terapia por ondas de choque

Dr. Paulo Rockett - Creniers 9497
Profa. Eliani Falciano, 29.006
51 3223-8900 - Porto Alegre/RS
www.ortosom.com.br

ORTO SOM



Virou obsessão



FOTOS: CHRISTIANE SIMON/AP

Caravana Brasil

O colunista Diogo Olivier relatará os bastidores da Seleção durante toda a campanha da Copa das Confederações

O do pandeiro

O clima ficou mais leve depois da boa estreia contra o Japão. Jadson comandou o pagode tocando pandeiro no ônibus.

Espião italiano

A Itália tem um analista de desempenho acompanhando a Seleção. Durante o voo para Fortaleza, viajou escrevendo o seu relatório de avaliação, com base nos dados coletados na partida contra o Japão. Felipe sabe disso. Por isso, fecha os treinos táticos.

Calorão no CE

A Seleção fez um treino leve ontem pela manhã, ainda em Brasília. Embarcou em voo fretado às 15h, chegando a Fortaleza no início da noite. O jogo contra o México é quarta-feira, 16h, na Arena Castelão. Logo de cara, dá para perceber que o preparo físico será fundamental. A temperatura é de 30 graus, com aquele sol que castiga e faz suar muito.

Pobre Espanha

A crise econômica da Europa atingiu em cheio a imprensa espanhola. Nenhuma rádio do país cobriu o jogo inaugural entre Brasil e Japão. Os jornais Sport, Marca e Mundo Deportivo, mesmo com Neymar em campo, só tinham um repórter. No passado, vinham com grandes equipes. A ordem é cortar despesas.

Não sei de nada

Felipão passou ao largo das questões políticas após a vitória sobre o Japão. Disse que não sabia nada das manifestações do lado de fora do Estádio Mané Garrincha e menos ainda das vaia para Dilma Rousseff e Joseph Blatter.

Goleador

Paulinho já é o terceiro volante que mais gols fez na história do Corinthians. Só perde para Biro-Biro (74) e Wilson Mano (35), ídolos nos anos 70 e 80. Está repetindo a dose na Seleção.

Depois de ficar nove jogos sem marcar, Neymar abriu goleada contra o Japão

Quem vaiou?

A democracia é o regime da vaia, e não do aplauso. Ainda mais na nossa, conquistada com tanto esforço após 24 anos de silêncio e escuridão. Vaia, portanto, é um direito que deve ser defendido como os espartanos defendiam a Grécia da ambição persa.

Mas as vaia à presidente Dilma Rousseff na solenidade de abertura da Copa das Confederações pareceram menos resultado de crítica fundamentada e mais falta de educação. Ficou uma imagem de desrespeito gratuito à autoridade máxima do país, via satélite, para o mundo todo.

Nem entro no mérito do mandato chancelado pela maioria que, apesar da recente queda de popularidade, segue aprovado pela população. Não é este o ponto

central. A hora e o lugar, eis o problema. Naquele instante, Dilma representava o país organizador do Mundial. Nos representava institucionalmente, portanto.

Não concordo, mas entendo a vaia. Por dois motivos. O primeiro é o público. O do Mané Garrincha não era o que elegeu Dilma. Este ficou do lado de fora. O ingresso caro levou torcedores mais abonados ao estádio.

O segundo motivo é cultural. Vaiair político no estádio é como xingar árbitro. Você já viu árbitro ovacionado? Só lembro de um político cujo nome foi aplaudido neste ambiente: Nelson Mandela. Mas aí a vaia não seria falta de educação, e sim heresia.

Enfim: viva a vaia. Mas esta, para a presidente, ficou feia.

sentiu à vontade para ir à frente, com Luiz Gustavo postado quase como um falso zagueiro.

ATAQUE: JÔ NO RETROVISOR

Ainda bem que Neymar (craque do jogo, segundo a Fifa), Oscar e Hulk foram bem. Fred tem uma costela fissurada, eu sei. Sua função é ficar mais na área mesmo, também sei. Mas o centroavante do Fluminense se movimentou quase nada. Passou minupos sem tocar na bola, quase parado. O pivô para o gol de Neymar, com o peito, o salvou. Jô já está na sua cola.



Jô entrou no final, fez gol em passe perfeito de Oscar e já ameaça titularidade de Fred